

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO – UNIGRANRIO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PROPEP
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – PPGLCH
Mestrado Acadêmico em Humanidades, Culturas e Artes

Jussara Teixeira Quarteu

**NARRATIVAS ONÍRICAS INFANTIS:
REVELANDO IMAGINÁRIOS NA SALA DE AULA**

Duque de Caxias

2017

Jussara Teixeira Quarteu

**NARRATIVAS ONÍRICAS INFANTIS:
REVELANDO IMAGINÁRIOS NA SALA DE AULA**

Dissertação submetida à Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy” (UNIGRANRIO), para a obtenção do grau de mestre em Humanidades, Culturas e Artes. Linha de pesquisa: Educação, Linguagem e Cultura.

Orientadora: Professora Dra. Cleonice Puggian.

Coorientador: Prof. Dr. Joaquim Humberto Coelho de Oliveira.

Duque de Caxias

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE/BIBLIOTECA - UNIGRANRIO

Q1n Quarteu, Jussara Teixeira.

Narrativas oníricas infantis: revelando imaginários na sala de aula /
Jussara Teixeira Quarteu. – 2017.

174 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Humanidades, Culturas e Artes) –
Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de
Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, 2017.

“Orientadora: Prof. Cleonice Puggian”.

“Coorientador: Joaquim Humberto Coelho de Oliveira.

Bibliografia: f. 145-150.

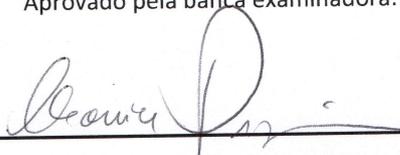
Jussara Teixeira Quarteu

Narrativas Oníricas Infantis: Revelando Imaginários na Sala de Aula.

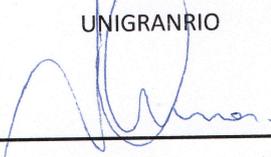
Exemplar apresentado para avaliação pela banca examinadora em

20/03/2017

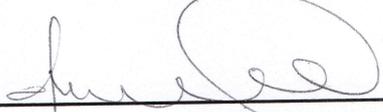
Aprovado pela banca examinadora:



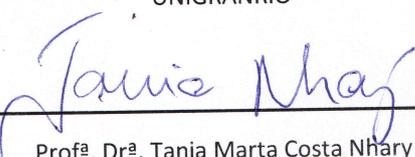
Profª. Drª. Cleonice Puggian
Orientadora
UNIGRANRIO



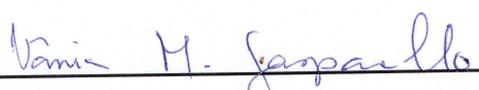
Profª. Drª. Joaquim Humberto Coelho de Oliveira
Coorientador
UNIGRANRIO



Prof. Dr. Jose Carlos Sebe Bom Meihy
Examinador Interno
UNIGRANRIO



Profª. Drª. Tania Marta Costa Nhary
Examinador Externo
UERJ-FFP



Profª. Drª. Vania Medeiros Gasparello
Examinador Externo
UERJ-FFP

Dedico este trabalho ao meu pai, Martinho Luiz Duarte Quarteu (*in memoriam*), à minha mãe, Neli Teixeira Quarteu, à Enrique Fernandez Rivera (*in memoriam*) e à minha filha, Carolina Quarteu Rivera.

AGRADECIMENTOS

O tempo é senhor dos encontros que nos inspiram e nos conduzem permitindo atuarmos e contribuirmos em nossa passagem neste mundo, ao nosso tempo e modo. Outros anteriormente construíram os caminhos que, pelas encruzilhadas da vida, nos encontramos, conversamos e seguimos adiante. E a estes agradeço. Foi no tempo certo que se realizou este encontro com os sonhos infantis.

Agradeço a oportunidade de participar de cada encontro das disciplinas do curso. Já são saudades. Às pessoas, tão diversas, tão especiais, que participaram e contribuíram para iluminar a tomada de decisão quanto ao tema do trabalho. E, também as que contribuíram com suas participações posteriores.

Quero agradecer, em especial, à Prof^a. Dr^a. Cleonice Puggian, minha orientadora nesta empreitada, por suas indicações, orientações, discussões e, principalmente, pela paciência e carinho com que sempre me conduziu nessa jornada, fazendo-me avançar nesta etapa da formação acadêmica. Agradeço também ao Prof. Dr. Joaquim Humberto Coelho de Oliveira, meu coorientador, por suas valiosas contribuições.

Agradeço grandemente ao responsável inicial pelo entusiasmo e interesse pelo tema da pesquisa, querido prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy, provocando sempre com seu exemplo e conhecimento a inspiração e energia renovadas a cada encontro, por mais breve que fossem.

Às crianças, a tantas e incontáveis depois de mais de 25 anos de magistério, que até aqui participaram da minha experiência profissional, da minha vida, pelas tantas trocas e conhecimentos construídos. Principalmente, às crianças que participaram desta experiência, por confiarem e se entregarem à narrativa de suas lembranças oníricas e me permitirem conhecê-las.

À instituição Creche Escola Municipal Dr. Álvaro Alberto que abrigou esta experiência e sua diretora prof.^a Cláudia Diniz, sempre receptiva aos pesquisadores que por lá aportam. Lugar que a vida, tão caprichosa, se encarregou de me instalar no tempo exato. Espaço criado por uma criança sonhadora, mulher revolucionária, professora Armanda Álvaro Alberto (*in memoriam*), que em seu tempo mediou tantos sonhos com seu trabalho voluntário.

Também à Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias, por ter permitido que nossa experiência se realizasse nesta instituição.

Aos amigos, amigas, companheiros (as) de trabalho que a todo momento me incentivaram a continuar e, aqueles que me emprestaram seus ouvidos para falar de sonhos infantis.

E, finalmente, à minha amada filha que por tantos momentos foi necessário abrimos mão de estarmos juntas, mas sempre compreendendo a importância desse período em nossas vidas. Por, em inúmeras ocasiões, contribuir com a leitura dos textos e com seus ouvidos e paciência ao escutar meus pensamentos, me ajudando sempre, mesmo quando distante fisicamente.

Se um tanto de sonho é perigoso, não é menos sonho que há de curá-lo, e sim mais sonho, todo o sonho. É preciso conhecer totalmente os nossos sonhos, para não sofreremos mais com eles (PROUST, Marcel. À procura do tempo perdido, 1913).

RESUMO

Este estudo teve como objetivo documentar as experiências oníricas de dez crianças, cinco meninos e cinco meninas, com idades entre 9 e 12 anos, do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública no município de Duque de Caxias, moradoras no bairro Parque Vila Nova e seus arredores. A questão que orientou esta pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, foi: quais são os sonhos sonhados recentes, estranhos e recorrentes deste grupo de crianças e o que o imaginário onírico destes sujeitos nos revelam sobre a constituição das identidades infantis na baixada fluminense? Os dados foram coletados na própria escola, por meio de entrevistas com as crianças que, ao final, realizavam um desenho sobre os sonhos narrados, dando-lhes um título. Uma história infantil foi criada como motivação inicial. Foram selecionados dezoito sonhos, assim como suas respectivas ilustrações e interpretações. O roteiro de entrevista, baseado no trabalho de Martins (1996), que recuperou os sonhos como campo de estudo, explorou os sonhos recentes, os sonhos recorrentes e os sonhos estranhos. Buscamos identificar os sujeitos e lugares, os temas e os fatos que participaram destes imaginários infantis. O referencial teórico deste estudo, de natureza interdisciplinar, abrangeu, principalmente, a antropologia e a sociologia oníricas, incluindo a psicologia analítica, além de estudos sobre o imaginário, explorando, inclusive, as possibilidades de uma Pedagogia do Imaginário. Como resultado das análises, foi possível encontrar temáticas comuns, “tons vitais” essenciais à experiência da vigília e dos sonhos destas crianças, como a morte, o medo, o estranhamento e a preocupação financeira e profissional. As narrativas oníricas infantis nos ensinaram que a escola é o espaço social privilegiado onde a imaginação deve ser cultivada na busca de uma relação pedagógica mais humanizante. O imaginário é o espaço ou o modo onde a imaginação se faz ação, e a escola é o espaço social, por excelência, de possibilidades de rebeldia, de mudanças. O espaço de formação onde o imaginário pode se libertar das amarras do cotidiano, das impossibilidades que frustram a construção de um país humanizado, onde as crianças sejam respeitadas e lhes seja respeitado o tempo de ser criança.

Palavras-chave: Infância. Sonho. Imaginário. Escola.

ABSTRACT

This study aimed to document the dreams of ten children, five boys and five girls, ages 9 to 12, enrolled in the 4th year of elementary education, in a public school located near Parque Vila Nova, Duque de Caxias, Baixada Fluminense. The question that guided this exploratory qualitative research was: what are the recent, strange and recurrent dreams of this group of children and what do they reveal about the constitution of children's identities? Data were collected in the school itself, through interviews with the children who also made a drawing about their dreams, giving them a title. A children's book was created for an initial motivation. Eighteen dreams were selected, as well as their respective illustrations and interpretations. The interview script, based on the work of Martins (1996), explored recent dreams, recurrent dreams and strange dreams. We sought to identify the subjects and places, the themes and the facts that participated in these children's imaginaries. The theoretical framework of this study had an interdisciplinary nature, being based on the anthropology and sociology of dreams, including analytical psychology, as well as on studies about the imaginary, exploring, even, the possibilities of an Imaginary Pedagogy. It is possible to find common themes, "vital tones", which are essential to the waking experience and dreams of these children, such as death, fear, estrangement, and financial and professional concerns. Children's dream narratives have taught us that school is the privileged social space where imagination must be cultivated in the search for a more humanizing pedagogical relationship. The imaginary is the space or the mode where the imagination becomes active, and the school is the social space, par excellence, where possibilities of rebellion and change could become possible. Schools should be a space of education where the imaginary could free itself from the chains of daily life, moving away from the impossibilities that frustrate the construction of a humanized country, where children should be respected and their time of being children should be respected.

Keywords: Childhood. Dream. Imaginary. School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 TESSITURAS DE UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE NARRATIVAS ONÍRICAS INFANTIS	15
2 SONHOS: CONHECIMENTO HUMANO E A BUSCA DE SIGNIFICADOS	23
2.1 CONTRIBUIÇÕES DA ANTROPOLOGIA ONÍRICA.....	23
2.2 CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLOGIA ONÍRICA.....	25
2.3 CONTRIBUIÇÕES DE ESTUDOS SOBRE IMAGINÁRIO SOCIAL	31
3 SONHOS INFANTIS: NARRATIVAS, ILUSTRAÇÕES E INTERPRETAÇÕES	38
3.1 SONHOS DA CAROLINA (12 anos)	41
3.1.1 O MELHOR SONHO DO MUNDO!	41
3.1.2 UM SONHO LINDO	42
3.1.3 A COBRA ME MORDEU.....	44
3.1.4 O CAIXÃO	44
3.1.5 SOBRE OS SONHOS DA CAROLINA.....	45
3.2 SONHOS DO JOÃO (10 anos).....	50
3.2.1 MINHA AVÓ.....	50
3.2.2 SONHO MUITO LINDO.....	51
3.2.3 SOBRE OS SONHOS DO JOÃO	52
3.3 SONHOS DO MARCELO (10 anos).....	54
3.3.1 EU ERA JOGADOR DE FUTEBOL.....	54
3.3.2 EU SONHEI COM DINHEIRO	55
3.3.3 SOBRE OS SONHOS DO MARCELO.....	56
3.4 SONHO DO GABRIEL (12 anos).....	58
3.4.1 UM SONHO AVENTUREIRO	58
3.4.2 SOBRE O SONHO DO GABRIEL.....	59
3.5 SONHOS DA LARISSA (10 anos).....	61
3.5.1 A AMIZADE	61
3.5.2 A CASA E A MULHER.....	64
3.5.3 SOBRE OS SONHOS DA LARISSA	66
3.6 SONHO DO OLAVO (9 anos).....	69
3.6.1 SEQUESTRO DE CRIANÇAS COM PESADELO	69
3.6.2 SOBRE O SONHO DO OLAVO	74
3.7 SONHO DA MARIANA (11 anos)	76
3.7.1 A MORTE DOS MEUS PAIS.....	76
3.7.2 SOBRE O SONHO DA MARIANA.....	78
3.8 SONHO DA ANDREIA (12 anos).....	81
3.8.1 UM SONHO QUE NÃO MUDA	81
3.8.2 SOBRE O SONHO DA ANDREIA.....	91
3.9 SONHO DA THAÍS (10 anos).....	93
3.9.2 EU E MINHA FAMÍLIA VIAJANDO	95
3.9.4 SOBRE OS SONHOS DA THAÍS	103
3.10 SONHOS DO THIAGO (10 anos).....	106
3.10.1 EU E MINHA FAMÍLIA	106

3.10.2 O HOMEM MAU	108
3.10.3 A FAMÍLIA FELIZ.....	113
3.10.4 SOBRE OS SONHOS DO THIAGO	119
4 O QUE NOS ENSINAM AS NARRATIVAS ONÍRICAS INFANTIS?	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS	145
APÊNDICE A – ROTEIRO / ORIENTAÇÃO PARA AS ENTREVISTAS	151
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE E ESCLARECIDO	152
APÊNDICE C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS	153
APÊNDICE D - CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO SEDIADORA DA PESQUISA	154
APÊNDICE E – CÓPIA DO LIVRO “ONDE MORAM OS SONHOS”	155

INTRODUÇÃO

Quando era criança sonhava que podia voar! Não tinha asas, mas podia voar! E a cada experiência, ao dormir, tentava analisar e entender como conseguia fazê-lo, procurava ser metódica, atenta aos detalhes, pois sabia, tinha consciência, mesmo sonhando, que era uma aberração, uma diferença que me fazia especial e um segredo que mantinha comigo mesma.

Estudava meus próprios sonhos dos 6 aos 10 anos, aproximadamente. Eram incríveis! Inicialmente, só aconteciam a partir do meu terraço, através de uma técnica de respiração, que aos poucos fui percebendo e entendendo. Mas, com o tempo, podia executar meus vôos a partir de onde estivesse. Mesmo do pátio da escola, sonhando, vivia essas experiências em que tentava alçar voo, mas o movimento e o barulho costumeiros do lugar atrapalhavam bastante e só conseguia voar baixo e nunca conseguia sair do pátio da escola, lembro-me bem. Em meus sonhos, plainava por sobre a rua onde morava, acima dos fios elétricos, e aterrissava calmamente, bem no meio dela, para seguir andando...

Meu pai era um antigo comerciante. Residíamos em um sobrado do início do século XX, em São Cristóvão, no Rio de Janeiro. As pessoas que participavam das minhas aventuras oníricas, assistindo ao meu poder de voar, eram todas conhecidas, vizinhos e comerciantes do local e não se importavam. Era como se não pudessem me ver ou como se o que eu estava fazendo fosse banal, não lhes despertava atenção ou espanto. Era literalmente ignorada por todos. Ao dormir, voava dentro de casa, subindo os inúmeros degraus que davam acesso ao terraço sem precisar tocá-los com os pés. Esses sonhos não eram somente sonhos noturnos. Todos os dias, após o almoço, tínhamos por hábito dormir. Minhas irmãs reclamavam, mas eu adorava. Era hora de sonhar!

Com o tempo passei a ter a certeza de que seria capaz de voar em qualquer circunstância. Lembro, também que duvidava um pouco disso, pois não entendia por que, acordada, “ainda” não conseguia fazê-lo. Mas continuei tentando por um bom tempo. Ia ao terraço, sozinha, e treinava a mesma respiração executada durante os sonhos. Pensava como poderia conseguir voar como nos sonhos, onde era sempre possível, apesar de nem sempre ser fácil, pois exigia um estado de concentração e movimentos específicos de respiração. Ficava horas por lá, sozinha. Infelizmente, nunca consegui.

Certo dia, quase sofri um grave acidente em função da ilusão de poder voar. Foram trocadas as portas do comércio do meu pai e as portas velhas foram colocadas enroladas e descuidadamente encostadas junto ao muro do terraço que dava para a rua. Era um material muito velho, portas de ferro, de enrolar, enormes. Tive a ideia de brincar de gangorra, em pé, me equilibrando nesse material, que de tão pesado que era, resistia ao meu peso e me sustentava. As pessoas na rua foram se aglomerando ao me verem balançar. Meu pai apareceu para entender o que estava acontecendo e minha mãe, apavorada, subiu ao terraço e com todo o cuidado pediu, aflita, para eu descer dali.

Hoje penso que poderia ter morrido por causa do desejo de voar. Mais de uma vez fui passear no beiral externo do muro do terraço do sobrado onde morava, ou mesmo me esconder por lá nas brincadeiras de esconde-esconde com minhas irmãs. Subir em árvores não era perigoso! Fui, na verdade, uma criança destemida, atrevida. Tinha a certeza de que na hora do perigo, se acontecesse algo, voaria como um pássaro!

Meus sonhos infantis, até mesmo na infância, são constantemente rememorados junto às crianças que me cercam, junto aos meus alunos e à minha filha. Gosto de relembrar detalhes, emoções, passagens, sabores e cheiros da infância, pequenos detalhes que não me abandonam. Talvez isso possibilite não me afastar muito, no redemoinho do cotidiano, da sensibilidade que envolve e protege a alma infantil.

Quando ingressei no mestrado, como trabalho de uma das disciplinas, fui convidada a entrevistar um grupo de pessoas sobre seus sonhos recorrentes, recentes ou estranhos, seguindo a proposta do trabalho de José de Souza Martins (1996). Era um projeto previsto como parte das aulas do professor Dr. Joaquim Humberto C. de Oliveira, filósofo, e da professora Dr^a Ana Paula Soares Lemos, da área de comunicação, na disciplina “Gênero e Interdisciplinaridade”, do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes, da Universidade do Grande Rio, UNIGRANRIO, no segundo semestre de 2014. Este projeto envolveu de tal forma o grupo de mestrandos, que conseguimos coletar um rico material de forma coletiva e interdisciplinar, o que acabou fazendo parte de um projeto maior coordenado pelo professor Dr. José Carlos Sebe Mehry, que resultou no livro *Aventuras Oníricas: experiências pedagógicas em narrativas, textos e imagens* (2015).

Participando deste grupo de mestrandos, pude viver a experiência de recolher sonhos infantis. Fui a única no grupo de mestrandos que optou pelas crianças,

escolha evidente para mim, por trabalhar diretamente com elas em sala de aula por mais de vinte e cinco anos consecutivos. Para mim, foi uma escolha óbvia. Foi tão envolvente que todos os meus alunos, das duas turmas de 5º ano do ensino fundamental, com as quais trabalhava naquele momento, imediatamente quiseram participar. Todas tinham experiências oníricas para contar. Todas estavam ansiosas para serem ouvidas. Queriam falar de suas experiências ao dormir.

Esta experiência despertou-me para a possibilidade de conduzir uma pesquisa de mestrado sobre narrativas oníricas infantis. Após uma conversa com a professora Dr^a Cleonice Puggian, minha querida orientadora, decidi que este seria o caminho a seguir. Queria ouvir meus alunos! Conhecê-los! Queria dar tempo e espaço para que falassem e nos contassem suas experiências oníricas, utilizando suas falas e desenhos. Desenhos que, a princípio, tinham o objetivo de finalizar nossos encontros como uma atividade lúdica, e que se revelaram participantes ilustres, ricas fontes de informação, passando a integrar o trabalho.

Lançando mão de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, decidi investigar as narrativas oníricas das crianças duquecaxienses, em outras palavras, desvelar o que sonham meninos e meninas, entre 9 e 12 anos de idade, do 4º ano do ensino fundamental, da Creche Escola Municipal Doutor Álvaro Alberto, moradoras do Parque Vila Nova e seus arredores, reunindo suas narrativas e imagens oníricas conforme a proposta de José de Souza Martins (1996).

Estabeleci quatro objetivos específicos: 1) identificar os lugares e os sujeitos que participam da realidade onírica destas crianças; 2) descrever os fatos e as temáticas recorrentes ou as mais significantes das realidades oníricas deste grupo de crianças; 3) destacar os tipos de sonhos que mais ocorrem: os recentes, os estranhos e/ou os recorrentes; e 4) averiguar a participação do universo escolar nas experiências oníricas destes sujeitos, apreendendo a dimensão simbólica da escola a partir da análise destas narrativas infantis: o sentido deste espaço e de suas práticas para o grupo de alunos participantes deste estudo.

A questão orientadora do estudo foi: quais são os sonhos sonhados recentes, estranhos e recorrentes deste grupo de crianças e quais as pistas o imaginário onírico destes sujeitos nos revelam sobre a constituição das identidades infantis na baixada fluminense?

Utilizamos o conceito de sonho na perspectiva de Martins (2010), que o considera como documento “sobre o estado do relacionamento social entre nós e nós mesmos”. Este conceito se estabelece através da “mediação das experiências

sociais concretas do vivido como referência da memória”, da lembrança dos sonhos entendidos enquanto “resíduos insubmissos da racionalidade e dos poderes dela derivados” que ‘ao invadirem a vida cotidiana” transformam “a imaginação em imaginário, a criação em submissão, a coragem em medo” (MARTINS, 2010, p.59-60; 78).

O texto da dissertação organiza-se em quatro capítulos. O primeiro apresenta as tessituras que compuseram o percurso metodológico adotado na pesquisa; o segundo o referencial teórico-metodológico do estudo, de natureza interdisciplinar, apoiado, principalmente, na antropologia e sociologia oníricas; o terceiro capítulo por sua vez, é dedicado à apresentação dos vinte sonhos selecionados, assim como suas respectivas ilustrações e análises; o quarto capítulo versa sobre as aprendizagens e ideias provenientes das narrativas e ilustrações apresentadas no capítulo três, explorando o “tom vital” dos sonhos e suas contribuições para pensarmos a infância e a identidade das crianças que frequentam a educação formal em escolas públicas de municípios brasileiros, tais como Duque de Caxias. O texto se encerra com considerações sobre as narrativas oníricas, o imaginário infantil e a educação.

1 TESSITURAS DE UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE NARRATIVAS ONÍRICAS INFANTIS

Considerando como fontes legítimas de interpretação o conhecimento do(da) sonhador(a), partimos do pressuposto de que as documentações originadas pelas narrativas dos sonhos infantis desvelam o estado do relacionamento social entre a criança e ela mesma e a alteridade que mediatiza a sua formação enquanto ser social (MARTINS,1996).

Esta proposta de pesquisa surgiu a partir da leitura do trabalho de José de Souza Martins (1995), que recupera os sonhos como campo de estudo, proposta iniciada pelo professor Florestan Fernandes, no início dos anos quarenta, em seu trabalho pioneiro sobre os sonhos dos moradores da cidade de São Paulo, quando este ainda era estudante do curso de Ciências Sociais.

Parti do pressuposto de que as crianças são sujeitos sociais que se adaptam, internalizam, mas também negociam, compartilham e criam culturas com os adultos e com seus pares, se constituindo socialmente através da negociação com seus próximos na construção da sua identidade (DELGADO; MÜLLER, 2005, p. 351).

A criança é capaz de dar continuidade a um mundo cheio de normas e regras ditadas pelos adultos e, ao mesmo tempo, com suas interações, de construir suas culturas, sua vida, reconstruindo esse mundo. O lugar da infância no mundo pode ser compreendido como um “entre-lugar” (BHABHA, 1998, p.20). É um espaço intersticial entre o mundo dado pelos adultos e os “mundos de vida das crianças”. Sarmiento (2003, p. 2-3) afirma que esse “entre-lugar, socialmente construído, mas existencialmente renovado pela ação coletiva das crianças” no passado e no futuro, é um lugar na história.

E foi ouvindo a narrativas das crianças que pretendi dar luz aos sonhos, que juntos, nos mostram, inclusive, a concepção de infância construída nos entre-lugares da Baixada Fluminense. São as concepções de infância que definem as ações voltadas às crianças e aos lugares que lhes são destinados. E, o modo como “as crianças atuam e o que elas pensam do mundo acontece a partir (mesmo que contra) desta posição que lhes é oferecida e que elas conhecem e reconhecem” (COHN, 2013, p. 241).

O trabalho de campo ocorreu durante o primeiro semestre de 2016 na Escola Regional Meriti, que recebe o nome atual de Creche Escola Municipal Doutor Álvaro

Alberto, nome dado em homenagem ao pai da professora Armanda Álvaro Alberto, idealizadora da escola no início dos anos 20.

A inauguração da Escola Regional de Meriti insere-se num contexto de influência da obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha: um Brasil cindido entre o litoral e o ambiente sertanejo. Nessa visão dicotômica, presente na matriz euclidiana, a reunião desses “dois brasis” suscitava políticas sociais comprometidas com a incorporação da população sertaneja à nação brasileira. Vale notar que a trajetória de Armanda e/ou da própria Escola Regional tem sido objeto de análise no mundo acadêmico, como expressam, por exemplo, os trabalhos de Ana Chrystina Venâncio Mignot, Ana Maria Magaldi, Júlio Cesar Paixão Santos e Vilma Correa Amancio da Silva. A Escola Regional nasceu gratuita, embora tenha sido o resultado de uma iniciativa particular, contando com um grupo de colaboradores que partilhava do mesmo projeto. A ação da Escola “Mate com Angu”, como até hoje é conhecida em Duque de Caxias, extrapolava seus muros e desafiou modelos cristalizados pelo tempo tanto no campo educacional como nas práticas sociais. Armanda, uma mulher comprometida com as lutas de seu tempo e com os mais humildes, inaugurou a Escola Regional antes mesmo da fundação da Associação Brasileira de Educação, que ocorrera três anos depois, em 1924. Como educadora, buscava pôr em prática um ideário que se contrapunha ao modelo tradicional em suas distintas facetas. Não foi uma trajetória simples nem linear e, por isso, a presença firme de amigos e de colaboradores, que apostavam no projeto renovador que a escola materializava, foi fundamental para enfrentar resistências diversas (ALCÂNTARA, 2016, p.19).

Na reimpressão do documentário “A Escola Regional de Meriti” (2016)¹ sobre os 43 anos de convivência da professora Armanda Álvaro Alberto com o povo de Duque de Caxias, a signatária do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova registra problemas da atualidade que já eram enfrentados à época. Trata-se de uma obra que se apresenta tão atual quanto as palavras do querido poeta e escritor Carlos Drummond de Andrade, ao se pronunciar neste documentário, como seu amigo e colaborador, com seu artigo anteriormente publicado na Folha Carioca, em 15 de janeiro de 1945.

Se os relatórios burocráticos são sempre envoltos numa camada de tédio, há outros, os escolares, que podem oferecer-nos a sugestão dos documentos sociológicos e mesmo o interesse dos romances. Contar a vida de uma escola, durante um ano, é tarefa que deveria seduzir o escritor, ou despertar em quem não o fosse o desejo de sê-lo, porque nada há mais vivo e rico de humanidade, mais cheio de problemas e sugestões, do que o funcionamento da comunidade escolar. Necessariamente, a narrativa do ano será tanto mais palpitante quanto maior for a integração da escola nos seus verdadeiros fins; porém, mesmo da escola triste, mal dirigida e de nenhum rendimento, se poderá fazer uma pintura impressionante que desperte no leitor o sentimento de curiosidade e, mais, o de solidariedade com a pobre infância que ali se destrói. O relatório não é, pois, em si, coisa enfadonha. Saiba-se escrevê-lo, isto é, saiba-se ver o que está aí para ser visto, sentido e interpretado, e logo se conseguirá isto que, aparentemente,

¹ ALBERTO. Armanda Álvaro (Org.). **A Escola Regional de Meriti**: documentário: 1921-1964; [Autores] Alberto J. Sampaio...[et al.]. Brasília: Inep, CEPEMHed, 2016.

é tão difícil: interessar o povo na vida escolar. Que sabem os pais da escola? Nada ou quase nada. É o lugar onde se guardam os filhos durante o dia. Deve ter conforto e ensinar alguma coisa; se o filho for tratado com injustiça, os melhores pais resignam-se a perder o dia de trabalho para irem reclamar do diretor. No mais, o filho e a escola que se arranjam. Em vão a escola tenta chamar o pai, atraí-lo ao seu convívio. Não há tempo. A escola que fique no seu canto, realizando imperfeitamente, porque sem a colaboração dos pais e do resto da família, a obra educativa. Mas há escolas que chamam, que continuam a chamar, na indiferença geral, não só os pais como todos os homens, diria, de boa vontade, se a expressão não estivesse desmoralizada (hoje chamamos de homens de boa vontade os que a têm ou não têm nenhuma de melhorar os rumos das coisas). Escolas teimosas, que querem vir até nós, já que não vamos até elas. Entre estas, figura a Escola Regional de Meriti, que há dezoito anos funciona em Caxias e é uma pequenina e grande casa devotada à educação do povo nas suas camadas mais singelas. (DRUMMOND, 2016, p. 135-136).

Segundo registros antigos, ela própria, a Professora Armanda Álvaro Alberto, também sonhou desde menina com uma escola que pudesse oferecer educação e alimentação aos filhos e filhas dos trabalhadores da Baixada Fluminense, já nos idos de 1921. Sonho antigo, sonho de criança da professora Armanda Álvaro Alberto, quando a escola pública para todos em nosso país era ainda um sonho distante.

Em germe, a Escola Regional de Meriti já estava na carta de uma criança a uma revista infantil, no ano de 1906. A vocação pedagógica de Armanda Álvaro Alberto e sua intuição do sentido social da escola revelaram-se precocemente, muito antes de se concretizarem na grande obra que iniciou em Angra dos Reis e desenvolveu em Meriti. Conto de fadas, sonho de criança e adolescente que se torna realidade, pouco importa. Quando o que parecia maravilhoso patenteia-se aos nossos olhos como fato objetivo, somos forçados a procurar uma explicação natural. A infância de Armanda transcorre em ambiente de alta densidade intelectual. O pai, médico ilustre, homem de ciência e professor, é o seu grande mestre, guia, exemplo e modelo. A imagem do Dr. Álvaro Alberto é permanente no espírito da filha. Devem-se a essa influência o interesse de Armanda pelos seres e fenômenos naturais, seus hábitos de observação, sua constante inquietude intelectual. A adolescente lê Júlio Verne e lê Fabre. Dois símbolos... O sonho e a realidade. Os voos da imaginação e a observação meticulosa. Vem dessa fase da vida a atitude, que conserva até hoje, de “naturalista sentimental”, que se encanta na contemplação do maribondo que faz a casa de celulose ou de João e sua cara-metade a construírem o ninho de barro... Mais tarde, quem visitasse a Escola Regional de Meriti poderia verificar que são amigos e colaboradores de Armanda, naquela obra admirável, homens como Heitor Lyra, Belisário Penna, Roquette Pinto, Alberto Sampaio, dignos representantes do que de melhor havia em educação, saúde pública, ciências da Natureza (ARAÚJO, 2016 p. 23-26).

Situados na escola mais antiga de Duque de Caxias - que hoje é tombada, fazendo parte do patrimônio histórico da cidade – escolhemos trabalhar com uma turma do quarto ano do ensino fundamental, para a qual lecionaria caso não estivesse licenciada para o mestrado. Cabe lembrar que trabalho como professora do município desde 1990, e nesta escola desde 2011, sempre com turmas de 4º e 5º

anos. Assim precisei contar com a parceria da professora regente e da equipe de gestão, a quem deixo meus sinceros agradecimentos.

Iniciamos a coleta de dados no primeiro semestre de 2016, logo após a finalização da greve. Conseguimos entrevistar doze crianças de um total de 23 alunos inscritos na turma, sendo seis meninos e seis meninas.

Havia mais crianças que queriam participar, mas infelizmente, não conseguimos as autorizações dos responsáveis, apesar de insistirmos, de várias formas, em sua presença na escola. A princípio o convite foi feito oralmente e por escrito, por dois dias consecutivos e nenhuma criança em casa “lembrou” de falar com os pais. Em função de estarem retornando à escola após um longo período de greve dos professores, poucas crianças estavam comparecendo na primeira semana. Na entrada e na saída dos alunos não conseguia contato com os pais, pois os poucos que iam levar e buscar os seus filhos ou suas filhas na escola, um ou dois, nem entravam na escola.

No terceiro dia, sem sucesso para conseguir com que os responsáveis comparecessem à escola, preparei um lindo convite com um envelope contendo os símbolos da noite, uma lua e uma estrela prateadas, e distribuí às crianças para que entregassem aos seus responsáveis. Tarefa que se estendeu por alguns dias, pois ia entregando conforme os (as) alunos (as) compareciam à escola. A professora da turma, sempre prestativa, ajudou muito nessa empreitada.

E, assim, conseguimos com que seis responsáveis comparecessem à escola no dia e horário combinados. E mais alguns foram vindo nos dias que se seguiram conforme sua curiosidade, insistência das crianças para participarem do projeto de pesquisa ou de acordo com suas disponibilidades diante do trabalho ou ocupações que impedem que pais e mães estejam mais próximos da escola. Sem dúvida, a primeira dificuldade encontrada na realização do projeto foi trazer os pais à escola. Destaco, também, a dificuldade de encontrar-me com as crianças na escola, devido à inconstância de sua frequência às aulas. É bastante elevado o número de faltas, na maioria das vezes sem motivo declarado ou qualquer explicação à escola ou à professora.

Como mencionado, a turma escolhida era formada por 23 alunos, sendo 15 meninos e 8 meninas. Conseguimos entrevistar 12 alunos, sendo 6 meninas e 6 meninos entre 9 e 12 anos de idade. Coletamos um conjunto de vinte e seis sonhos narrados e dezessete desenhos, como mostra a tabela abaixo.

Tabela 1 – Participantes da pesquisa e seus sonhos.

ALUNO(A)	IDADE	SEXO	SONHO ESTRANHO	SONHO RECORRENTE	SONHO RECENTE	TOTAL	DESENHOS
CAROLINA	12	F	4			4	2
JOÃO	10	M		1	1	2	1
MARCELO	10	M	1	1	1	3	1
GABRIEL	10	M	1	1		2	1
LARISSA	10	F	1	1		2	1
OLAVO	9	M	1			1	3
TADEU	11	M	3			3	1
MARIANA	11	F		1		1	1
ANDREIA	12	F		1		1	1
SIMONE	9	F	1			1	1
THAÍS	10	F	3			3	1
THIAGO	10	M	1	2		3	3
12	TOTAL		16	8	2	26	17

Fonte: elaborado pela autora.

Entre os sonhos ouvidos e transcritos, oito alunos narraram mais de um sonho, mas somente Thiago (10 anos) fez um desenho para cada um dos três sonhos narrados. Um deles considerou estranho e os outros dois recorrentes. Olavo (9 anos), por sua vez, precisou fazer três desenhos para representar um único sonho, considerado pelo mesmo como estranho.

Seguimos a metodologia proposta por Martins (1996), na qual o próprio sonhador classifica seus sonhos como recorrentes, recentes ou estranhos. Tivemos dezesseis sonhos classificados como estranhos, correspondendo a mais da metade dos sonhos narrados. Oito sonhos foram classificados como recorrentes, correspondendo a aproximadamente um quarto do total dos sonhos e somente dois sonhos foram considerados como recentes, que representam, aproximadamente, dois por cento do total das narrativas.

A turma é formada em sua grande maioria por meninos, sendo composta por somente oito meninas. Entre as oito meninas, seis participaram da nossa pesquisa, pois duas não conseguiram autorização dos responsáveis.

Das meninas participantes, quatro consideraram seus sonhos estranhos, participando com a narração de nove sonhos; três os consideraram recorrentes, cada uma narrou somente um sonho e uma aluna em seus dois sonhos narrados os classificou como sendo um sonho recorrente e o outro como um sonho estranho. Tivemos, portanto, entre as seis meninas participantes, doze sonhos narrados. Destes doze sonhos, nove foram considerados estranhos. Nenhuma das meninas considerou seus sonhos como recentes.

Os seis meninos que participaram da pesquisa nos contaram quatorze sonhos. Cinco meninos participaram narrando sete experiências consideradas como

estranhas e quatro meninos narraram cinco experiências consideradas por eles como recorrentes. Somente dois meninos contaram um sonho cada um, considerados por eles como recentes.

Portanto, o grupo participante privilegiou os sonhos estranhos. É a estranheza, a emoção, o sentimento que marca o sonhador, que, em sua maioria, faz guardar na memória as experiências oníricas, e não o tempo em que elas ocorreram ou sua repetição.

Dos doze alunos que compunham o grupo participante, tínhamos dois alunos com 9 anos, sendo um menino e uma menina; seis alunos com dez anos, portanto a metade do grupo, sendo quatro meninos e duas meninas; dois alunos com onze anos, sendo um menino e uma menina e duas meninas com doze anos, conforme demonstra a Tabela 2.

Tabela 2 – Idade dos participantes da pesquisa.

IDADE E SEXO DOS (AS) PARTICIPANTES			
IDADE	MENINOS	MENINAS	TOTAL
09 ANOS	1	1	2
10 ANOS	4	2	6
11 ANOS	1	1	2
12 ANOS	0	2	2
TOTAL	6	6	12

Fonte: elaborada pela autora.

Meu interesse era conhecer esse grupo de crianças procurando contextualizar, inclusive, as circunstâncias de suas experiências oníricas. Nossos encontros se iniciavam com a contação da história “Onde moram os sonhos?”², especialmente criada por mim e pela prof. ^a Dr^a Cleonice Puggian, com ilustrações de Allan Campos, desenhista e morador de Duque de Caxias, como forma de introduzir o tema dos sonhos infantis junto a cada aluno (a) entrevistado (a) neste grupo. Minha empreitada seguiu a sugestão de Prout (2010, p. 739), procurando por meio da interdisciplinaridade, construir esse diálogo necessário pela evidente complexidade do objeto de estudo. Como a infância, o sonho infantil constitui-se de “redes heterogêneas do social”, onde ainda segundo Latour (1993)³, citado por Prout (2010, p. 740), “simultaneamente são reais como a natureza, narrados como o discurso e coletivos como a sociedade”. A infância e também os sonhos infantis,

² Cópia no apêndice E.

³ LATOUR, B. We have never been modern. Hemel Hempstead: Harvester/Wheatsheaf, 1993 p. 6.

entendidos como fenômenos complexos em que a cultura e a natureza se aglutinam para possibilitá-los, são pensados enquanto híbridos, sendo assim desafiadores em sua análise (PROUT, 2010, p. 740).

Considerando os limites da pesquisa, selecionei para análise 20 sonhos narrados por dez crianças, adotando como critério de escolha a clareza das narrativas e os detalhes empregados na caracterização dos sonhos.

Quanto às análises, utilizei um processo de tematização, procurando agrupar as narrativas sempre que possível por elementos que lhes fossem comuns, ou seja compartilhados, também chamados de “tons vitais” (LEMOS et al, 2015, p. 27).

Tabela 3 – Lista dos participantes e sonhos selecionados para análise.

SONHADOR (A)	TÍTULO DO SONHO	TIPO DO SONHO	TEMÁTICA DO SONHO
1. CAROLINA	O melhor sonho do mundo	Estranho	Fé cristã, Deus, visita ao céu
	Um sonho lindo	Estranho	Revelação divina de uma gravidez
	A cobra me mordeu	Estranho	Morte
	O caixão	Estranho	Morte
2. JOÃO	Minha avó	Recorrente	Morte
	Um sonho muito lindo	Recente	Impossibilidade de brincar de videogame com o pai
3. MARCELO	Eu era jogador de futebol	Recente	Prestígio e dinheiro como jogador de futebol
	Eu sonhei com dinheiro	Recorrente	Encontrar dinheiro
4. GABRIEL	Um sonho aventureiro	Recorrente	Lugares que se transformam em outros lugares
5. LARISSA	A amizade	Estranho	Impossibilidade de comer doces
	A casa e a mulher	Recorrente	Lugar e pessoas desconhecidos
6. OLAVO	Sequestro de crianças com pesadelo	Estranho	Sequestro e violência na escuridão
7. MARIANA	A morte dos meus pais	Recorrente	Morte dos pais
8. ANDREIA	Um sonho que não muda	Recorrente	Visão da mãe já falecida
9. THAÍS	Eu sonhei ajudando um homem	Estranho	Futuro profissional
	Eu e minha família viajando	Estranho	Viagem com os pais
	Eu quero ser advogada	Estranho	A solução pela Justiça
10. THIAGO	Eu e minha família	Recorrente	União familiar
	Um homem mau	Estranho	Sequestro e medo
	A família feliz	Recorrente	Declaração de amor do pai adotivo

Fonte: elaborada pela autora.

De forma geral, procuramos com este estudo revelar os sujeitos e lugares, temas e fatos que participam destes imaginários infantis através das narrativas e ilustrações transformadas em documentos sociais. A intenção foi construir uma via de acesso ao imaginário infantil com o qual pretendemos compreender aspectos do cotidiano desse grupo social, enquanto sujeitos em construção e construtores de suas culturas. Aspectos para serem levados em consideração nas mediações escolares e nos temas que deveriam ser privilegiados nas discussões em sala de aula, que possam também favorecer a compreensão da infância em sua pluralidade, informando gestores e formuladores de políticas públicas sobre a necessidade de se investir em práticas pedagógicas que privilegiem uma educação plural e o direito à infância.

2 SONHOS: CONHECIMENTO HUMANO E A BUSCA DE SIGNIFICADOS

“No sonho, ajo sem querer; quero sem poder; sei sem nunca ter visto, antes de ter visto, vejo sem prever.”

Paul Valéry

Antes de apresentar os sonhos coletados durante a pesquisa, considero relevante indicar o referencial teórico-metodológico que apoiou a idealização e realização do estudo. Destaca-se, neste sentido, a perceptiva interdisciplinar, que se materializa na articulação de conceitos advindos da antropologia e sociologia oníricas, além da psicologia e da história. A investigação dos sonhos infantis também nos remete aos estudos sobre o imaginário, explorando as possibilidades de uma Pedagogia do Imaginário.

2.1 CONTRIBUIÇÕES DA ANTROPOLOGIA ONÍRICA

Foi, segundo Araujo (2003), a partir dos anos 1940 que o interesse pelos estudos oníricos refloresceu e se pautou em uma proposta mais representativa, ao se estudar o conteúdo dos sonhos como reflexo da interação entre personalidade e cultura. É um período de atividades em trabalhos multidisciplinares onde o interesse se baseia em compreender como os indivíduos transmitem e adquirem as características culturais. Compreender o comportamento humano utilizará amplamente, neste período, a palavra “personalidade” como um conceito que designa “uma característica persistente do indivíduo”, retirada de uma amostra de seu comportamento.

A antropologia onírica passa então a utilizar novos instrumentos teóricos e noções capazes de perceber o fenômeno onírico onde o indivíduo e a cultura agem conjuntamente e simultaneamente na elaboração, relato e interpretação do sonho. O fenômeno onírico deve ser interpretado como parte integrante de um espaço intermediário entre o individual e o cultural, concomitantemente (ARAUJO, 2003, p. 8-9).

A partir da década de 1970, do século passado, retornam os estudos sobre as experiências oníricas através da antropologia dos sonhos. Esta já não se interessava somente pelo conteúdo ou pela hermenêutica nativa, mas por diversos

aspectos do fenômeno onírico com uma abordagem antropológica inovadora. Neste período vários colóquios e seminários sobre o tema são realizados e a nova concepção do sonho, como um evento comunicacional compartilhado, com ênfase no contexto onírico e o conceito de conteúdo manifesto do sonho se amplia.

Ao mesmo tempo que reacende o interesse dos estudos antropológicos sobre os sonhos, também a sociedade em geral interessa-se pelo assunto e se produz uma extensa bibliografia sobre o tema. A antropologia torna possível então uma mudança metodológica que vai atender às exigências atuais em direção às pesquisas sobre sonhos com um novo enfoque do material onírico.

O que interessa agora não é mais somente o conteúdo dos sonhos, mas sim, o(s) lugar(es) e o(s) sujeito(s) que participa(m), ouve(m) e interpreta(m) os sonhos. Onde ele acontece, em que contexto é produzido, compartilhado e interpretado? A partir de uma nova perspectiva, a antropologia passa a compreender os sonhos, em seus trabalhos etnográficos, como participantes íntimos de vários aspectos culturais:

Subitamente, a antropologia percebe que o sonho não é simplesmente um aspecto pontual de uma cultura, pois mergulhado no trabalho etnográfico com a nova perspectiva que a antropologia pós-moderna propiciou, descobre-se que os sonhos estão intimamente interligados a aspectos vários da cultura: a relação hierárquica, definida por quem conta e quem interpreta os sonhos; noções metafísicas presentes naquela cultura, como o universo sobrenatural e os seres habitantes dos sonhos; sistemas de cura, onde o sonho é percebido como sinal de doença e também como indicador de remédios para os males; sistemas de divinação que dizem respeito às relações daquela cultura com o fluxo do tempo, suas concepções cosmológicas e mitológicas, etc. (ARAUJO, 2003, p.10).

O “em torno do sonho”, o compartilhamento, a teoria nativa de interpretação, a habilidade para se lembrar dos sonhos e a habilidade e disposição para ouvi-los”, são incluídos nos estudos sobre os sonhos. (ARAUJO, 2003, p.10).

No diálogo entre o antropólogo e o seu informante, o encontro etnográfico se transforma em uma questão metodológica importante, já que o pesquisador penetra no universo cultural, do qual participa reciprocamente, no momento da pesquisa do imaginário. Entendendo como um encontro compartilhado entre o moderno e o primitivo, onde todos os participantes experimentam o mesmo contexto temporal. A realidade observada, nos fala Araujo (2003, p.11), apoiando-se em Fígoli (1992), pertence a ambos, pesquisador e nativo, que interagindo, são elevados “a objetos de uma análise crítica, como produtos culturalmente elaborados, partícipes do encontro etnográfico”.

A partir desta nova perspectiva dialógica, os antropólogos compreendem a importância de dar atenção aos próprios sonhos durante as pesquisas. Admite-se que os próprios sonhos dos antropólogos os ajudam a compreender aspectos da cultura dos nativos com os quais trabalham, dando acesso ao conhecimento do “Outro” (ARAUJO, 2003, p.13).

2.2 CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLOGIA ONÍRICA

Não é necessário se admitir que o homem adormecido seja um homem morto, sem história, sem vida. Portanto, o sociólogo não tem que ignorar a outra metade da vida, onde o homem permanece deitado sonhando (BASTIDE 1978, p.137).

Em 1933, o professor Roger Bastide já havia iniciado a elaboração de uma sociologia do sonho em um estudo intitulado “Matériaux pour une sociologie du rêve” (Rev. Internationale de Sociologie, 1933) chegando à conclusão de que o papel desempenhado pelo sonho é função da cultura social, sendo o tipo de sonho relacionado com a densidade social e que o conteúdo do sonho parece depender, até certo ponto, do grau de integração da sociedade (BASTIDE, 1948, p. 216-219).

Quinze anos depois, em 1948, em seu estudo intitulado “Sociologia e Psicanálise”, Roger Bastide realizou um resumo sobre as contribuições da Psicanálise à Sociologia e confrontou a sociologia psicanalítica com a sociologia clássica, numa conclusão de que a escolha entre uma ou outra era necessária, encerrando a obra com uma crítica construtiva da sociologia psicanalítica de Freud. Bastide argumenta, neste estudo, que “o social intervém profundamente no sonho”, se opondo às ideias de Halbwachs, que “em seu livro sobre “Os quadros sociais da memória”, definia o sono como perda de contato com a sociedade” (BASTIDE, 1948, p.216). E, ao mesmo tempo, se opunha a Freud, afirmando que “variando os meios sociais, os sonhos variam conforme as culturas, pois se trata, em cada caso, de um meio diferente que nele se inscreve e não das lembranças de uma horda hipotética” (BASTIDE, 1948, p.217).

O sociólogo critica as imposições da nossa cultura de produtividade, onde a sociologia prioriza a práxis, colocando-a em primeiro plano, “que supõe a tensão do homem desperto em luta contra o meio, físico e social”, objetivando modificá-lo, e considera que o trabalho exorciza as fantasias nascidas durante o sono noturno.

Contrário a Halbwachs (1941), que localizava fora dos quadros sociais da memória as lembranças do sonho, pois para ele, segundo Bastide (1978, p.137), o sonho é memória pura e não memória social, afirmando que não há fundamento em separar o psíquico do social, as duas metades do homem, o sonho e o trabalho. Questionando ainda a conveniência em intercomunicar estes dois mundos, tentando perceber como o sonho prolonga o social e “como o social se alimenta dos nossos sonhos” (BASTIDE, 1978, p.137).

Duas questões são propostas para esta sociologia dos sonhos: a função do sonho na sociedade e a função dos quadros sociais no pensamento onírico. Permanecendo a hipótese de que a sociedade forneça quadros a esse pensamento onírico para que este seja socialmente utilizável.

A etnologia nos fornece evidências de que os sonhos, tanto para uma sociedade indígena como africana, utilizam conteúdos, imagens, da base de suas civilizações “despertadas”, ou que existe uma fácil tradução entre as representações individuais e coletivas. Diferentemente da nossa civilização ocidental, onde as vinculações entre as metades diurnas e noturnas das nossas vidas foram cortadas. Nas sociedades primitivas, as “trocas incessantes entre o sonho e o mito, entre as ficções individuais e as sujeições sociais” são proporcionadas pela busca de representações coletivas, fornecidas pela civilização, nos “bastidores dos sonhos”.

Durante seus estudos em nosso país, Roger Bastide encontrou no jogo do bicho uma institucionalização da função dos sonhos, uma conhecida loteria popular que vincula alguns grupos numéricos a certos animais e a escolha dos números é baseada no aparecimento de um desses animais no sonho do jogador, ou apostador. Na opinião de alguns sociólogos esse fenômeno seria o resultado da mestiçagem cultural que constitui essa nação, onde a mentalidade primitiva do indígena e do africano subsistiria, ocultada pela cultura ocidental. Essa opinião exprime exatamente a repulsa da institucionalização da função social dos sonhos, que deveriam ser eliminados da discussão social (BASTIDE, 1978, p.139).

A sociedade ocidental não permite a entrada das imagens oníricas nas atividades sociais, diurnas. Mas isso não impede que o social seja, ou esteja, inserido no sonho. Desvalorizando a parte noturna de nossas vidas, não se pode impedir, que os fantasmas se façam presentes, mesmo que a título individual, como fantasias e permanecendo inconscientes (BASTIDE, 1978, p.138-139).

Bastide propõe uma sociologia dos sonhos onde toda a metade noturna do homem seja considerada, independentemente do estabelecimento do momento da

coerência, seja durante o sono ou ao despertar. Foucault (1954), citado por Bastide (1978, p.140), entre outros autores, já considerava que o vínculo entre as imagens desordenadas do sonho só é estabelecido no despertar.

Bastide propõe ressocializar o sonho (BASTIDE, 1978, p.140). Não se trata de afirmar que as imagens oníricas são fornecidas pelas experiências da vigília, como experiências humanas, que essas imagens são originadas do social. Se trata de chegar às estruturas que informam os sonhos. Buscar os quadros sociais do pensamento onírico, retirando seus materiais de estudos nas sociedades em vias de se aculturarem, entre os homens marginais, onde encontraremos dois conjuntos heterogêneos, dois sistemas sociais diferentes atuando um em relação ao outro. Com grupos marginais teremos, pela larga diferença entre duas civilizações, “como que em relevo”, a diversidade social dos pensamentos oníricos entre sociedades colocadas uma diante da outra (BASTIDE, 1978, p.141).

Bastide (1978, p. 140) interessava-se não pela materialidade dos sonhos, mas pelas “estruturas que o informam”. Não se tratava de lembrar que as imagens oníricas estão ligadas ao social. Esta perspectiva se deu a partir de um de seus próprios sonhos, o sonho que teve com Ogum, deus ioruba do ferro e dos ferreiros, ao viajar pela Nigéria, na África.

Na civilização ocidental os sonhos infantis, antes de sua socialização, traduzem desejos primários, simples. São sonhos onde, segundo Bastide (1978, p. 145), não há mais do que atitudes ou sintomas, são sonhos que exprimem uma personalidade, não um sistema social. Bastide sugere, inclusive, um estudo vertical dos sonhos, pois até aqui, só foram coletados sonhos de forma paralela, horizontal, de um grupo a outro. Um estudo que reunisse sonhos coletados de crianças e, seguindo-as até a fase da adolescência, se observasse a transformação de seus sonhos. Um estudo que, segundo Bastide (1978, p. 146), e até onde consegui saber, não foi realizado ainda.

Entretanto, nesse estudo podemos perceber que, ao contrário do que pensava Bastide, os sonhos das crianças participantes mostraram possuir em sua totalidade as marcas do sistema social em que essas crianças estão inseridas e dele retirando suas imagens, prolongando em suas experiências oníricas, suas experiências vividas na vigília.

Entendendo, numa perspectiva sociológica e antropológica, o imaginário infantil como sendo alimentado pelo contexto social e cultural, Sarmiento (2003), esclarece que o conceito de “culturas da infância”, sendo definido pela Sociologia da

Infância como elemento de diferenciação “da categoria geracional”, apoiado em Corsaro (1997) e James, Jenks e Prout (1998), é “a capacidade das crianças em construírem de forma sistematizada modos de significação do mundo e de ação intencional, que são distintos dos modos adultos de significação”.

O “princípio de transposição imaginária do real”, entendido como uma “capacidade estritamente humana” (HARRIS, 2002 apud SARMENTO, 2003, p.53), seja numa “experiência emocional das narrativas literárias ou cinematográficas”, nas brincadeiras das crianças ou mesmo em suas narrativas oníricas, acontece de forma mais radical com as crianças. Portanto, quando se trata do imaginário infantil, a questão não é de imaturidade ou deficiência, como postulava hegemonicamente a Psicologia, baseada numa ideologia que tem sido revisada em suas bases epistemológicas “na interpretação das formas de racionalidade e comportamento das crianças”, mas sim de diferença em relação ao adulto (SARMENTO, 2003, p.53-54).

Ao falarmos de crianças, não estamos verdadeiramente apenas a considerar as gerações mais novas, mas a considerar a sociedade na sua multiplicidade, aí onde as crianças nascem, se constituem como sujeitos e se afirmam como atores sociais, na sua diversidade e na sua alteridade diante dos adultos (SARMENTO, 2005, p 376).

Refletindo sobre “a inversão das redes de comunicação entre a vida diurna e a vida noturna que ocorre quando se passa das sociedades tradicionais às sociedades de tipo ocidental”, entendemos que nas primeiras, o sonho possui funções sociais e que fornece dados ao pensamento onírico, orienta-o, dá-lhe forma. Na segunda, a comunicação com a vigília é limitada e mesmo desconsiderada. Nas sociedades tradicionais a comunicação parece existir num intercâmbio com a vigília em que o sonho predomina e se afirma, ou se confirma, na vigília. Há uma rede que se entrecruza nos dois mundos, organizando socialmente esses mundos, as duas metades do homem, “dos mitos ou do sagrado, ao qual o homem está unido, e o mundo social, no qual o indivíduo vive em estado de vigília”. Neste caso, ao contrário do que acontece entre nós, a estrutura sociológica do sonho é uma parte integrante da estrutura social. Na sociedade ocidental, essa estrutura se mostra como um reflexo, ou um “reverso, da estrutura social”, vivemos separados entre estes dois mundos, o do dia, na vigília, e o da noite, nos sonhos (BASTIDE, 1978, p.147).

Bastide (1978, p.147) concluindo que o sonho participa de “uma estrutura única englobante”, um único conjunto, previa em seu estudo a possibilidade de que,

através da psicanálise, os sonhos se institucionalizassem nos cinquenta anos subsequentes ao seu estudo. Passados quase quarenta anos, cada vez mais nossa sociedade, subjugada pela valorização da produtividade e estratificação, continua a desprezar “esses intermediários de comunicação”. Quando o sonho, perdendo sua existência objetiva, é relegado ao imaginário, deixando de ser mítico, sagrado para as pessoas, passa, então, paradoxalmente, a ser estranho, a causar medo.

Paralelamente ao caminho utilizado por Freud, através do narcisismo e de outras teorias sobre o caráter mágico e sagrado do sonho, Bastide (1978, p. 147) propõe uma explicação sociológica para o caráter mágico do sonho.

É a explicação narcisista que explica o caráter mágico do sonho, mas é também fato que o sonho nos parece mágico porque não sabemos mais o que é o sagrado, porque não sabemos mais o que é o religioso – todas as nossas próprias religiões, poderíamos dizer, são no fundo secularizações. Fala-se da religião do domingo: seria preciso dizer a religião de onze horas ao meio-dia! (BASTIDE, 1978, p.148).

As dificuldades de sobrevivência, de convívio, em nossa sociedade ocidental capitalista, todo o individualismo e egoísmo causados por um consumismo desenfreado, uma sociedade em que ter se sobrepõe ao ser, leva à uma magia ofensiva dos sonhos, que acolhem cenas de morte dos concorrentes de trabalho ou de casais que se separam, brigas sangrentas e fugas de estranhos. Portanto, são nos quadros sociais que, em qualquer sociedade, se originam os sonhos. Porém, especificamente, em nossa sociedade ocidental as imagens oníricas participam da estrutura sociológica de forma refletida, distorcida, pouco clara. Será o sociólogo que, através de grande esforço, irá descobrir essas estruturas sociais, numa sociologia dos sonhos. É o que propõe Bastide (1978, p. 148).

Podemos concluir que os sonhos estão profundamente impregnados de cultura. Diferentes relações sociais se entrelaçam na atividade da narrativa onírica: quem conta e para quem conta o sonho, os sujeitos que participam da narrativa onírica sem nem mesmo dela tomarem conhecimento, os lugares onde essas diversas relações acontecem, os diferentes espaços temporais em que se desenvolvem essas narrativas, as emoções que despertam em quem narra o que viveu e no ouvinte que com ela interage e também se emociona, (como me ocorreu durante as entrevistas com as crianças) e as habilidades sociais e intelectuais que se desenvolvem a partir dessas experiências de trocas coletivas. É possível, portanto, fazer uma leitura de mundo através da análise dessas narrativas

oníricas, pois o homem ou a criança que dormem, são os mesmos sujeitos que vivem sua vida na vigília.

Na relação do sonho com o mundo da vigília entre os povos ditos primitivos há uma distinção entre um e outro. A força e o valor do sonho serão determinados pela impressão deixada. Se o sonho emocionou, se causou um sentimento de angústia ou de plenitude que pode permanecer, independente da imagem que o causou, o sonhador anseia por conhecer a razão do que o afetou. Pode acontecer de uma cena assombrosa, amedrontadora, estar ligada a um estado de beatitude ou exaltação que lhe mostra que não deve ser tomado ao pé da letra e que anuncia exatamente o seu contrário, uma alegria, alguma vitória. É exatamente a comparação entre a imagem e a emoção que estabelece a diferenciação entre o sonho e a vigília. Pois, na vigília, a imagem e a emoção se relacionam, sempre combinam. No sonho, a emoção é acrescentada à cena vivida, por uma “potência obscura, caprichosa, temível” (CAILLOIS, 1978, p. 30-32).

O real, em sua banalidade, em sua continuidade afeta menos que as imagens e os sentimentos do sonho. É o real que é contestado sempre que em sua consciência prevalece questionamentos ou o mal-estar. Nesta constatação é indicada residir a “autoridade do sonho” que carrega consigo várias consequências para estas civilizações (CAILLOIS, 1978, p. 33). Uma delas é a veracidade creditada aos acontecimentos dos sonhos tanto quanto aos da vigília. Mesmo quando os dados são contraditórios, prevalecem os do sonho como verídicos. E, então, a realidade deverá repetir exatamente o sonho, mesmo que o sonhador tenha sido apenas observador na cena.

Para alguns povos primitivos, como “os esquimós da baía de Hudson, na África e na Austrália” por exemplo, o sonho permanece como uma espécie de dívida em relação à realidade que, se protelada, pode provocar a infelicidade, a doença ou até mesmo a morte do sonhador (CAILLOIS, 1978, p. 32).

É a morte, certeza da vida e tão temida na maioria das sociedades, que motiva, inclusive, as realizações de quitação dos débitos de sonhos. Para esses povos, o sonho assume uma “autoridade sobrenatural por sua origem misteriosa”. O futuro desconhecido quando sonhado “torna-se imutável”. “Essa é a força do sonho: fazer a realidade curvar-se diante dele”. É aí, também, que se encontra sua fraqueza, pois “o primeiro impostor” poderá prevalecer-se “de uma consciência adormecida”. Quando se repetem, quando acontecem simultaneamente entre várias pessoas ou deixam uma relíquia significativa que os confirmem, o sonho, nessas

sociedades, passa a fazer parte de um patrimônio, concedendo aos que os experienciaram uma função de destaque na sociedade, como curandeiro, por exemplo (CAILLOIS, 1978, p. 32-34).

Como não se pode controlar essas imagens, o sonho tende a tornar-se instituição, com limites e regulações, como bem retrata Ismail Kadaré (1993) em seu romance “O Palácio dos Sonhos”. Esta obra refere-se ao Tabir Saraj, majestoso palácio que aloja em seu interior uma instituição secreta e poderosa, onde o Estado imperial oficializou a interpretação dos sonhos. Sua administração com uma rígida estrutura hierárquica, é encarregada de coletar, até nas aldeias das províncias mais distantes, os sonhos de cada um, de os reunir neste lugar, para depois selecioná-los, classificá-los, controlando-os, cadastrando-os para interpretá-los com o propósito de especificar os “sonhos-chave” através dos quais poderá ser decifrado o destino do Império e de seu soberano.

Temos um exemplo dessa ideia de Caillois (1978, p. 36-47) representada no filme “A Origem”, escrito e produzido por Christopher Nolan, lançado em 2010, tendo como trilha sonora uma criação de Hans Zimmer, que utilizou trechos da canção “Non, je ne regrette rien”, de Edith Piaf. Este filme se inspira, inclusive, nos conceitos de sonhos lúcidos e incubação de sonhos.

O próprio Caillois (1978, p. 46) se utiliza de várias obras artísticas em seu estudo, citando, por exemplo, “Cidade dos sonhos” de Rudyard Kipling, que seria uma versão moderna dos sonhos paralelos do rei Vikramaditya e da princesa Malayavati, onde um jovem militar indiano e uma jovem inglesa que antes de se encontrarem, de se reconhecerem e se casarem, vivem uma experiência de sonhos simétricos. Ou ainda, “As ruínas circulares” onde um personagem se distingue dos seres humanos somente por não sofrer nenhum efeito da água ou do fogo e, somente no momento de um incêndio percebe que é uma criatura fictícia pertencente ao sonho de outro. “A última visita do cavalheiro doente”, de Giovanni Papini, segue o mesmo tema.

2.3 CONTRIBUIÇÕES DE ESTUDOS SOBRE IMAGINÁRIO SOCIAL

Em um estudo que reuniu 2000 sonhos de cidadãos franceses, Duvignaud, Duvignaud e Corbeau (1981, p. 21), estudaram o imaginário onírico de pessoas comuns, reunindo uma amostra significativa de sonhos em diferentes categorias sociais e profissionais, como: comerciantes, intelectuais, operários, artesãos,

funcionários e empregados. Coletaram, principalmente, os sonhos em setores da população ativa que relataram suas experiências em seus momentos de repouso, “onde o sonho se torna um importuno, uma fantasmagoria absurda e sem importância”. Examinaram o sonho como parte do imaginário social.

O imaginário, segundo Duvignaud (1986, p. 343-346), é a antecipação que corresponde “às múltiplas projeções, que nos permitem ir além daquilo que nos é dado”. Ao se prolongar além dos rigores e regras da vida cotidiana, proporciona vida afetiva, manifestações emocionais, nos permitem a criação a partir das antecipações, das projeções.

O sonho é um modo de expressão imaginária. E é a partir de pequenos grupos, particulares, estreitos, o que chamamos de microsociologia, que nascem os fenômenos da estética, os fenômenos imaginários. É a partir desses pequenos grupos que se desenvolvem as matrizes criativas, os pensamentos de criação. São nascedouros de criações possíveis ou reais (DUVIGNAUD, 1986, p. 343-346)

O objetivo central desse trabalho coletivo foi extrair a presença do social nas representações noturnas de pessoas comuns, de diferentes classes sociais, e entender o papel do sonho na sociedade. Foram abandonados os conceitos de “normalidade” e “anormalidade” fixados e definidos “por uma elite da ciência e do poder”. Estabelecer uma correlação entre a diversidade das experiências oníricas e o caráter subjetivo das atividades sociais foi o que buscaram, onde características do cotidiano dos indivíduos se apresentam nas suas experiências oníricas sem, no entanto, estabelecer classes de sonhos que correspondem a classes sociais. Experiências oníricas heterogêneas que necessitam de disponibilidade de tempo para serem ouvidas, para se falar delas e encontrar a “linguagem perdida” que propõem (DUVIGNAUD; DUVIGNAUD; CORBEAU, 1981, p. 9-15).

Os autores foram levados a abordagem do tema a partir de alguns de seus próprios estudos como “Los Imaginarios” e dos trabalhos de Roger Bastide sobre o imaginário, principalmente seu estudo sobre os sonhos dos negros de São Paulo³. O estudo sobre o sonho e as estratificações sociais se iniciou após ter conhecido pessoalmente G. E. Von Grunebaum quando este, junto com Roger Caillois, tinha acabado de publicar “Le rêve et les sociétés humaines”. Percebeu no tema onírico um grande e desconhecido campo de trabalho. A possibilidade de conhecer uma realidade provavelmente diferente, mais diversa, que o situaria fora das definições de homem inspiradas pelo positivismo do século XIX. Além disso, após o falecimento de um filho, o casal Duvignaud viveu experiências oníricas que os

despertaram para a ideia de conhecer as experiências noturnas de um grande número de homens e mulheres (DUVIGNAUD; DUVIGNAUD; CORBEAU, 1981, p. 9-11).

A análise sociológica ou antropológica da narrativa onírica ou, da “dramatização dos sonhos em sua tradição coletiva”, deve consistir no questionamento de como e por que razão surge o individual da experiência coletiva. Não se tratando de reduzir o individual ao coletivo, nem a sociedade à subjetividade (DUVIGNAUD; DUVIGNAUD; CORBEAU, 1981, p. 13).

O sonho e a palavra que o revela são considerados por Duvignaud, Duvignaud e Corbeau (1981, p.16), como um todo, não separando do relato, a trama original, “os fantasmas inconscientes” ou os mais ou menos conscientes e as ficções que, de uma noite a outra, renovam e prolongam as experiências oníricas.

Utilizaram as expressões “teatralização” ou “dramatização” da vida onírica para essas experiências, onde o sonhador, apresentando uma máscara, seu próprio rosto, encena um papel diante do olhar dos outros, um público imaginário e presente, invisível e invencível, em uma trama, de onde não é possível separar dela esses elementos. Para os autores, não é possível eliminar “a parte ajuizadora, inquietante e questionadora de sua visão”, o público que, para o sonhador, sozinho em seu sono, constitui, “sem dúvida, a origem de sua ansiedade e até mesmo de seu pânico”. Buscaram restituir em seu estudo “a dramatização do sonho” examinando “as direções divergentes, as lógicas contraditórias, os circuitos e as redes” nos quais se encontra, dentro da distinção das civilizações e das situações sociais, o ser que, acordado, fala de suas experiências enquanto dormia (DUVIGNAUD; DUVIGNAUD; CORBEAU, 1981, p.16-17).

Não temos como separar o homem da sociedade. Duvignaud, Duvignaud e Corbeau (1981, p. 20), nos dizem que “o sonho é mais que o sonho” e que “as lógicas que implica nos obrigam” a ampliar “o campo das interpretações”. Partindo da sociedade presente nos sonhos, fazem correlações entre os sonhos e as estratificações sociais, delimitando, tanto quanto possível, intencionalidades diferentes, examinam os sonhos onde o sonhador enfrenta, ao dormir, o desafio apresentado por “uma ou outra das grandes instâncias naturais: a fome, a sexualidade, a morte, o trabalho. É “a sociedade no sonho”.

Em seguida, buscam saber como a experiência onírica do homem comum, como em um jogo de sorte que o homem vive com a sociedade e com a própria

espécie, se apropria dos elementos da vida cotidiana, e os reestrutura em diferentes lógicas (DUVIGNAUD; DUVIGNAUD; CORBEAU, 1981, p. 21).

Dois fatos significativos são destacados pelos autores. Primeiro, o fato de algumas categorias sociais, alguns homens e mulheres, como os operários da construção civil, da indústria, os artesãos e os comerciantes, frequentemente manifestarem resistência em relatar seus sonhos, apresentando apenas pequenos fragmentos deles. Isto, segundo Duvignaud, Duvignaud e Corbeau (1981, p. 25), ocorre não por serem mais reprimidos ou mais censurados, mas por serem excluídos de toda cultura imaginária. E o segundo, é o fato de haver uma coerência maior na trama onírica de pessoas pertencentes à parcela da população que participa mais ativamente da vida econômica e social, diferentemente dos sonhos de jovens e idosos, isto é, a parcela da população que ainda não trabalha ou já se desligou do mercado de trabalho. Mas este fato talvez se configure em qualquer assunto, não especialmente na narrativa de sonhos.

Os participantes, pertencentes à categoria social “intelectuais”, por sua formação, pela cultura que acreditam ter, ou de fato tenham, independentemente da posição que ocupam na sociedade, por se dessocializarem mediante o sonho, por encontrarem seu centro de gravidade em seu próprio personagem de sonhador, foram chamados de “atópicos”, ou deslocados. Apresentam sonhos que, em sua maioria, escapam ao espaço real da vida, que representam “um exercício de desraizamento social” (DUVIGNAUD; DUVIGNAUD; CORBEAU, 1981, p. 26). Por uma razão ou por outra, seus espíritos lhes permitem “estranhar” a si mesmos durante o sonho e esse estranhamento se prolonga em seus relatos. Enfim, desenvolvem ficções que ultrapassam a fronteira da realidade cotidiana, para se render a lógica interna da experiência onírica.

Todo sonho é, segundo Duvignaud, Duvignaud e Corbeau (1981, p.27), um jogo do pensamento que ultrapassa “o simbolismo literal do sonho” para criar combinações possíveis que correspondem a questionamentos da vida material. As tramas oníricas passam a ser consideradas como um desafio lógico que coloca nas teias da razão a vida coletiva.

É no espaço dos sonhos representativos, que sempre se apresenta a fronteira clara e fortemente afirmada, a consciência, onipresente e muito alerta, que assinala a diferença radical entre o sonho e a realidade. Seja qual for a experiência onírica, o prazer que ele proporcione, “o sonho completa e enriquece a experiência vivida na realidade da vigília” (DUVIGNAUD; DUVIGNAUD; CORBEAU, 1981, p. 124).

Estes autores também buscaram examinar o papel do sonho como parte do imaginário social. Para eles, é na identificação do sonho e da linguagem, do inconsciente e do discurso que se deve buscar entender o que se esconde no trabalho do sonho. Inclusive mais no simbolismo que exclui a literalidade do conteúdo onírico e a existência mesmo do sonhador. O certo é que esse trabalho não se reduz à exclusiva causalidade do desejo.

Este aspecto do imaginário surgiu para Duvignaud, Duvignaud e Corbeau (1981, p. 159) a partir de um estudo sobre os ritos mortuários. A hipótese era de que o conjunto das práticas mortuárias, as cerimônias, as crenças mágicas ou religiosas, enfim, os ritos, remetiam à uma coletividade complexa que, ao atravessar a consciência individual, desencadeava inúmeras emoções ou fantasmas.

O homem é o único ser que sabe que morre através da força comum e do jogo das representações coletivas que lhe permitem fugir desse enfrentamento. As grandes instâncias naturais como a reprodução, a destruição, a morte, a sexualidade, o trabalho, a violência, atuando sobre a vida coletiva a fazem desenvolver no imaginário enormes recursos para socializar o inominável, o que lhe causa medo (DUVIGNAUD; DUVIGNAUD; CORBEAU, 1981, p. 160-161).

A experiência onírica, mas de maneira distinta, não escapa desses enfrentamentos. As ficções dos sonhos sofrem a influência dessas grandes instâncias que se apresentam, a cada vez, de uma forma especial, diferente e mesmo divergente. O que provoca a análise dos sonhos em função da orientação das forças naturais que a mulher e o homem enfrentam na solidão de seus sonhos. Onde se encontra, inclusive, a ansiedade que os sonhos provocam devido ao que se sabe, de forma implícita, sobre a imobilidade do corpo, no momento em que vivem, sem a ajuda da sociedade, um encontro irresistível e inominável com a natureza (DUVIGNAUD; DUVIGNAUD; CORBEAU, 1981, p. 161-162).

E ao relacionar algumas das grandes instâncias, há de se considerar as notícias produzidas pelo homem no transcurso da história. Os meios de comunicação são considerados como instância distinta e nova, mesmo resultando da atividade tecnológica e industrial. E o poder de persuasão clandestina das imagens elaboradas e pré-fabricadas exercem um papel em nossa sociedade, que no passado era consagrado às mitologias sagradas.

Foram examinados nos sonhos dos adolescentes e dos anciões, indivíduos que se encontram, em uma situação análoga ao que o sonho reduz o sonhador, como atuam sobre eles, os grandes fluxos que inspiram essas forças de origem não

social. Mais do que as categorias da população ativa, por razões opostas, tanto um quanto o outro grupo, parecem dominados pelas grandes instâncias naturais (DUVIGNAUD; DUVIGNAUD; CORBEAU, 1981, p. 162).

O que indicam as imagens dos sonhos de pessoas comuns, onde estão ausentes a política, a ideologia, a fábrica, Deus ou a oficina? Quem são aqueles que, em seus sonhos, revelam uma forte inspiração hedonista? Estas questões colocadas por Duvignaud, Duvignaud e Corbeau (1981, p. 241) destacam o fato de que, apesar de toda a divulgação de um cotidiano repleto de violências diversas, catástrofes inevitáveis e discursos ideológicos, apenas uma centena dos sonhos envolvidos em seu estudo, retratam os inconvenientes da vida cotidiana.

A maioria dos sonhadores, em todas as categorias sociais, incluindo os artesãos e comerciantes, que reclamam dos sonhos como sendo inconvenientes, relatam um conteúdo hedonista. Através das imagens do sonho, numa linguagem nem sempre compreensível, escapam “ao aprisionamento de uma vida material difícil”. Na maioria das experiências oníricas, segundo Duvignaud, Duvignaud e Corbeau (1981, p. 242) os sonhadores, em seus relatos, demonstram a ausência da angústia e da culpa, não os interpretam como uma transgressão e sim como um direito. O direito à felicidade, ao prazer e ao ócio.

Um direito que desconhecendo as leis, onde não há controle da ética, dos reguladores econômicos ou mesmo dos objetos da “sociedade de consumo”, conforme Binswanger (1954), citado por Duvignaud, Duvignaud e Corbeau (1981, p. 242), permite experiências livres dos determinismos sociais que os impossibilitam de vivê-las durante a vigília. Cada sonho traz si uma epistemologia que vai muito além da que encontramos em nossa tecnologia atual. E sem dúvida, em nenhuma outra civilização, além da nossa, a ruptura entre o sonho e a realidade tem sido tão violenta. “O sonho é que escolhe, ele mesmo, uma lógica para cada momento determinado” (DUVIGNAUD; DUVIGNAUD; CORBEAU, 1981, p. 251).

“Quem fala através dos sonhos?” “O que se manifesta mediante a palavra do sonho?” Para tentar esclarecer estes questionamentos, Duvignaud, Duvignaud e Corbeau (1981, p. 252) afirmam, recorrendo à Merleau-Ponty (1992), que a percepção é a matriz da palavra e o único acesso ao ser. É a palavra do homem desperto que dá existência, concretude ao seu sonho (DUVIGNAUD; DUVIGNAUD; CORBEAU, 1981, p. 252-253).

A palavra do sonhador parece propor duplamente que o indivíduo, possui uma experiência muito maior do que realmente dispõe e que o cotidiano dominado pelos

determinismos geralmente insuperáveis, passa a se tornar possível. A realidade social, em sua organização fortemente cristalizada, solidificada e codificada se torna possível através da força do sonho. Não se poderia expulsar esse “alguém que fala”, essa ilusão que o sonho nos oferece de poder alcançar esse lugar mítico, onde o real seria imaginário e o imaginário real, ou simplesmente uma utopia ou a miragem, embora antecipada, do que pode vir a ser, do que já foi ou do que é. “Origem, talvez, dos movimentos da história e das mudanças” (DUVIGNAUD; DUVIGNAUD; CORBEAU, 1981, p. 254-255).

E o “que dizem as imagens dos sonhos, arrancadas da vida cotidiana e dos meios de comunicação?” E nos sonhos interpretativos em que os “signos alegóricos” transcendem a vida imediata que inundam os buracos em que cai o sonhador? (DUVIGNAUD; DUVIGNAUD; CORBEAU, 1981, p. 256). Afinal, para que serve o sonho? É com este questionamento que os autores encerram seu estudo.

Duvignaud, Duvignaud e Corbeau (1981, p. 259) afirmam que o sonho não serve para nada quando é definido numa interpretação parcial ou ideológica. Porém, esclarecem que, na trama de nossa existência, felizmente, nem tudo se reduz, ao funcional, repleta tanto de utilidade quanto de gratuidade. Se aceitarmos que o sonho é uma atividade imaginária gratuita e alheia às nossas crenças na utilidade inspirada pela sociedade mercantil em que vivemos, então é possível, como disse Michel Foucault, “fazer falar a imagem”. O sonho fala. É o que afirmam em seu estudo, Duvignaud, Duvignaud e Corbeau (1981, p. 260) onde tentaram devolver a palavra às imagens do sonho. “Afastado de toda coerência doutrinária, ideológica ou teológica, o sonho fala...”

Sendo uma atividade lúdica, livre, sem regras, é “capaz de dar vida à um impulso novo e imprevisível”. Uma manifestação imaginária não pode ser medida pela perspectiva de valor útil ou mercantil. Em seu ser o homem é capaz de ir além do mundo que o capitalismo instituiu. Viaja, em sua imaginação, em um mundo “em que todas as formas se metamorfoseiam”, onde “todos os eventos podem acontecer antes de terem, de fato, ocorrido”. Uma liberdade que o sonhador se permite, atribuindo a si mesmo a capacidade de modificar, inclusive, as leis com as quais define sua existência na vigília.

3 SONHOS INFANTIS: NARRATIVAS, ILUSTRAÇÕES E INTERPRETAÇÕES

Neste capítulo apresentaremos a narrativa dos sonhos infantis, as ilustrações e as análises produzidas durante a investigação sobre as realidades oníricas de estudantes do quarto ano do ensino fundamental em Duque de Caxias.

Partimos do pressuposto de que os sonhos fazem parte da essência humana. É constante o desejo de decifrar seu sentido simbólico, seu enigma. O sonho “se adapta às ambições, às manias”, ao estilo de cada cultura e sempre sedutoramente “aparece, de tempos em tempos sob formas novas”, como que para reforçar aos homens a inaceitável ideia de que as imagens emitidas por eles não têm decididamente qualquer significação, “parecem desejar tão vigorosamente ser compreendidas por eles” (CAILLOIS, 1978, p. 34).

Os sonhos, desde a antiguidade, desafiam os homens em suas imagens e sentidos, sendo concomitantemente “misteriosos e acessíveis” (CAILLOIS, 1978, p.27). “O que os sonhos podiam realmente significar?” Através das ferramentas para “decifrar suas imagens insólitas e desconcertantes”, as chaves dos sonhos, formam uma literatura particular. Isso pode ser observado desde o antigo Egito, na XII dinastia, no segundo milênio, à Índia, com o 68º dos tratados que completam o Atharva Veda, Tratado dos Sonhos, datado do século V antes da era cristã.

Existe a ideia na literatura pós-bíblica, segundo Caillois (1978, p. 29), de que o sonho é indiferente, o que importa é a interpretação, “a qual é presságio eficiente” que tem o poder de tornar-se realidade. “Todo sonho só vale pela interpretação que lhe é dada”.

O transcorrer da vida cotidiana nos vislumbra inesperadamente como um desdobramento do mundo dos sonhos, como imagens premonitórias, repete fielmente as cenas percebidas no sonho. Para o primitivo, o sonho era tão fortemente enfatizado que a realidade deveria realizá-lo, mais cedo ou mais tarde. Tudo o que foi vivido no sonho deveria se reproduzir, acontecer de verdade, mesmo que isso representasse perigo à sua própria vida. Atualmente, convivemos com a descrença, num mundo que não permite mais esse prestígio ao sonho. O sonho é negligenciado pela pessoa que, de repente, percebe, surpreso, que “a realidade se aproxima insensivelmente desse sonho e finalmente o reconstitui” (CAILLOIS, 1978, p. 36).

Entre as questões estudadas por Caillois está, por exemplo, a dificuldade que as pessoas têm, enquanto dormem, de se assegurarem que estão sonhando ou que

um sonho seja sonhado, contado e interpretado. Um exemplo desse caso está mencionado no livro dos sonhos da Biblioteca de Assurbanípal: “*Se ele tem um sonho no interior de um sonho e se [no sonho] ele relata seu sonho...*” Ou quando um sonho de outra pessoa se constitui em chave do sonho.

Há ainda os sonhos complementares onde, segundo Caillois (1978, p. 39-41), um homem compreende melhor o sonho de outro homem que o sonhou, favorecendo-se dele. A literatura chinesa, de forma sistemática explorou quase todas. Também o folclore japonês está repleto de histórias que tratam sobre estas questões. O romantismo, com seu lirismo transformou as questões do sonho num procedimento literário. Como um conto de fadas o sonho permanece em nosso tempo, mas que ao despertar, diferente das engrenagens intelectuais orientais, se torna “apenas um sonho”.

A literatura mais sofisticada prolonga estranhamente as perturbações do espírito, tal como podemos supô-lo, na aurora da história humana, hesitando entre as espantosas fantasias dos sonhos e a insípida constância do cenário reencontrado a cada despertar. As invenções dos escritores parecem rejuvenescer incertezas ancestrais (CAILLOIS, 1978, p. 35).

A origem do mistério do sonho é oriunda da imaginação do sonhador. Sua construção é involuntária e seu sentido normalmente, pouco claro, o transforma em enigmático e perturbador. O sonhador assume em seus episódios noturnos vários e diferentes papéis que lhe são por ele próprio delegados, é ao mesmo tempo o ator e a plateia; o escritor e o leitor que, espantado e incrédulo com um texto que não conhece, mas, que ditado por ele próprio, é por ele lembrado como personagem. O sonho é um “terreno comum” ao desconhecido que participou do sonho e o que, desperto, dele se lembra, sendo os dois, uma só pessoa, o sonhador. Num romance, há a mediação análoga entre o escritor que o escreveu e o leitor que se introduz em sua leitura, criando mundos imaginários, do faz de conta, fictícios, inconsistentes, como nos sonhos, porém mais estáveis (CAILLOIS, 1978, p. 47).

O sonho, como diz Roger Caillois, sendo citado por Paci (1978, p.123), por um lado, uma experiência totalmente individual e incomunicável, adequa-se a este estudo. Por outro lado, Caillois sugere a provocação de se imaginar a possibilidade de várias pessoas ou mesmo uma multidão vivendo o mesmo sonho, ou sonhos paralelos ou complementares.

Neste trabalho coletamos sonhos de alunos do quarto ano de uma escola municipal em Duque de Caxias. Como já mencionado, seguimos a metodologia proposta por Martins (1994), assim como nos trabalhos de Meihy (2011; 2013) e Lemos et al (2015). A seguir apresentaremos 18 sonhos, agrupados de acordo com a contribuição de cada participante do estudo. Decidimos adotar esta forma de organização, pois temos como objetivo conhecer o imaginário infantil por meio dos sonhos, sendo essencial considerar as interligações existentes entre os sonhos narrados por cada estudante. Após a apresentação dos sonhos, acrescentamos as ilustrações e, por fim, nossas próprias leituras, ou seja, algumas pistas possíveis a seguir na construção de sentidos (outras tantas poderiam surgir), que irão apoiar a reflexão sobre os sonhos das crianças de Duque de Caxias.

3.1 SONHOS DA CAROLINA (12 anos)

3.1.1 O MELHOR SONHO DO MUNDO!

Sonho estranho

- Eu sonhei que Deus tinha voltado, aí eu subi pro céu, cheio de anjo né passando. Aí brincando, era um montão de brincadeira... Aí quando eu acordei eu pensei que era tudo verdade. Aí eu fiquei toda feliz, rindo, feliz. Aí nunca esqueci desse sonho. Que foi muito bom! E Deus, tipo falando comigo. Ele falando comigo, tipo né, eu conhecendo ele. E eu era muito feliz. Tipo no céu com vários anjos. Brincando de várias brincadeiras. Aí minha família lá também. Sonhei disso. E é muito bom. Aí quando acorda, aí a gente sente que é muito verdade. Pensa que é verdade. Um sonho real. Eu penso que é verdade.



3.1.2 UM SONHO LINDO

Sonho estranho

- Eu... também tive um sonho que minha mãe tava grávida! Aí minha mãe tá grávida! Foi assim, oh, eu sonhei que tinha um chá de bebê tudo rosa na minha casa... aí, depois minha mãe foi lá, bateu o coisa e deu que ela tava grávida e, agora, ela tá com sete meses.

P - E o que é que tem o rosa, não entendi?

P - Que o chá de bebê era tudo rosa, as coisas...

P - No seu sonho?

- É. Aí eu já sabia que era uma menina, aí eu falei, pedi obrigada a Deus, porque ele me avisou. Porque, minha mãe, tipo assim, ela tem um dom. Se alguém morrer, tipo assim, ela sonha antes. Aí, nisso Deus me revelou que, que Ele vai me realizar, vai me usar que nem ela. Que nem essa jovem, que nem essa mulher que ele cercou, vai fazer comigo.

P - Em que momento Ele te falou isso?

- Na igreja. Me revelando.

P - Como?

- Falou: Minha Filha, minha filha, é... não turve seu coração, por causa que... Ele falou que... pra mim aceitar. Ele, pra mim ler a Bríblia assim, que eu po, eu queria me fazer que nem a mu, que nem a minha rainha. Tipo assim, ele falou. Ele falou: Minha filha, minha filha. Essa tua rainha aí, ó. Eu vou te fazer que nem ela. Esse dom especial que Eu fiz nela. Só que ela não Me busca. Mas se você vim na igreja, se você vim, ela vai vindo atrás de você.

P - Mas isso foi no sonho que você viu? Ou como...

- Não. Ele me avisando.

P - Como?

- Eu tavo na igreja, aí a pessoa pergunta quantos anos nós tem. Aí só pode revelação com doze anos, assim doze, treze. Mas agora, com dez, com onze, não pode. É só com doze. Aí ela, Ele pegou e me revelou!

P - Ele, quem?

- Deus!

P - Como?

- Eh... a mulé me orando e Ele entrando dentro da mente da mulé.

P - Então, alguém que falou isso pra você?

- É!

P - E se apresentou como Deus?

- É! Tipo falando. Eu sabia que era Deus que tava usando ela, eu senti.

Aí eu só sonhei com esses negócios assim.



3.1.3 A COBRA ME MORDEU

Sonho estranho

- Foi... eu sonhei de cobra, aí eu fiquei muito assustada! Eu tava dormindo, aí eu peguei sonhei que a cobra vinha assim em mim, me mordida assim. Aí fiquei com muito medo, aí entrava dentro da janela assim do meu banheiro. Aí pegava me mordida, aí mordida minha mãe... aí eu morria! Porque ela me mordida e essa cobra tinha veneno. Aí... tipo que minha mãe ia me levar pro hospital, assim. Aí eu tinha morrido no hospital. Aí fiquei com muito medo. Eu tava na casa da minha tia, no sonho. A casa da minha tia é cheio de mato! Aí tava no mato. Aí de repente, eu fui no banheiro, aí apareceu uma cobra entrando assim dentro do...da janela do banheiro. Aí eu já fiquei com medo. Aí ela já me mordeu! Aí eu gritei! Aí nisso que eu gritei, aí veio minha mãe. Aí ela também mordeu minha mãe. Aí eu fiquei com muito medo, apavorada! Acordei! Pensei que era real.

P - Você não sabia que estava sonhando?

- É. Aí no sonho, doía muito, aí fiquei com pavor! Aí quando acordei assim, assustada, pensei que era mentira, pensei que era verdade.

P - E você sentia dor?

- Não, no sonho não. Eu só pensei que era tipo verdade, real.

3.1.4 O CAIXÃO

Sonho estranho

- Eu sonhei que tava dormindo, aí tinha um caixão do meu lado morto, uma pessoa morta. Na casa da Michele, que eu ficava lá com a minha prima, aí ela saía. Aí ficava com ela dormindo. Aí o marido da minha tia tava perto de mim morto, eu sonhei. Aí quando eu acordei eu pensei que era real. Só que eu vi que era mentira, era sonho.

3.1.5 SOBRE OS SONHOS DA CAROLINA

O primeiro sonho de Carolina, intitulado “O melhor sonho do mundo!”, menciona a vinda de Deus à Terra e, embora a narrativa não seja explícita, leva-nos a entender, que a carrega consigo para o céu. Na descrição da aluna, o céu é um local povoado por anjos, que passeiam e brincam. Vê-se que passear e brincar são ações tidas como boas e positivas na perspectiva da aluna. Podemos associar a ideia de anjos a uma analogia à criança, à infância e à sua dimensão lúdica, marcada pelas brincadeiras.

Destaca-se neste sonho o prazer da brincadeira e a satisfação de estar em um local seguro, sobre a proteção de Deus e em companhia dos anjos e da família, onde se pode brincar e ser feliz. Nota-se a valorização do brincar como um direito da criança e um prazer.

A importância de Deus, da religiosidade, é evidenciada neste sonho. Estar com Deus, conhecer Deus é influência direta da formação cristã da aluna. A ideia de Deus como protetor e transformador da condição material da vida a partir da fé. Vê-se esta relação com Deus tanto na escrita incluída no desenho, onde destacam-se múltiplas afirmativas da bondade de Deus, como na cor atribuída ao desenho, o azul, representando o céu. Furth (2004, p.129) nos orienta que palavras no desenho devem despertar atenção para o que poderia ser mal interpretado no desenho, ou na vida, que necessita ser esclarecido ou ratificado através delas. “Toda a questão da confiança vem à tona quando palavras aparecem nos desenhos”.

Segundo Carolina é preciso o silêncio e a tranquilidade da noite, no sonho, para estar com Deus. As estrelas no céu confirmam isso em seu desenho. É intrigante a disposição dos oito pares de estrelas na metade horizontal da folha que reforça a compreensão de que todo objeto repetido em um desenho geralmente é relevante e se refere a medidas de tempo ou a eventos de importância no passado, presente ou futuro (FURTH, 2004, p.102).

A forma como toda a folha foi rabiscada com a cor azul-claro pode estar relacionada ao tema divino, à presença de sua fé cristã em Deus. Faço aqui essa observação, pois é o próprio Furth (2004, p.78) que destaca a importância da primeira impressão causada ao olhar para o desenho como um dos princípios básicos para analisar as figuras do inconsciente. “Não se deve interpretar o desenho, mas se concentrar nos primeiros sentimentos que ele causa. [...] Inicialmente, deve-se ficar com os sentimentos, não com as interpretações.” A cor

azul-claro que foi utilizada para cobrir toda a folha em forma de rabiscos, de acordo com Furth (2004, p.159), significa contemplação, uma retirada, algo longínquo, o céu azul-claro. Entretanto, a forma como é aplicada ao desenho transmite inquietação por parte da aluna.

Outro fator que causa estranheza neste desenho é o formato dado aos corpos das pessoas nele representadas. As pessoas neste desenho possuem corpos mutilados onde no lugar dos membros inferiores e superiores há apenas a continuação do corpo em curva. Estes traços me lembraram cobras. E todos apresentam o mesmo detalhe no meio do corpo. Diferencia-se apenas uma menina pelo tamanho dos cabelos, que tem a sua frente um círculo com um X, como se recusando o que lhe é oferecido. Há também um destaque, em verde, nos olhos dessa menina que, penso, seria a própria sonhadora representada. Segundo Furth (2004, p.86) as “representações estranhas normalmente apontam para uma área problemática específica da qual o indivíduo pode ou não estar consciente, mas que precisa ser trazida à tona.”

Há neste desenho dois pequenos detalhes destacados na cor vermelha. O primeiro é um coração que, do lado direito se apresenta com seu contorno na forma tradicional, mas no seu lado esquerdo, esse coração está aberto e deformado. O outro é um círculo com um asterisco sobre ele, também em vermelho. Duas representações, nesse momento, bastante enigmáticas.

A família junto com Deus e os anjos parece ocupar um espaço de paz, prazer e segurança. O amor da família, o desejo de protegê-la e a proteção que ela oferece à sonhadora estão evidenciados nesta narrativa. O sonho como uma realidade vivida ou desejada. Sonho enquanto um sentimento real.

No terceiro sonho, intitulado “Um sonho lindo”, mais uma vez mostra como Deus vem em socorro da infância que deseja existir, revelando neste sonho a vinda de uma menina que vai nascer num mundo cor de rosa.

Sua narrativa nos leva à ideia da casa como um lugar de proteção e a presença da mãe, num mundo que propõe um empoderamento feminino com proteção divina. Um dom de prever acontecimentos que, segundo a sonhadora, passará de mãe para filha, pela vontade Divina mediante sua submissão e de sua família às normas e dogmas de uma igreja cristã.

A felicidade vinculada à aceitação da ideia de um Deus e na leitura da Bíblia Sagrada é oferecida à esta sonhadora em sua vida na vigília, segundo seu relato. A felicidade e a proteção encontradas na fé, na submissão à crença cristã que sua

mãe, aparentemente, não tem seguido como é exigido pela igreja frequentada pela família e que ela, ao fazê-lo, por já não ser mais tão criança, ter alcançado a idade da revelação, terá a oportunidade de fazê-lo e carregar consigo sua mãe, resgatando-a para o ambiente da igreja. Deixa implícito, inclusive, que todas as mazelas e dificuldades vivenciadas pela família estão na responsabilidade da mulher, mãe, que renuncia constantemente seus compromissos com Deus.

Em seu desenho há a presença de uma terceira pessoa que não é citada em sua narrativa, possivelmente uma figura masculina, pelo que sugere os cabelos mais curtos, que introduz a mão na barriga da mulher, como se estivesse colocando a criança em seu interior ou a esta abençoando. Não creio que seja a representação da imagem de Deus, pois no seu primeiro desenho, no sonho *O melhor sonho do mundo*, quando sonha diretamente com Deus, não o representa fisicamente.

O desenho possibilita a visualização interna da barriga da mãe com a criança em seu interior e os corpos dos adultos, da mesma forma que a representação anterior, não apresentam os membros inferiores e superiores, como cobras, que se prolongam num único traçado. Diferentes do corpo da menina colocada entre eles, que é retratada sugerindo possuir mãos e pés.

Essa experiência se passa durante o dia, com a presença da luz do Sol e, mais uma vez, utiliza-se de múltiplas palavras para completar o que desenhou, ou para esclarecer e evitar ser mal interpretada em seu desenho ou na vida, transmitindo sua felicidade por receber uma criança, com a qual talvez ela própria, a sonhadora, poderá ser também um pouco mais criança, tendo com quem brincar. Uma menina para ser sua companheira ou uma concorrente. Ou ainda, talvez, para brincar de ser mulher ajudando sua mãe a cuidar da bebê. Mais uma vez, também, o coração se repete neste desenho. Dessa vez, porém, o acompanha uma palavra na mesma cor, em vermelho.

Quanto ao sonho “A cobra me mordeu”, não pude deixar de recorrer ao Dicionário dos Símbolos (CHEVALLER; GHEERBRANT, 2015) na busca da principal figura desse sonho: a cobra. Encontramos a serpente como sendo uma representação da latência da vida, da “própria ideia de vida”. A serpente visível como sendo uma manifestação “do sagrado natural, não espiritual, mas material”. Símbolo da purificação, “seria o mestre das mulheres por representar a fecundidade”. “Em outros lugares, as serpentes são guardiãs dos espíritos das crianças, que são distribuídas à humanidade conforme as necessidades” (CHEVALLER; GHEERBRANT, 2015, p. 814-822).

A cobra, a serpente, que tem sua significação relacionada com a fecundidade, é também o símbolo da luta que o bom cristão tem de superar para atingir o sagrado. O simbolismo que envolve a serpente neste sonho nos sugere a representação dos excessos e desejos que o cristão tem que reprimir na busca de sua salvação divina. No caso, mãe e filha, desamparadas, morrem por serem mordidas pela cobra. Por se deixarem envolver e seduzir pelo contraditório e prazeroso sentido sexual que sugere a serpente. Como fonte de vida e imaginação que circunda a ideia da serpente.

Alcançar a moral cristã, através de censuras internas, elevariam suas condições humanas diante de Deus. Mãe e filha sucumbem ao serem mordidas pela cobra. Um sonho que, ao mesmo tempo, reforça a vinda de uma nova vida. A vida original que necessita do pecado carnal para se realizar. Um obscurantismo ao qual está renegada nossa sociedade na busca de uma segurança que faz a vida original parecer como errada em sua consciência diurna (CHEVALLER; GHEERBRANT, 2015, p. 824).

Esta aluna com 12 anos de idade é uma jovem adolescente, linda e vaidosa. Usa as unhas muito bem tratadas, o que me despertou atenção, pois eram multicoloridas e muito bem decoradas, não pareciam mãos infantis e sim de uma mulher sedutora. Em seu porte gracioso e com uma aparência que a faz se destacar, por ser tão bela e tão bem apresentada, inclusive com as sobrancelhas modeladas e cabelos muito encaracolados e soltos. Enfim, uma jovem linda e muito feminina, que não ocupa mais um espaço infantil na sociedade.

No último sonho narrado por Carolina, o caixão é a figura principal. A morte é o evento em destaque enquanto dorme a sonhadora em seu próprio sonho. A morte de um homem da família e, mais uma vez, a experiência parece real. Segundo Morin (1970, p. 213), “todo sonho é uma realidade irreal, mas aspira à realização prática. É por isso que as utopias sociais prefiguram as sociedades futuras, as alquimias prefiguram as químicas, as asas de Ícaro prefiguram as asas do avião”.

Em seu significado imediato, a morte representa o fim de algo positivo. Segundo Chevallier e Gheerbrant (2015, p. 621), representa a existência em sua condição efêmera e vulnerável, se aproximando também dos ritos de passagem na ambiguidade de sua representação como evolução irreversível das coisas.

Neste sonho, através do simbolismo da morte como evolução, mudança inevitável na existência, fica implícito, mais uma vez, o momento especial de

transformação pelo qual a sonhadora passa em sua mutação da infância para a adolescência. Sempre entre seus familiares, na segurança de sua companhia.

A simbologia da morte carrega em si também a ideia de renovação e renascimento, sendo o movimento necessário para o sentido da vida. Mais uma vez, o novo ser que está por vir participar e modificar a vida da sonhadora é anunciado numa articulação da imaginação em mais uma cena, de mais um ato, no drama individual que é a própria vida desta aluna. Assim, como com qualquer sonhador participante de um contexto social amplo que, em simbiose com o seu meio psíquico e pessoal, vai criando movimentos imaginários que se transfiguram em símbolos. Símbolos que podem ser compreendidos a partir da busca de pistas através do conhecimento humano historicamente acumulado, mas que sua interpretação virá sempre do (a) próprio (a) sonhador (a), das suas experiências, “de sua vida a nível do imaginário ou da construção de imagens” (CHEVALLER; GHEERBRANT, 2015, p. 848-849).

3.2 SONHOS DO JOÃO (10 anos)

3.2.1 MINHA AVÓ

Sonho recorrente

- O sonho que eu sempre tive foi esse: que minha avó voltasse para a terra.

P - Mas esse sonho não é um sonho sonhado, enquanto dorme. A gente está falando de sonho que você tem quando deita e dorme!

- Então!

P - Não entendo, então!

- Quando eu tive 10 anos, eu não pensei em mais em nada, só que quando eu dormia eu pensava eu minha avó estava do meu lado, só que ela não estava. Eu sempre sonhei que minha avó voltasse.

P - Esse sonho, você desejou ou você via a sua avó?

- Eu vou explicar! Eu sempre sonhei que minha avó voltasse para a Terra. Entendeu? Eu sempre sonhei que ela esteve do meu lado, só que quando eu acordava, não estava.

P - Ah, então, você deitava, dormia e via a sua avó?

- É. Minha avó morreu.

3.2.2 SONHO MUITO LINDO

Sonho recente

- Ah! Eu sonhei que o meu pai sentava no sofá e jogava vídeo game comigo.

P - E é um sonho que você sempre sonha, ele se repete?

- Sempre não, só uma vez.

P - Você sonhou só uma vez. E o seu pai é vivo?

- É.

P - Você mora com ele?

- Hum, hum! – Responde afirmativamente.

P - Mas ele não quer te dar o vídeo game?

- Não, é porque ele não pode comprar um vídeo game. Aí, ele falou pra mim escolher ou vídeo game, tablet ou um notebook. Aí, eu falei: - Primeiro, eu quero um tablet. Aí, ele foi, tá pra trazer o notebook hoje, aí se ele não trazer o notebook hoje, eu vou escolher o tablet. Eu já tive um tablet, só que a minha irmã botou o cabo pra carregar, aí quebrou o pininho e não dá mais para carregar. Aí, tá lá no meu guarda-roupa.

P - Por que você sonhava que jogava vídeo game com o seu pai?

- Porque eu sempre quis isso.

P - Você nunca jogou vídeo game com seu pai?

- Hum, hum! – Responde negativamente.

P - O que você faz com ele?

- Jogo bola na praça, ando de bicicleta! Ando de bicicleta com ele, vou consertar a bicicleta com ele, saio, vou pro shopping passear, vou pra Vila São Luiz e etc.

P - Mas o vídeo game, então que você não tem?

- Só o meu primo que estuda ali em cima. (Em outra sala de aula).

P - Ele tem e vocês não jogam?

- Não, é que ele mora na... no morro. É assim, tem uma padaria e em frente a padaria é um morro. Aí ele mora lá naquele morro – e então fala baixinho, sussurrando – Morro do Sapo, sabe?

P - E você mora aonde?

- Eu moro numa rua, eu não moro no morro, não. Eu moro na Manuel Telles.



3.2.3 SOBRE OS SONHOS DO JOÃO

O primeiro sonho de João centra-se na figura da avó já falecida, que é evocada todo o tempo. É a única lembrança do próprio sonho. Em suas noites de sono, pode experimentar sua presença como se viva ainda estivesse e ao seu lado, durante todo o tempo. Imaginação? Fato? Realidade que a imaginação possibilita! Uma realidade irreal como nos fala Morin (1970, p. 213).

Mais uma vez a família está presente no sonho. Os laços familiares são resgatados e fortalecidos nas experiências oníricas. A avó, sendo a mãe, não sei se materna ou paterna, mas de qualquer forma representa a figura da mãe, é um símbolo maternal. O que o *Dicionário dos símbolos* nos diz é que

A mãe é a segurança do abrigo, do calor, da ternura e da alimentação; é também, em contrapartida, o risco da opressão pela estreiteza do meio e pelo sufocamento através de um prolongamento excessivo da função de alimentadora e guia: a genitora devorando o futuro genitor, a generosidade transformando-se em captadora e castradora (CHEVALLER; GHEERBRANT 2015, p. 580-582).

Mas também a morte, mais uma vez, está presente em sua simbologia. Talvez seja mesmo “em seu aspecto precível e destrutível” da existência. Ou possa

estar a representar a transformação, a mudança de uma fase da vida, de quem já se foi e não mais poderá exercer sua influência e proteção na vida daquele que, em sonho, ainda goza de sua companhia. Mas que também na sua vida, vivida na vigília, se encontra em transformação, num processo em que sua infância, irreversivelmente está desaparecendo, seja pela transformação do seu próprio corpo, seja pelas exigências da cultura em vive.

No segundo sonho intitulado “O sonho muito lindo”, João revela o desejo de jogar videogame com o pai, no conforto e na segurança da sua casa, que a criança faz questão de afirmar que não é numa favela, pois quem mora no morro é um primo, que apesar de morar no morro, já possui o equipamento do desejo de consumo da criança, que seu pai não pode comprar. Fica implícita na narrativa a escolha pelo individualismo, num mundo que privilegia o consumismo. Apesar de gostar muito do pai e brincar com o pai seja uma atividade costumeira e prazerosa, o menino opta por um equipamento de uso individual, o tablet, mesmo já tendo tido um anteriormente. Um consumismo desenfreado, num mundo onde tudo se torna descartável e, somente por causa de um problema na tomada do primeiro equipamento adquirido, acarreta a necessidade da compra de mais um equipamento novo, deixando o primeiro abandonado e esquecido no armário. Protelando, assim, a obtenção de um outro equipamento, o vídeo game, apesar de nunca ter comprado um e de não ter condições financeiras, no momento, para obtê-lo. Em seu desenho, a criança mostra detalhes de sua casa bem equipada com um grande televisor e objetos de decoração. Um desenho onde utilizou régua para produzir linhas perfeitas na construção cuidadosa de um espaço caprichado onde, junto com o pai, pudesse brincar. Brincar com o impossível, inatingível, pois o brinquedo não cabe no orçamento da família.

3.3 SONHOS DO MARCELO (10 anos)

3.3.1 EU ERA JOGADOR DE FUTEBOL

Sonho recente

- Eu sonhei que eu tava jogando bola, aí eu fiz o gol, aí o meu time perdeu. Eu sai de lá e fui pra casa dormir. Aí eu sonhei que eu era jogador de futebol e quero jogar futebol e fazia vários gols e eu fui lá e ajudei minha mãe, meus irmãos e meu pai. Fui lá e aí eu fui passear com a minha mãe e com meus irmãos e com ... aí eu fui lá e comprei negócio pra meus irmão e minha mãe comer e aí fui lá e voltamos pra casa e dormimos.

P - Fui lá, fui lá, ... aonde?

- Nós fomos no shopping.

P - Esse foi lá, é no shopping? O tempo todo no shopping?

- Aí, nós voltamos pra casa e ficamos vendo televisão, depois chegou a hora de dormir.

P - Isso tudo no sonho?!

- Sim.

P - E você tinha que idade?

- Eu já era grande!

P - Tipo?!

- 20 anos...

P - Quer dizer que você sonhou com você mais velho? E a sua avó?

- Minha avó? Minha avó já tinha morrido.

P - Mas sua avó tá viva! No sonho a sua avó já tinha morrido? Quem estava no sonho?

- Minha mãe, meu pai e meus irmãos.

P - Sua mãe está viva?!

- Tá.

P - Quem faz parte do seu sonho?

- Minha mãe, meu pai e meus irmãos.

P - Quantos irmãos?

- 9.

P - Com você são 10? 10 com você?! Como é o nome deles?

- Nilson, Mario, Marcia, Maria Nazaré, Isabele, Daniele, Luciana, Walter e Ana Lúcia.

P - E você!

- É.

P - Você é o mais velho? Como é?

- Sou mais novo, minha irmã é mais nova.

P - Você é o penúltimo?

- Não. Penúltima é minha irmã nenêzinha.

P - Você é o antepenúltimo?

- Minha irmã nenêzinha é a última.

P - Aí vem mais uma e vem você? Você é o antepenúltimo?

- É.

3.3.2 EU SONHEI COM DINHEIRO

Sonho recorrente

- Eu sonhei que eu tava andando na rua, olhei pra baixo e achei mil reais eu não contei pra ninguém, nem pra minha mãe nem pro meu pai... Aí eu botei debaixo do travesseiro e fui dormir. Aí, quando eu acordei...

P - No sonho você tava acordado andando na rua, aí foi dormir.

- Quando eu acordei eu falei: - Cadê meu dinheiro, cadê meu dinheiro? Falei minha irmã, culpei minha irmã. Aí: Isabel, foi você que pegou meu dinheiro, não foi? Aí, ela: - Não foi. Mas foi só um sonho.

P - Mas você não sabia que tinha sido sonho?

- Não.

P - E ficou procurando e acusando todo mundo.

- É.

P - Ai, que loucura! Mas quando você acordou ficou acusando todo mundo, você acordou de verdade?

- É.

P - E como você se deu conta de que você tinha sonhado? Em que momento?

- Porque eu tava andando na rua já era 8 hora, que eu entro em casa 8:30h, aí eu achei o dinheiro e não contei nem pra minha mãe. Fui lá, fui dormir. Aí minha

mãe falou: - O que que foi? Aí eu falei: - Nada, mãe. Aí fui dormir botei o dinheiro embaixo do travesseiro, aí depois eu acordei procurando o dinheiro. Aí não tava embaixo do travesseiro, não foi ninguém que pegou.

P - E aí, como é que você percebeu que tinha sonhado?

- Quê?

P - Como é que você chegou à conclusão de que o dinheiro não estava ali, porque ele nunca esteve ali mesmo, porque ele nunca existiu?

- É, porque eu nunca achei mil reais. E eu só achei de verdade 250, por aí, mas mil reais nunca achei, não.

P - Você achou 250, aonde?

- Na rua. Eu tava andando pra baixo, eu tinha acabado de jogar bola. Tava andando eu e meus amigo. Aí, eu olhei pra baixo, aí eu peguei, aí tinha uma nota de dólar cobrindo tudo, aí eu falei: essa nota de dólar dá sorte, aí quando tirei a nota de dólar do meio era duas notas de 100 e uma de 50 reais.

P - Foi legal, hem! E não tinha a menor possibilidade de o dono estar por ali? Você não viu ninguém para devolver, né?

- Não.

P - O dinheiro era seu mesmo! E esse foi o único sonho que você sonhou?

- Não, eu já sonhei um montão, mas eu não se lembro nenhum, agora.

3.3.3 SOBRE OS SONHOS DO MARCELO

Marcelo, no sonho “Eu era jogador de futebol”, parece influenciado pelo imaginário do mundo do futebol, marcado pelo sucesso, estrelato, riqueza, poder e ostentação que esta atividade esportiva oferece a alguns atletas. Inspirado em casos de pessoas que, mesmo com pouco estudo, muitas dificuldades, com muita dedicação ao esporte e sorte nas oportunidades, conseguem idealizar e conquistar fortunas e um estilo de vida de milionários. E com isso conseguem levar junto de si a família, que, na maioria das vezes, dividiu com ele momentos de angústia e dificuldade financeira.

É no shopping que se passa o sonho, talvez na maior parte do tempo, pois é o lugar da representação do consumo dos dias atuais. É isso que deseja o menino,

morador da Baixada Fluminense, na Vila Nova, conhecida como Favela do Lixão, no Município de Duque de Caxias, onde a televisão, objeto que educa para o consumo, desperta o sonho da ostentação.

No segundo sonho narrado, Marcelo demonstra preocupação com dinheiro. Se na vigília conseguiu achar 250 reais, esse valor se quadruplica em seu sonho! Fica evidente que, apesar de sua pouca idade, já aprendeu a valorizar o dinheiro como bem supremo num mundo capitalista. Nota-se que ao encontrar uma grande quantia em dinheiro, não compartilha o acontecimento com a família, esconde-o embaixo do travesseiro e mais uma vez o sonhador vai dormir em seu próprio sonho para acordar e constatar que sonhava uma realidade que tanto deseja e que ao mesmo tempo, ele sabe, é tão distante da sua. Como já indicado anteriormente, esta é apenas uma das várias leituras que podem ser realizadas a partir do sonho de Marcelo. Nesta dissertação, interessa-nos explorar os caminhos que as narrativas oníricas abrem para a compreensão do imaginário infantil, assim como suas implicações na concepção de processos educacionais mais igualitários.

3.4 SONHO DO GABRIEL (12 anos)

3.4.1 UM SONHO AVENTUREIRO

Sonho recorrente

- Só sei que é assim... eu tô..., sonhando, eu tô no sonho, aí eu tô num lugar, tipo assim: eu já sonhei que estava no Shopping. Ela, tava eu, me irmão Jerônimo, Luíza, Claudio e meu irmão Lucimar, aí nós tava indo pra cá, aí quando a gente entramo aqui, já chegava em casa!

P - Entramos aqui, aonde?

- Aqui na porta da escola. Passava do portão chegava em casa, entendeu?

P - O portão da escola virou casa?

- Isso!

P - Quando você atravessa o portão da escola?

- Chegamo em casa!

P - Chegou em casa, virou a casa, o que mais?

- Nada! Não, eu tô querendo dizer assim, é... Eu tô no lugar, aí cada vez que eu ando eu apareço em outro!

P - Como é que acaba o sonho?

- Acaba com um pesadelo.

P - Como assim?

- Aí, não, na verdade acaba assim, minha mãe, aí a gente escuta alguém chamando a gente, assim quando tá querendo acordar, minha mãe vai chama eu tanto é que eu escuto, mas não consigo acordar, aí eu vou escutando, escutando, Rafael, Rafael, Rafael, depois eu acordo.

P - Aí, é como se você fosse saindo do sonho?

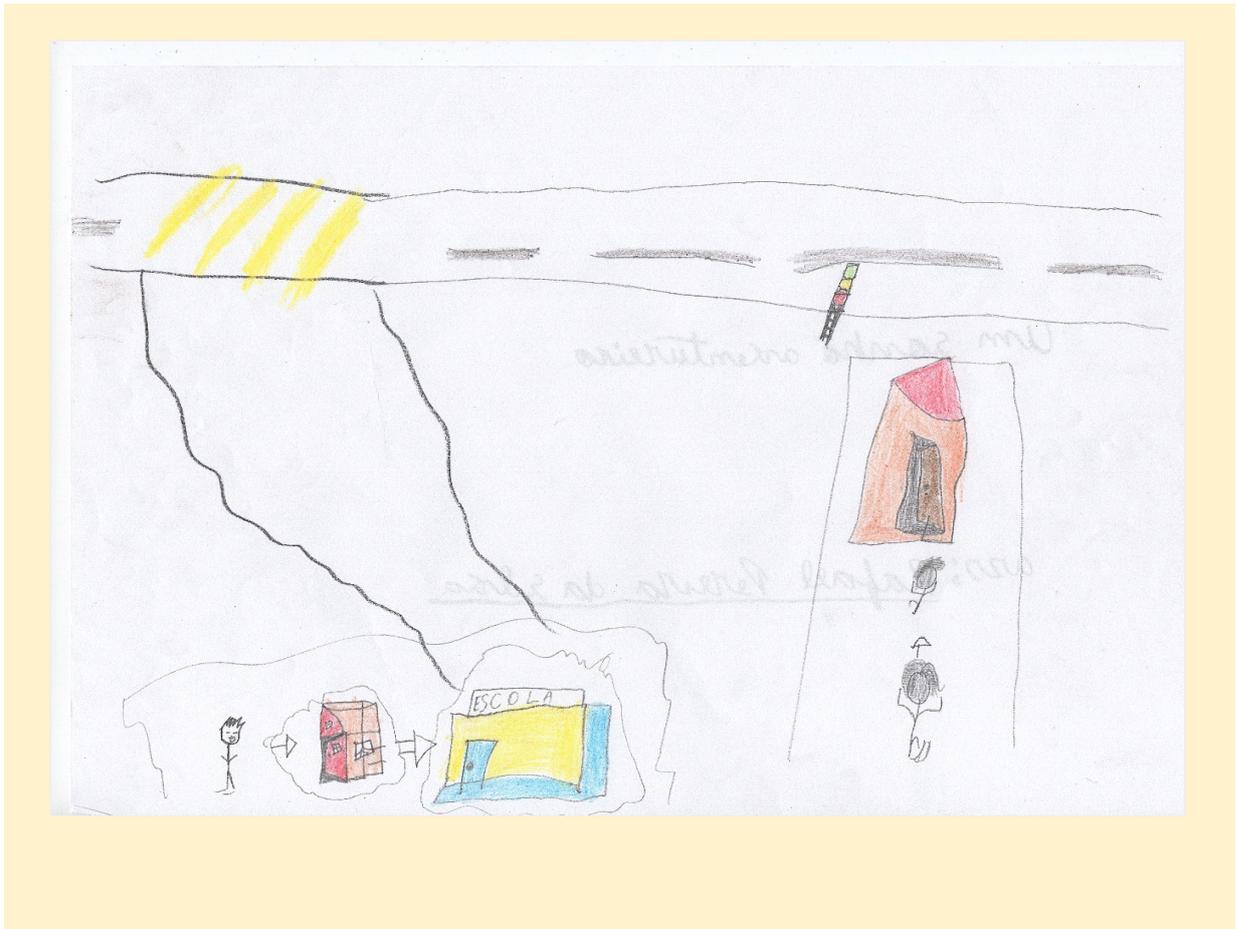
- Hum, hum – afirma.

P - Até chegar!

- Hum, hum – afirma.

P - Aí acorda?

- Hum, hum – afirma.



3.4.2 SOBRE O SONHO DO GABRIEL

O sonho narrado por Gabriel, intitulado “Um sonho aventureiro”, revela um sentimento de insegurança e de não pertencimento, pois que ao mesmo tempo em que está num lugar, seja a casa, a escola ou mesmo um shopping, já está em outro, que pode ser a rua, um outro bairro, ou mesmo a casa. Basta um movimento, um passo, para mudar de ambiente, de situação. A impossibilidade de criar uma identidade em um espaço que não promove relações interpessoais duradouras, pois que tudo se altera numa rapidez instantânea. A casa, a escola, a rua, não existe nada no espaço físico que habita que possa chamar de seu, onde sua história possa ser construída e registrada. O espaço por onde caminha cotidianamente se modifica tão rapidamente que não consegue deixar marcas.

Há alguns anos que trabalho com outras crianças dessa mesma família, antes desse aluno. É uma família numerosa, com muitos irmãos, onde as crianças não costumam receber a atenção e os cuidados que normalmente se espera que sejam

dedicados a elas. Deixam de ser crianças ainda muito cedo. Ou pela gravidez precoce ou pela necessidade do trabalho que assegure uma renda a mais no grupo familiar.

Em seu desenho, a representação da principal avenida da cidade de Duque de Caxias, a Avenida Governador Leonel Brizola, com seu semáforo, a faixa de pedestres próxima à direção da rua da escola que lhe é transversal, está claramente representada. Uma cidade onde as crianças não têm espaço algum para chamar de seu e, principalmente, onde crianças pobres necessitam se expor aos perigos de andar sozinhas no ir e vir da escola.

Em seu desenho, a casa e a escola estão envolvidas por uma espécie de nuvem, talvez os lugares que promovam de alguma forma, o sentimento de proteção. Digo pouco, pois passamos pelo risco da construção de um shopping na rua da escola, que ocuparia todo o quarteirão e que já acarretou a derrubada de quase 200 árvores no centro da cidade, sem nenhum obstáculo ou impedimento dos órgãos de proteção ambiental municipais ou estaduais, mudando sensivelmente a paisagem que se tinha do pátio da escola, anteriormente todo arborizado. E mesmo a escola, agora tombada como patrimônio municipal, corria um sério risco de ser transferida de lugar para dar espaço ao novo empreendimento empresarial, pois o processo de tombamento do prédio histórico, onde o trabalho da professora Armanda Álvaro Alberto se iniciou, levou muito tempo para ser concluído, concretizando-se somente no final do ano de 2016.

3.5 SONHOS DA LARISSA (10 anos)

3.5.1 A AMIZADE

Sonho estranho

- Eu sempre sonhava. Eu e a minha prima. Só que era em um lugar que tava cheio de doce. Por causa que a minha prima, ela tem problema. Ela não pode comer doce e coisas. Ela tava num lugar cheio de doces e eu tava com ela. E agora? Ah, eu só lembro dessa parte! Aí do resto, aí minha avó me acordou pra eu ir pra escola.

P - Mas você pode comer doce?

- Não.

P - Você também não pode comer doce?!

A aluna responde negativamente com a cabeça.

P - E por que vocês não podem comer doces?

- Por causa a minha prima, ela tem alergia a corantes e coisas artificiais. Se eu comer, eu fico cheia de carocinho assim.

P - Mas é a sua prima ou você?

- Eu e a minha prima. Aí, agora na Páscoa, eu comi chocolate meu rosto ficou cheio de bolinha. Aí eu tô tomando remédio. E agora?

P - Mas como é que era esse sonho?

- Assim, tava eu e a minha prima... aí eu fui dormir, né. Fui dormir cedo, porque nessa época eu estudava de manhã. Era lá em São Paulo, aí eu fui dormir. Aí acabei pensando na minha prima, ela é doente, ela também tem problema no coração. Aí, tava pensando nela, falei com a minha avó sobre ela... Aí a minha avó falou que ela tava com um câncer no líquido, assim que ela tinha feito a cirurgia no coração. Por causa que ela tinha aceleração no coração.

P - Ela tinha o quê?

- Porque ela tem problema no coração. Tem diabete... Aí eu fui dormir pensando nela e acabei sonhando nisso!

P - Mas, nisso o quê? Como é que é esse sonho?! Você não contou o sonho pra mim!

- Assim, eu fui dormir, certo? Aí eu deitei. Assim que eu deitei eu sonhei que eu tava com ela, em casa, normal. A gente tinha saído na rua, aí a gente ia...

P - Na casa de quem, sua ou dela?

- Na minha! Aí tinha saído. Aí tinha ido num lugar que tava cheio de doce que ela não podia comer, e ela é teimosa. Aí ela não podia comer porque é muito doente, aí, vê só, aí minha avó me acordou pra vir pra escola. Eu falei pra ela não comer.

P - E você comia?

- Não, eu não posso comer.

P - E você não comia?

- Não.

P - Que doces tinha nesse sonho?

- Aí tinha... sabe essas rosquinhas que a gente compra na padaria, que é com açúcar? Tinha bala, tinha chocolate... e bolo, só! Era um lugar enooorme! Parecia uma floresta!

P - Era uma floresta e tinha doces, como assim?!

- Ah, tem um filme... que eu acho que... que era igualzinho!

P - Quer dizer que você sonhou com algo igualzinho ao do filme que você já assistiu antes? Ou depois do sonho?

P - Eu acho que tinha assistido antes. Eu tinha assistido esse filme "Pipi", lembra? Aí eu pensei que nós ia comer ali mesmo. Ela não podia comer doce... e eu também não podia comer doce... Aí eu acabei sonhando nisso...

P - E era uma floresta?!

- Era. Eu... fui num lugar com o meu pai, um jardim. Aí era tudo fantasia, foi... num lugar que eu não sabe o nome! Aí tinha assim, tinha umas árvores do rosa, aí no chão era... era, era tudo fantasia... aí tinha colocado tapete rosa... essas coisas. Aí tinha o doce de mentira no chão, assim! Um monte de doce gigante...

P - Mas isso você viveu na vida real ou era sonho?

- Que eu fui no jardim e vi isso, era verdade... agora, no sonho, era só um sonho.

P - E... Esse jardim com as coisas, os doces de mentira, você viveu isso antes do sonho ou depois do sonho?

- Antes.

P - Então, você acha... como é que você avalia isso, como é que você interpreta esse teu sonho?

- Como assim, interpretar?

P - Como é que você entendeu seu sonho?

- Ah, eu entendi... que... a gente não podia comer doce... e que eu era muito teimosa! Isso que eu entendi!

P - Mas por que que você sonhou isso?

- Aí... aí eu não sei... por causa de que na noite eu tava pensando nisso!

P - As coisas estavam na sua cabeça?

- Hã, hã! – afirmou.

P - Mas por que que você estava pensando nisso?

- Porque ela tava muito doente, ela tava... no hospital, fez uma cirurgia no coração. E ela tava no UTI.

P - E você tava preocupada com ela? A vida é difícil, né?

- Assim... Teve um dia que eu sonhei um sonho que... eu tava, não, mas não foi um sonho bem, eu tava em casa, tava lembrando de umas coisas esquisitas, tava falando pela minha cabeça. Aí no outro dia aconteceu essa coisa! No outro dia que eu fui pra escola... uma esquisita!

P - Mas você não vai, não vai me contar que coisas?

- Assim: eu tava em casa, sentada no sofá vendo, assistindo TV, daí tava no assim, tinha na minha cabeça que eu tava na escola, ia acontecer isso, aquilo, quem ia ficar de pé, o que a professora ia falar... só que era bem pouquinho de coisa...

P - Mas tava pensando ou tava sonhando?!

- Tava pensando. Aí eu pensei isso, aí noutro dia aconteceu!

P - Caramba! Exatamente como você estava pensando?!

Respondeu afirmativamente com a cabeça.



3.5.2 A CASA E A MULHER

Sonho estranho

- Eu tava em um lugar, eu sonhei que tava na minha casa... com meus irmão... só que eu tenho dois irmãos, só que no sonho eu tinha mais.

P - Quantos?

- Eu tinha, eu tenho... sou eu e meu irmão. Aí eu tinha mais um irmão, no sonho.

P - No sonho eram três?

- Por causa de que a minha mãe, ela... tinha um filho só que... assim, quando ela tava grávida ela perdeu o neném.

P - Hum!

- Aí eu sonhei. Aí eu tava num lugar, de repente a minha mãe mandou a gente sair de casa, ir passear, e de repente eu peguei um ônibus aí eu apareci em outro lugar que eu nunca tinha visto, tava noite... aí aparecia na casa de umas pessoas que eu nunca vi quem era...

P - E que, como é que era esse lugar de noite?

- Ah, era assim, tinha uma rua subindo muito escura, tinha uma rua descendo muito escura, só que não tinha casa, era cheio, assim, era rua, aqui era um campo e atrás era cheio de árvore. Aí só tinha uma casa nessa rua. Aí... eu entrei nessa casa. Aí tinha uma mulher, um homem e... três meninas! Aí eu falei um negócio muito esquisito...

P - O que?

- Eu não lembro o que era... não lembro.

P - E o que acontecia?

- Daí... daí em diante eu não sei mais o que aconteceu. Eu sonho esse sonho todo ano, só que daí eu nunca consegui chegar além desse sonho...

P - Passar dessa parte?

- Hum, hum, sonhava só isso...

P - E sempre é a mesma mulher, sempre é o mesmo homem, sempre a mesma casa, a mesma rua...

- Só que eu nunca consegui ver a cara da minha mãe!

P - Essa mulher é a sua mãe?!

- Eu não sei se era a minha mãe de verdade! Eu sei que era uma mulher!

Que no sonho era a minha mãe!

P - Você tem o sentimento que era a sua mãe, mas você não via?

- Não, só desconfiava.

P - Mas essa, essas crianças, você sabe que são, eram, são você e seus...

- Era eu, o meu irmão, só que... o meu irmão que morreu,... eu nunca... vi ele! Ele era, ele era, era pra ter trezes anos, só que quando a minha mãe perdeu ele já era muito pequenininho! Minha mãe tinha dois meses!

P - De gravidez? Aí você nunca viu, claro!

- Nunca vi! Só isso que eu lembro!

P - E você sempre sonha esse sonho?

- É que desde que eu mudei pra São Paulo, eu morava no interior.

P - Aonde?

- No Recife.

P - Ah, então você é de Recife? Você nasceu em Recife?

- Não! Eu nasci em São Paulo! Eu morei um ano e dois meses em Recife, porque a minha mãe tem que arrumar a casa dela, que mora lá, aí eu fui morar em São Paulo. Aí de São Paulo eu vim aqui pro Rio. Aí desde que eu mudei pra Jundiaí, que eu nunca mais sonhei esse sonho. Aí eu mudei pra aqui, e nunca mais sonhei, aí acabei esquecendo. Só lembro o final.

P - E hoje, vocês estão morando aonde?

- A gente tá morando... não tem a estação de trem, não tem o Centro? A gente mora do lado da estação de trem, perto da Dona Vera.

P - Então vocês estão morando: você, sua avó...

- Meu pai, e meu irmão!

P - E sua mãe?!

- Só que a minha avó é só ela e o meu avô, não dorme mais ninguém lá! Só a gente!

P - Quantas pessoas?!

- É... eu, meu irmão, meu pai, minha mãe, meu avô e minha avó! Só que o apartamento tem três quartos! Aí, minha avó e meu avô dormem junto, meu pai e minha mãe e eu e meu irmão num quarto!

3.5.3 SOBRE OS SONHOS DA LARISSA

Larissa é uma menina alegre e falante, apesar de suportar uma carga de problemas evidentemente pesados para qualquer pessoa, ainda mais para uma criança de 10 anos. Em meio a tantos infortúnios, ela consegue perceber o colorido da vida, lembrando-me das palavras de Furth (2004, p. 64), que nos diz que o desenho é revelador de aspectos do inconsciente ou da psique do indivíduo e que devemos procurar o significado por trás de todo “acidente”, pois que todos os detalhes, “erros, esquecimentos, lapsos de linguagem e da escrita” brotam do inconsciente. Eles são os resultados de medos reprimidos e ansiedades.” Os desenhos se originam diretamente do inconsciente, diferentemente da comunicação verbal, não são comunicações “facilmente camufladas” (FURTH, 2004, p. 34).

Furth (2004, p. 53) nos orienta a avaliar um desenho de forma a “comparar algumas de suas características com o desenho como um todo; em outras palavras, olhando para o desenho a partir de suas anomalias internas”. Se destaca, logo na primeira observação, incomodamente, a pouca nitidez com que parte do desenho é representado. Apesar de numa primeira observação parecer um singelo e colorido desenho de uma menina, os rabiscos propositais feitos nas gaiotas, nas nuvens e no tronco pintado de azul, dissipam essa impressão. O vaso com flores e as duas árvores não são, propositalmente, ao meu ver, registrados com clareza, apesar de serem coloridos. Acompanhei a realização do desenho sem fazer nenhum questionamento, deixando-a interagir com seu desenho durante todo o tempo, até o final de sua execução feita em total silêncio.

O vaso, de tamanho desproporcional em relação às árvores, possui dois pares idênticos de flores, arrumados de forma intercalada. Leva-me a pensar que de alguma forma representa sua família. Talvez a representar os pares de seus ancestrais familiares, o pai e a mãe, o avô e a avó. Masculino e feminino constantemente representados. Entretanto, as três árvores me levam a pensar na representação das três crianças que logo a seguir relata em seu sonho recorrente: a própria sonhadora, seu irmão e um outro irmão que não chegou a nascer. Entendo as imagens pouco nítidas como se estas estivessem distantes, numa outra dimensão, pouco visíveis no mundo do aqui e agora. Talvez num tempo e lugar vividos que ficaram por algum motivo mal resolvidos no inconsciente da sonhadora. As duas árvores pouco nítidas, com seus tamanhos distintos dão a impressão de distanciamento entre ambas e poderiam assim representar lugares ou diferentes

épocas distantes entre si. Percebo, ao observar as três árvores, que a árvore central possui o mesmo tipo de tronco, sem galhos visíveis, da árvore de menor tamanho mais à direita. Esta, por sua vez, tem o tronco pintado de azul, com uma certa energia, como a destacar este ponto. Mas, sua copa é menos frondosa que a árvore ao seu lado, bem parecido com a copa da árvore de maior tamanho, que se encontra na extremidade esquerda da folha. Intuitivamente penso que a árvore central representa a sonhadora em seu momento atual. A árvore de maior tamanho se mostra com galhos robustos e sua copa se movimenta como se sofresse a ação de uma ventania. Seu tronco, tradicionalmente pintado em marrom, sustenta uma copa exótica, pintada de roxo.

Sinto que as cores tiveram um significado especial nesse desenho, pois após traçar o desenho harmonioso das gaivotas voando em pares, após pronto tudo o que nele se vê, fez questão de reforçar com o vermelho, em movimentos pouco harmoniosos, sobre o que já havia desenhado. Foi a última cor a ser usada. Nuvens rosas e acima delas nuvens azuis. Chão cor de rosa, numa planície tão estável que a traçou com o uso de uma régua.

Não há nenhum doce representado em seu desenho que retrata a narrativa de uma experiência sobre uma floresta cheia de doces, bolos e chocolates que são proibidos em sua dieta e de sua prima, que sofre das mesmas restrições que a sonhadora, por motivos de saúde. Nem mesmo a prima é representada neste desenho - ao menos explicitamente. Somente o desenho de três árvores representam a narrativa de uma floresta. A árvore, segundo Furth (2004, p.143) é o símbolo da vida e a floresta é o símbolo das poderosas manifestações da vida que geram angústia e serenidade, opressão e simpatia e que também podem ser entendidas em sua ambivalência como intermediário entra a terra em que suas raízes estão fincadas e o céu em que suas copas falseiam alcançar (CHEVALLER; GHEERBRANT 2015, p. 439). A vida, sua e de sua prima, que a obediência às restrições alimentares podem talvez garantir, só não se sabe por quanto tempo. Afinal, nenhuma vida sabe o tempo que tem antes de finalizar.

Chevaller e Gheerbrant (2015, p. 89) nos sinalizam que a árvore pode também “simbolizando o crescimento de uma família, de uma cidade, de um povo ou, melhor ainda, o poder de um rei, a árvore da vida pode bruscamente inverter sua polaridade e tornar-se árvore de morte”.

A aluna também nos relatou um pensamento, uma distração imaginária que, como num filme de curta duração, antevê um trecho do seu cotidiano na escola.

Uma das poucas ocasiões em que a escola foi o lugar citado. Com detalhes de procedimento que, tal e qual, como em seu pensamento, as cenas se repetem no dia seguinte na escola. Antevê quem vai falar sobre isto, o que poderia dizer sobre aquilo. Mas não é sonho! É pensamento, imaginação durante a vigília, que de fato se realiza.

O segundo sonho de Larissa, chamado de “A casa e a mulher”, remonta ao tempo que se mudou para São Paulo, saindo de Recife, cidade natal de sua mãe. Nota-se que a sonhadora afastou-se dessas imagens a ponto de esquecer-las. A sonhadora é uma criança que, mesmo com tão pouca idade, já viveu em diferentes regiões do país, onde os hábitos, inclusive o vocabulário, são distintos. Larissa é uma criança que sonha com um lugar que não conhece, com pessoas, homens e mulheres que pensa serem seus pais. Vive uma espécie de episódio parecido com a história de “João e Maria”, onde sua mãe a retira de casa com seu irmão e, de repente, encontra-se em uma rua, numa ladeira escura, onde mais uma vez as árvores aparecem. A rua que sobe, a ladeira e o céu parecem se aproximar. Uma rua que desce e como as árvores também pode enraizar-se. Há muitas árvores. É a floresta que participa de seu sonho mais uma vez. A noite na floresta. Rua que sobe e rua que desce, num lugar desconhecido, com pessoas que não mostram seus rostos.

Nordeste, Sudeste. Recife, São Paulo, Rio de Janeiro, lugares tão diferentes onde a cada momento se encontra com desconhecidos e com seus pais, sua família, que sempre a acompanha e parecem ser os personagens que estranhamente se escondem em seu sonho. Entendo que a menina se encontra em seus sonhos caminhando pelos lugares desconhecidos impostos pela família. Escola, amigos, tudo pode ser muito semelhante e ao mesmo tempo tão diferente nesses lugares por onde tem vivido. O que permanece é sua família, sempre unida. Mas, que em seu sonho, dela se livra para reencontrá-la em um outro lugar desconhecido, como estranhos. Assim tem sido sua vida, uma constante mudança de lugares e de estranhamentos.

3.6 SONHO DO OLAVO (9 anos)

3.6.1 SEQUESTRO DE CRIANÇAS COM PESADELO

Sonho estranho

- É ... olha só, eu tenho o ... meu irmão. Tamo em um lugar escuro, assustador, cheio de monstros, cheio de... Teve um cara, que era é ..., ele tinha uma capa preta e ele escondia o rosto. E eu tava querendo empurrá-lo ele e ele tava colocando minha mão na minha cabeça pra impedir. Aí, meu irmão foi pra baixo do escuro...

P - Foi pra baixo do escuro? Como assim?

- Ele foi debaixo do, foi pra baixo da terra...

P - Como assim?

- É ... os amigos dele, no meu pesadelo.

P - Como assim? Amigos do seu irmão?

- Ah ... eu sei que ele foi puxado no escuro.

P - O seu irmão foi puxado no escuro?

- Sim.

P - E esse escuro é debaixo da terra?! Explica melhor, eu não tava no sonho! Eu preciso ver o seu sonho, mas aí você precisa falar os detalhes!

- Eh... (?) tava no escuro e tinha um cara embaixo da nossa... casa, mas estava tudo escuro.

P - Mas você tem certeza que tava dentro da sua casa?

- Não, tiraram da minha casa e foi pra um lugar escuro aí foi pra... o lugar dele, e aí... a mão do cara queria fazer assim, mas aí ficou com a mão aqui na testa?

P - Você tentando dar socos nele?

- É.

P - E ele, com aquele braço comprido, grande, só empurrando na sua testa?

- Sim.

P - E aí, você não alcançava o corpo dele pra socá-lo?

- É.

P - Huum, agora eu pude imaginar a cena! Agora, conta o resto!

- É...

P - E tudo isso no escuro?

- Sim.
- P - Mas não era um escuro, mas não era uma escuridão tão forte, porque você conseguia ver.
- É.
- P - É, o quê?
- Era... era tudo no escuro, só eu podia ver.
- P - Então, você conseguia ver no escuro?
- É!
- P - Mas era uma escuridão muito forte?
- Sim. Aí o meu irmão estava lá e aí, ele não via ninguém lá no escuro.
- P - Ah, o seu irmão não te via?
- É.
- P - E nem ele via esse homem?
- Sim. O rosto dele era marcado com... deixa eu ver... cadê a cor?
- P - Vermelho? O rosto do seu irmão ou do homem?
- Do homem! Tinha um "X"! Daí foi meu pesadelo.
- P - E aconteceu o que com o seu irmão?
- Não sei, é porque ele foi pego.
- P - Por quem?
- Por uns caras. E, eles também estavam assim, igual ao cara que eu tentei impedir.
- P - Você tava lutando?
- Sim.
- P - E o seu irmão?
- Não, eles pegaram ele pelas costas. Pegaram ele assim!
- P - Colocaram os braços dele para trás?
- Sim. liih, fim!
- P - E levaram ele para onde?
- Não sei. Eles saíram "do nada" com...
- P - Com o que?
- Eles saíram "do nada" com o meu irmão.
- P - Tava tudo escuro e "do nada", você começa a ver o seu irmão.
- E ele some "do nada".
- P - E também some "do nada"?
- É. E aí, eu não consegui acordar e quando foi o fim, aí eu acordei.

P - E te faz, te incomoda falar desse sonho?
- Sim.
P - Você tá suando!
- Sim.
P - Percebe?
- Sim.
P - Quer se enxugar?
- É não, é porque eu tava na educação física.
P - Enxuga aqui o queixo que tá todo molhado de suor, né?- É, mas você ficou aflito, né?
- Sim, toda hora que eu fico no escuro, eu fico é... pensado nisso.
P - E o seu irmão? Quantos anos tem?
- 15.
P - Ele é mais velho que você?
- Sim. E, eu tenho... 3, contando ele.
P - Então, são 4 filhos?
- É, que a minha mãe tem. Meu irmão, minha irmã, meu irmão e eu.
P - Você contou esse sonho pro seu irmão?
- Não.
P - Pra alguém?
- Ninguém.
P - É mesmo?!
- Sim.
P - Mas por que?
- Porque eu não queria deixar os outros com o mesmo pesadelo.
P - Mas o pesadelo era seu, eles não iam sonhar mais. Nem pra sua mãe você contou?
P - Não contei.
P - Primeira vez que você tá falando esse sonho é agora?
- Sim.
P - Você gosta muito desse irmão que você sonhou com ele?
- Gosto.
P - Mais do que dos outros?
- Não. Eu só gosto de dois irmão. Só gosto desses dois.
P - A irmã e esse irmão que você sonhou? E o outro irmão mais velho você

não gosta?

- Não, é porque eu fico brincando com ele e eu gosto dele e ele fica fazendo de massagem também e ele é do tamanho da minha mãe e do meu pai. Deixa eu ver... Bem do tamanho desses dois dedos, desse tamanho ele é do tamanho, mas ele é mais alto que eles dois.

P - Ele é mais alto que seus pais?

- Não, um pouco baixinho. Esse daqui, opa, cadê? Meu pai é esse, esse é ele e minha mãe. Esse dois. – Mostrando nos dedos.

P - Ele já é um adulto, então?

- É.

P - Quantos anos ele tem?

- 25.

P - Ah!

- 26.

P - Tá casado já, não?

- Já.

P - Ah, ele não mora com vocês?

- Não.

P - Ah ...

- Só mora esses dois. Meu irmão e minha irmã.

P – Interessante!

- Minha irmã já tem trabalho e ele já tá arrumando trabalho.

P - E tem muito tempo que você teve esse sonho? Ou foi a pouco tempo?

- Muito tempo!

P - Tipo quanto tempo?

- Ah, até 2014!

Ilustração 1



Ilustração 2

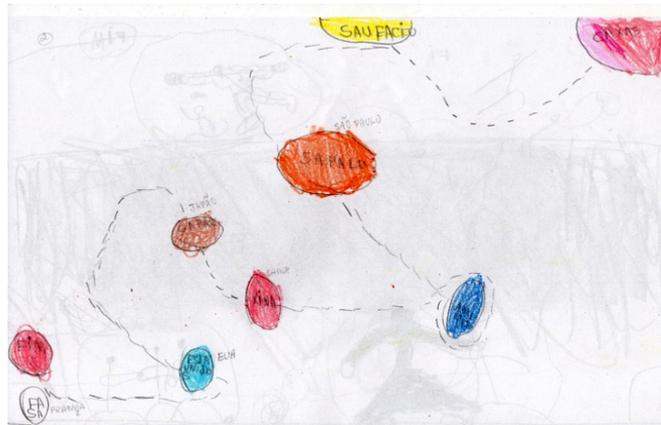


Ilustração 3



3.6.2 SOBRE O SONHO DO OLAVO

O sonho “Sequestro de crianças com pesadelo” divide-se em três partes, com cenas distintas, em sequências onde Olavo conta sua agonia. Chama esta experiência onírica de pesadelo, o qual foi vivido ao lado de um de seus irmãos. Um rapaz que é retratado como indefeso, incapaz de enxergar (no escuro) e de perceber as coisas que lhe acontecem.

A escuridão de um submundo, um outro espaço, invisível e paralelo a este mundo, são constantes em sua narrativa, juntamente com as características do malfeitor marcado na face com um X. Marca que o distingue dos outros atores que encenam com violência e determinação o sequestro dos irmãos.

Basta ficar no escuro para lembrar-se do sonho que viveu há dois anos atrás e que nunca contou para ninguém até então. Seu empenho e angústia ao retratar, no papel, sua experiência onírica, por um lado, para não deixar escapar da memória o que tinha vivido e por outro, pelo sentimento que essas lembranças lhe causavam me chamaram a atenção. Ao final, o aluno suava de pingar pelo queixo.

Inicia seu desenho como se estivesse visitando as imagens do sonho, e vai falando e traçando suas linhas, registrando os cômodos do apartamento, os detalhes do ambiente em que se encontrava com seu irmão, quando do momento em que se inicia seu tormento.

Numa posição de inferioridade física em relação a seu agressor, é impedido muito facilmente de lutar, por mais que tente salvar seu irmão do perigo em que se encontrava sem que este consiga enxergar ou perceber o que lhe acontece. Vive na escuridão. Escuridão essa que me faz pensar em ignorância, desconhecimento de fatos que estão ocorrendo e que o sujeito não se dá conta. E, talvez, aquele que tenta lutar sem sucesso contra o agressor seja a verdadeira vítima gritando por socorro. Um agressor poderoso, alto e forte, que age facilmente sem ser visto ou percebido por aquele, ou aqueles que poderiam e deveriam protegê-lo.

Esta narrativa, por sua angústia durante seu relato, me parece um grito de socorro de uma violência vivida na escuridão, na noite. A violência que retira do espaço do lar o aspecto de proteção e onde pessoas, que sendo da família, de forma cínica e, mascaradamente, se utilizam da força para roubar a inocência e a paz do sonhador que precisa lutar sem nada dizer a ninguém.

Ao afirmar que não gosta do irmão mais velho porque “ele fica fazendo de massagem”, depois afirma que gosta dele, talvez o que ficou pouco esclarecido na

sua relação com seu irmão mais velho esteja no fundo dessa escuridão e violência vivida em seu sonho.

Discretamente escreveu os nomes de dois dos personagens das Tartarugas Ninjas, Leo e Donny, na última ilustração. Leo, o líder das Tartarugas Ninjas e Donny o inventor do grupo, o mais inteligente das Tartarugas Ninjas. Leo usa a bandana azul e Donny a bandana roxa, mas o sonhador não utiliza essas cores ao discretamente representá-los no último quadro, escondidos na escuridão. Seus ídolos combatentes pela justiça. Escondidas pela escuridão, por baixo da pintura preta, quase imperceptíveis estão dois círculos com um X vermelho em cada um e mais uma pessoa, sem mãos e sem pés.

Despertou-me a atenção para a representação dos personagens com as pernas arcadas, sem mãos e sem pés, com exceção do grande e forte vilão que dispõe de aparentes pés e mãos para agir. Na última cena, ainda acima da escuridão limitada por uma linha que atravessa toda a página, que Furth (2004, p.131) vai dizer que “pode indicar algo psicologicamente opressor”, que também serve de base para uma situação que não é descrita em sua narrativa. Uma luta acontece no ambiente iluminado, na superfície, dentro de uma espécie de bolha e uma pessoa foge. É onde finaliza sua história.

3.7 SONHO DA MARIANA (11 anos)

3.7.1 A MORTE DOS MEUS PAIS

Sonho recorrente

- P - Esse sonho é um sonho que você sonha sempre?
- Todos os dias não, mas às vezes eu sonho sempre.
- P - “Vira e mexe” você tá tendo esse mesmo sonho, igualzinho?
- É!
- P - Então me conta que eu quero saber!
- Eu tenho um sonho que eu acordei chorando, porque eu tinha perdido meu pai e a minha mãe. O sonho é quando eu e ele tava andando de carro com a minha mãe e ele. Ele tinha batido com o carro e eles tinham que ir pra o hospital, e eles ficaram internados.
- P - Os dois?!
- É! Aí, depois no dia seguinte, eu soube que eles morreram.
- P - No sonho?! Tudo isso acontece no sonho?
- É, isso!
- P - E? O que acontece? O dia seguinte é no sonho?
- É.
- P - Como você sabe que é o dia seguinte?
- Ah, é que eu... é... A enfermeira ligou pra minha casa.
- P - Aí, você sabe que já é outro dia?
- É!
- P - Mas tá no mesmo sonho, aí a enfermeira fala no telefone pra você que eles morreram?!
- É.
- P - Mas seus pais estão vivos?
- É.
- P - Ele tem carro?
- Tem.
- P - Mas você estava junto com eles no carro?
- Tava.
- P - No sonho? E como é que foi? Veja se você lembra alguma coisa, algum detalhe, você estava no carro junto com eles?
- Tava.

P - O que acontece? Por que ele bate? Ele bate ou batem nele?

- Bate nele.

P - Quem bate nele, o que bate nele?

- Um ônibus!

P - Um ônibus bateu no carro do seu pai no sonho, e você estava dentro do carro?

- É!

P - E volta e meia você tem esse mesmo sonho? Tipo assim, quantas vezes você já sonhou?

- Foi menas vezes.

P - Tipo assim, uma vez por semana?

- Acho que uma.

P - E o que você entende desse sonho?

- Ah é, não sei.

P - Você já contou isso para a sua mãe ou para o seu pai?

- Não.

P - Nunca contou para eles? Por que?

- Não sei.

P - O que passa na sua cabeça, qual o sentimento que fica, como é que você se sente?

-Ah, sinto um pouco triste.

P - Logo assim que acorda? Ou você já acorda triste? Mas nunca comentou nada com ninguém?

- Não.

P - E ninguém nunca percebeu que você estava triste? A sua mãe está bem? Seu pai também? Você acha que ele dirige direitinho, com responsabilidade? Ou ele é daqueles que avança sinal?

- Ele não avança sinal, ele espera.

P - Ele dirige direitinho? Educado no trânsito?

- É.

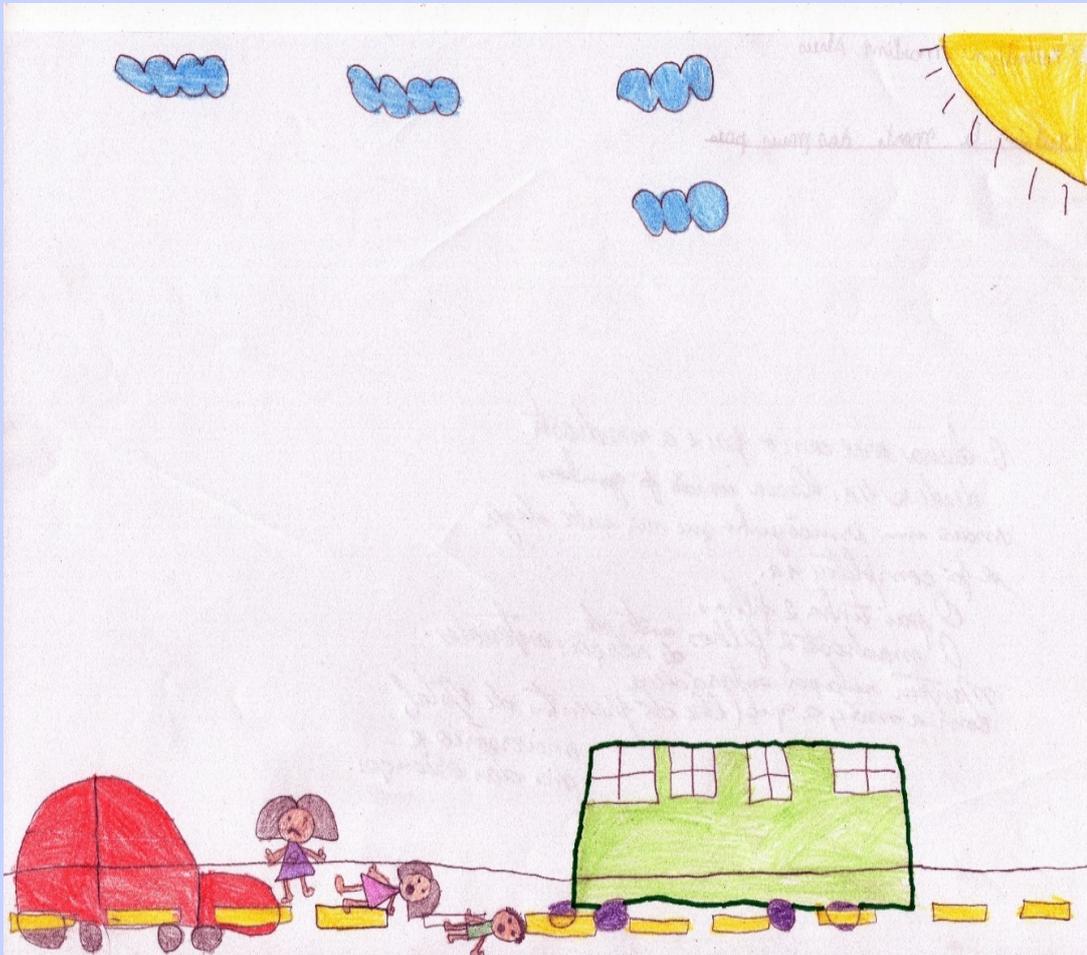
P - Você acha que isso um dia vai acontecer?

- Não.

P - Existe outro sonho que você lembre?

- Não, só esse.

P - Você sonha esse continuamente e não dá espaço pra sonhar mais nada?! – Confirma com a cabeça. – Então você faz um desenho desse pra mim?! Vamos fazer?! Então vamos lá!



3.7.2 SOBRE O SONHO DA MARIANA

A sonhadora participa juntamente com seus pais de um acidente de trânsito onde um ônibus colide contra o carro em que estavam e que seu pai dirigia. Apenas seus pais são hospitalizados e estes vêm a falecer sendo a notícia transmitida à sonhadora, em sua casa, através de um contato telefônico de uma enfermeira. A menina acorda chorando, mas admite ficar somente “um pouco triste”.

Causou-me estranheza a forma que utilizou para se referir a si própria em companhia, ao mesmo tempo de sua mãe e de seu pai. Onde diz, “eu e ele tava andando de carro com a minha mãe e ele”. Há uma evidente separação entre ela e a

mãe. Dentro do mesmo sonho, continua retratando o dia seguinte ao acidente, onde é comunicado o falecimento de seus pais. Foi um ônibus que bateu no carro do seu pai e afirma que este não teve culpa, pois costuma dirigir com responsabilidade e atenção.

Na realização do desenho sobre esta narrativa, a sonhadora representou o ônibus que não mostra o motorista ou passageiros. Uma das rodas parece ter soltado do veículo. O carro de seu pai parece não ter janelas e os dois, pai e mãe, estão estirados no caminho.

O mais intrigante de seu desenho é que o tracejado no chão, representando a via por onde transitam os carros, tem o poder de se sobrepor a todos os outros detalhes do seu desenho. São ao todo, onze retângulos que percorrem toda a largura da folha. Até mesmo a roda do ônibus é dividida ao meio para que nada interrompa seu percurso. Essa estrada se sobrepõe ao desenho do carro de seu pai e mesmo ao desenho do pé esquerdo de sua mãe e do direito de seu pai. Somente uma das onze partes do tracejado não é pintada com o amarelo que também dá cor ao sol nascente com seus sete raios. Sendo o Sol “um símbolo de ressurreição e de imortalidade”, como nos diz Chevallier e Gheerbrant (2015, p. 836), o sol é um aspecto da *Árvore do mundo – Árvore da vida* – que se identifica com o raio solar”.

Além de vivificar, o brilho do Sol manifesta as coisas, não só por torná-las perceptíveis, mas por representar a extensão do ponto principal, por medir o espaço. Os raios solares (aos quais associam-se os cabelos de Xiva) são, tradicionalmente, sete, correspondendo à dimensão extracósmica, representada pelo próprio centro (CHEVALLIER; GHEERBRANT, 2015, p. 836).

Se a luz irradiada pelo Sol é o conhecimento intelectual, o próprio Sol é a Inteligência cósmica, assim como o coração é, no ser, a sede da faculdade do conhecimento. [...] considerando a luz como conhecimento, o Sol representa o conhecimento intuitivo, imediato; a Lua o conhecimento por reflexo, racional, especulativo (CHEVALLIER; GHEERBRANT, 2015, p. 837).

Mais uma vez a presença das nuvens, ligadas ao símbolo da água, que se associa ao símbolo da fecundidade. E são duas nuvens uma sobre a outra, bem próximas e semelhantes e outras duas, com seu traçado bastante próximo uma da outra, mas desta vez, lado a lado, representando, provavelmente, os filhos que seu pai e sua madrasta possuíam antes de se unirem em casamento.

A sonhadora me revelou após sua narrativa que mora com seu pai e uma madrasta desde os quatro anos de idade e que ambos tinham dois filhos cada um quando se uniram. Dessa união afirma que já ganhou mais um irmãozinho, mas não sabe dizer se ele já completou seu primeiro aniversário. O pai tinha dois filhos e a madrasta duas filhas de suas relações anteriores. O que está representado em seu desenho pela posição das nuvens, quatro ao todo.

A sonhadora mantém relação esporádica com sua mãe que lhe dá presentes em datas bem definidas, no Natal, em seu aniversário e no dia das crianças. Não costuma estar em sua companhia com muita frequência durante o restante do ano.

Inicialmente, ao observar este desenho pareceu haver um sentimento de culpa, por parte da sonhadora que, ao matar os pais em seu sonho, talvez tenha se livrado ou se vingado da sensação de indiferença e desprezo com a qual se sente tratada por ambos que se ocupam de tudo e de todos em suas vidas, exceto da menina que precisa e deseja atenção, cuidado e carinho exclusivos, mas impossíveis de obter de seus pais.

3.8 SONHO DA ANDREIA (12 anos)

3.8.1 UM SONHO QUE NÃO MUDA

Sonho recorrente

P - Vamos lá! Deixa eu conhecer seu sonho! Vou ficar aqui de olhinhos fechados, só te ouvindo.

- Ai, tia! Tô com vergonha!

P - Vergonha de mim? Quer que eu saia?

- Não!

P - Quer que eu apague a luz?! Me escondo atrás da cortina! Então vamos lá, eu fecho os olhos e você vai contando. Primeiro se apresenta! Vamos lá! Eu vou te ajudando! Como é seu nome?

- Andreia, tenho 12 anos. Nem falar eu sei! Tia, o sonho é ruim! Minha mãe morreu! Aí todo dia eu sonho! Eu sonhando com ela! Aí, eu fico sonhando que ela não morreu, que tá do meu lado. Aí eu fico falando: Ué, Elisângela, não morreu? - Ela falou assim: - Quem te disse isso, Andreia? Eu só fui viajar! - Fica falando várias coisas...

P - Se você não me contar, eu não sei o que ela fala!

- Ai tia, é muito grande o sonho! Eu acordo, durmo!

P - Não tem problema! Aí cabem umas cinco horas de gravação! Pode contar tudinho que eu quero saber tudinho! “Vamo bora”!

- Tia, fica acordando e dormindo. Toda hora.

P - Mas onde que acontece esse sonho? É sempre no mesmo lugar? Como é que você tá? Onde vocês estão? Como é que você a vê? Me dá detalhes!

- Eu tô lá dentro de casa!

P - Na sua própria casa? Em que lugar da casa?

- No sofá! Onde que ela dormia!

P - Ah, ela dormia no sofá?!

(Silêncio)

P - E?!... Como é que o sonho começa? Ele começa sempre da mesma maneira? Como é que ele começa? Você tá dormindo na sua cama!

- Tô dormindo. Aí vai lá, aí, já começo a ver várias imagens pretas, depois eu vejo minha mãe.

P - Primeiro, como é que é? Não entendi!

- Eu tô dormindo, aí eu vou lá e vejo uma imagem preta! Aí vô lá, aí, depois eu começo a ver minha mãe sentada no sofá. Aí depois eu falo, porque eu não chamava ela de mãe, só de Elisângela:

- Elisângela, você não morreu, Elisângela? - E ela falou assim: - Não, fica difícil, eu só fui viajar! – Minha avó falou que tu tinha morrido! - E ela falou assim, eh... ela falou assim: - Sua vó que morreu, sua avó tá falando que foi eu que morri! - Aí eu falei assim: - Ai não tem como acreditar!

P - Você falou isso pra ela?

- Ei, tá muito frio!

P - Não! Não está frio!... Entendi... – e abracei a Andreia e ficamos em silêncio durante um longo tempo. – Se você não falar eu não vou poder conhecer seu sonho! Divide isso comigo! Quer dizer que ela diz que foi sua avó que morreu e não ela. E você diz que fica difícil de acreditar? Por que fica difícil de acreditar?!

- Porque sim, fica jogando uma pra cima da outra! No sonho! Quando eu tô acordada, minha avó fala, fica falando: - Ah, Andreia, esquece tua mãe que a tua mãe morreu! - Aí já no sonho, minha mãe fala que foi minha avó!

P - Mas assim “numa boa”?! Ela tá dormindo, como é que ela aparece pra você?!

- Boa!

Mais silêncio...

P - E aí?! Aí fica só esse bate e rebate?!

- Aí eu fico acordando e dormindo e é a mesma coisa!

P - Aí você volta a dormir e é a mesma coisa?! A mesma cena?! Quer dizer, você vai deitar, aí sonha, aí acorda...

- Eu durmo e sonho a mesma coisa!

P - A mesma cena?! Aparece a sombra... na mesma sequência?!

- É!

P - E é a mesma fala, a mesma conversa?! Não acontece nada de diferente?! Você já disse que era um monte de coisa!

- É porque é tudo a mesma coisa! Eu falei pra minha avó que isso não é normal, ela fala que é normal!

P - Por que você acha que não é normal?

- Todo dia ficar sonhando a mesma coisa!

P - Isso é todo dia?! Tipo assim, todo dia mesmo ou uma vez ou outra?!

- É!

P - Hoje você sonhou com ela?!

- Sonhei! De ontem é, de ontem pa hoje!

P - Assim mesmo, do jeito que você tá me contando?! No sofá da sala?! Nunca na sua cama?! Você dorme no seu quarto? E ela dormia no sofá da sala? - Andreia ia confirmando com a cabeça à todas as perguntas – Não tinha um quarto só pra ela?

- Não.

P - Aí tudo acontece sempre no sofá da sala? Aí você levanta, no seu quarto, e vai pra sala? Como é que é isso, você acorda e faz o quê?

- Não. Eu tô deitada. Já no sonho eu já apareço sentada na sala vendo televisão!

P - Você fica vendo televisão e?!

- Aí, vô lá e vejo ela!

P - Aonde?! Fazendo o quê?!

- No sofá deitada!

P - Mas ela deitada no sofá e você tá sentada no sofá, isso não atrapalha?!

- É três sofá!

P - Ah! Você está num outro sofá! Você tá num e ela tá noutro?

- É três sofá!

P - E Ela tá sempre no mesmo sofá?!

- Sempre no mesmo!

P - E você vê ela falando? Os lábios se mexerem..., você vê ela falando ou só ouve ela falando?

- Vejo! Fico deitada, aí diz pa ela pa não bater, pa não fa, pa não bater o nome de novo, aí fala a merma coisa.

P - Quanto tempo tem que ela morreu?

- Quatro.

P - Quatro o quê?

- Quatro ano.

P - Quatro anos?! Você vai me dizer que há quatro anos, todos os dias você tem esse sonho?!

Nesse momento batem à porta e somos interrompidas rapidamente por um professor da escola que nos cumprimenta, a elogia quando a vê, e ao seu nome

que

é tão lindo e diferente. Logo em seguida, o professor se retira e retornamos ao nosso diálogo.

P - Seu nome é tão lindo! Quem te deu esse nome, seu pai? Você mora com ele?!

- Não! Com a minha avó!

P - Com a tua avó? Ah é, com a sua avó! Sua avó, eu a conheci quando ela veio aqui na secretaria, não é?! Me autorizou a fazer essa entrevista. Ela já sabia que a gente ia fazer isso. Mas ela sabe desse sonho e ela não...

- Ela fala que vai jogar o sofá fora! Fala várias coisas, mas eu acho que não vai adiantar!

P - Você acha que não vai adiantar?!

- Eu acho!

P - Você não acha que é o sofá que deixa ela ali?

- É eu acho ! E o Geraldo que tá sonhando esse sonho agora!

P - Ele quem?

- O Geraldo.

P - Seu meio irmão? Ainda não conversei com o Geraldo.

Um pouco mais de silêncio.

P - Agora... que eu ia te perguntar... Quer dizer que você acredita que tem quatro anos que ela faleceu? E há quatro anos você tem esses sonhos?! De quanto, há quanto tempo você...

- Não, quando ela morreu eu não conseguia dormir. Aí eu ficava acordada, acordada, acordada, até quatro hora da manhã, depois que eu ia dormir. Aí, eu sonhava. Eu sonhei com a minha irmã pequenininha, a Alexandra, que ela ia morrer. Aí eu fiquei sonhando, fiquei, todo dia, todo dia. Aí a minha mãe morreu no outro dia. Aí minha avó cuida...

P - Sua mãe tava viva?

- É.

P - A sua mãe ainda estava viva, aí você não conseguia dormir, tinha insônia...

- Aí eu sonhei com a minha irmã que ia morrer. Aí não foi minha irmã, foi minha mãe. Aí eu falei com a minha avó do sonho que eu tive.

P - E esse sonho que você sonhou com a sua irmã que ia morrer, foi só uma vez? Uma única vez? Não ficou repetindo não?

- Foi. Aí quem morreu foi minha mãe. Aí a gente fomo pro enterro, voltamo, aí a minha irmã falou que ela ficava sonhando todo dia, todo dia, que ela via.

P - Com o quê?

- Com a minha mãe.

P - Depois que ela morreu?

- É. Aí, minha avó falou que isso era normal, que a minha avó também tava sonhando. Aí quase todo dia. Aí ficou um tempão, um tempão, um tempão...

P - Mas você não?

- É, eu não sonhava. Eu comecei a sonhar depois que ela foi fazer dois mese... e pouco. Aí eu comecei a sonhar até agora.

P - E elas, sua avó e sua irmã?

- Só mora eu, Geraldo e minha avó.

P - Mas e a sua irmã?

- Mora com o marido dela.

P - E continua sonhando?

Respondeu negativamente com a cabeça.

P - E a sua avó?

- Ela falou que não sonha mais, não.

P - Só você?! E como é que você entende isso?

- Penso nela. Fico quieta. Eu falo com a minha avó e fico quieta. Só converso muito com ela, mas nem penso mais.

P - Mas antes você pensava?

- Eu falava com minha avó!

P - Com quantos anos tua mãe morreu?

-Trinta e u... com trinta.

P - Trinta anos redondinhos?! E ela morreu de quê?!

- Como que ela fumava, ela foi cuspiendo sangue, cuspiendo sangue, cada pedaço assim grandão! Ai caindo, no braço, na boca dela, embaixo, foi assim. Minha avó falou que não sei o quê... acho que era o pulmão dela!

P - Algum problema de pulmão. E foi de repente que ela morreu, ela veio piorando, como é que foi?

Não. Foi de repente. Ela chegou em casa de manhã, ela trabalhava, aí chegou em casa de manhã, aí começou a passar mal, começou passar mal. Aí a minha irmã Alexandra, que sonhava, acordou e aí minha mãe tava lá no quintal, a Alexandra foi pedir muito pra ela não ir. Aí a minha mãe tava no quintal, falando: -

Tia, eu vou morrer! – É a minha avó – Aí ficou falando: -Tia, eu vou morrer! Tia, eu vou morrer! – Aí ela falou: - Calma!

P - Sua avó ou tua mãe?

- Minha mãe falando com a minha avó. Aí foi lá, e a Alexandra foi lá, ficou chorando, chamou o táxi, minha avó pagou e levou ela pro hospital. Aí depois o médico veio e falou que ela faleceu. Minha avó chegou em casa e contou pra gente.

P - Foi quase que instantâneo! Mas ela sabia que já estava doente?

- Minha mãe?

P - Hum?! - Silêncio - Ela fumava? - Mais silêncio – E como que você ficou, o quê que você sentiu? Chorou? – Um imenso silêncio – Como é que era a sua relação com ela? Como é que vocês viviam? Vocês se entendiam...brigavam muito?

P - Eu não ficava muito com ela.

- Por que?

P - Quando ela morava, quando ela era viva eu morava com meu pai.

- Você não morava com ela?

P - Não. Morava com meu pai.

P - E por que hoje não mora mais?

- Porque meu pai virou bandido!

P - Naquela época ele não era bandido?

Responde negativamente com a cabeça.

P - E por que ele virou bandido? Machucou alguém? - Silêncio e choro - E você se relaciona com seu pai? Você vê ele? - Novo silêncio, mas já não chora - O que você pensa de tudo isso? - Um longo momento de silêncio – Você pensa!

- Penso muito! Sabe o que que é? Fico pensando em casa, eu e o Geraldo, se a minha avó morrer... se meu pai morrer... com quem a gente vamos ficar?! E aí?! Mais nada!

P - A sua avó é mãe do seu pai ou mãe da sua mãe?

- Mãe da minha mãe.

P - E a mãe do seu pai, cadê?

- Mora com ele.

P - Ainda tem a sua avó paterna, então? Você a vê, se relaciona com ela? – Responde afirmativamente com a cabeça, mas sem muita emoção – Mas você não pensa que ela cuidaria de vocês num caso de necessidade?

- Meu irmão mora sozinho, porque ela não quer deixar ele morar lá!

P - Ele mora sozinho, mas ele tem quantos anos?!

- Dezesete.

P - Mas ele consegue morar sozinho, ele trabalha? E ele consegue pagar aluguel e tudo? E por que que não mora com você?

- Porque minha avó não é vó dele.

P - Eu só não entendi, ainda, o que você pensa de tudo isso! Você pensa muito nisso, não é?! - Só silêncio – Esse é o seu maior medo?! O seu pai te mantém, colabora financeiramente com você, dá dinheiro em casa? – Só silêncio – Mas com a vida que ele leva é muito... insegura, né?! Ele já esteve preso? – Silêncio total.

- Ele deve cadeia ainda! – sussurra.

P - Ele tá fugido, então! Há qualquer momento ele pode ser preso novamente? E quando a sua mãe se relacionava com seu pai, ele já era bandido? – responde que não com a cabeça. Somos interrompidas mais uma vez para entrega das chaves do meu carro pelo professor. - E a sua avó, quantos anos ela tem? Sua avó é uma mulher nova!

- Trinta e seis.

P - Provavelmente um pouco mais, já que a filha morreu aos trinta anos! - Penso. Mas tem outros sonhos que você tenha?! – Responde que não com a cabeça.

P - Quando a sua mãe trabalhava, fazia o quê, quando era viva, ela fazia o quê? A sua mãe fazia o quê, quando estava viva?

- Trabalhava no mercado.

P - De quê?

- Era a mulher do caixa!

P - Mas fumava muito! – confirma com a cabeça - E você acha que foi isso que matou a sua mãe?

- Não disseram o que foi!

P - E o que você pensa sobre sua vida, Andreia? Você está com doze anos, é uma moça muito bonita, com um nome muito especial! Você sabe o que significa seu nome? – Respondeu que não com a cabeça – Não! Quem te deu esse nome?

- Meu pai.

P - E de onde ele tirou esse nome? Você nunca perguntou?! Ele é muito bonito!

- É que ele ia botá diferente. Minha mãe pediu para botar Karoline, mas o meu pai falou, assim: - Que dá escolha o nomes delas começam tudo com L e terminam com A, só o da garota que vai ser diferente?! Aí ele botou Andreia! – E começou a falar os nomes das irmã.

P - E todas essas moças estão juntas, todas convivem?! Não moram no mesmo lugar, mas estão bem?! Como uma família tem que ser?!

- A Maria Izabel mora com o marido dela. A Ludmila, já tá casada. A Lindalva morreu e o Luiz também. Só eu e a Lilian.

P - Oi?! Morreu?! Como?!

- Ah, o do Luiz, quando a minha mãe tava morrendo, o Luiz tava ainda na barriga da minha mãe, aí quando a minha mãe morreu ela ficou apertando, aí conseguiram tirar o nenê, mas depois quando foi ver ele tava morto.

P - Ah, ele nasceu morto! Em função da morte da sua mãe, porque ela estava grávida quando morreu! E Ele já tinha nome?!

- Minha mãe falou que se fosse mulher ia ser Laidiane e se fosse homem ia ser Luiz.

P - Então era Luiz. Já tinha sexo! E a outra?!

- Larissa.

P - Também morreu? Como?

- Biroitec.

P - Não entendi.

- É um remédio que acelera o coração. Porque ela ... e o cara do hospital deu para ela.

P - Como é que é o nome?!

- Birotec.

P - Bi-ro-tec?! E por que ele deu esse remédio para ela?

- Não sei. Porque ela tava dormindo, aí minha tia falou que quando acordou colocou a mão no coração dela aí estava rapidão, aí quando ela pegou ela no colo, na hora que a minha tia estava descendo a escada, ela estava dura.

P - Mas, por que ele deu esse remédio para ela?

- Não sei, ela não me explicou. Ninguém sabe qual foi o médico.

P - E por que ela estava no hospital?

- Ela tava com bronquite.

P - Ela se internou com bronquite e morreu? Com quantos anos?

- Um ano e pouco... um ano, não e poucos meses... acho que nove meses...

P - Quase dois anos.

- Demorou um pouquinho, acho que foi cinco dias que a minha mãe morreu, ela morreu.

P - Então a sua mãe estava grávida.

- Morreu minha mãe, meu irmão e teve dois enterro no mesmo dia, que foi da minha mãe e do meu irmão. Aí, depois de cinco dia morreu minha irmã.

P - Sua irmãzinha morreu depois ainda da sua mãe e do seu irmão que estava ainda na barriga dela. Isso te marcou. – Silêncio. - Você recebe algum benefício da sua mãe, pensão do INSS? – Responde negativamente - Por que não?

- Não sei.

P - Ela não trabalhava? Ela não tinha carteira assinada? Ela não era caixa de mercado? E vocês não recebem um benefício do INSS? A pensão dela? Vai respondendo negativamente com a cabeça. -Tem certeza, Andreia? Por que, que não?

- Não deu pra família!

P - Quando ela morreu ela estava empregada? Ela estava trabalhando? Mesmo se ela não estivesse empregada!

- Eu acho que não, acho que ela tinha saído.

P - Mesmo que ela tivesse saído, vocês têm direito a pensão da sua mãe, ela era uma trabalhadora com carteira assinada, vocês têm direito! – Silêncio. - Isso te marcou muito, né? – Mais silêncio. - Mas a vida é assim mesmo, Andreia. Todo mundo tem suas marcas...

P - Você já parou para pensar o que você pretende na sua vida? – Responde que não com a cabeça. – Nunca parou?! No seu futuro? Num futuro mais próximo, você tá com 12 anos! – Responde negativamente com a cabeça - Por que você está com doze anos, no quarto ano?!

- Ah, eu repeti!

P - Por que você repetiu?

- Porque a Nereida, falou que eu não ia passar. E não passou!

P - Por que ela falou que não ia passar?

- Não sei!

P - Você sabe ler? Direitinho, direitinho?! Hem! - Afirma com a cabeça. -

Sabe escrever? – Continua afirmando com a cabeça. - Você era uma menina que vinha todos os dias a aula ou você faltava muito?

- Quando eu era da Nereida eu faltava!

P - Por que?!

- Porque mia, minha, minha avó trabalhava no hotel, aí não tinha ninguém pa acordar a gente, que só dormia eu e o júnior. Não tinha ninguém pa acordar a gente. Aí, a gente sempre acordava uma hora da tarde, nem não dava para a gente vir.

P - Mas dormiam que horas?

- A gente sempre dormia, sempre eu dormi tarde.

P - Tarde, tipo que horas?

- Uma hora, duas horas, porque eu fico mexendo no Face.

P - Pera aí, todo dia você fica mexendo no Face até tarde?! Não fica sem graça, não?! – Silêncio. - Mas você fica na rua, brinca na rua com seus colegas? Também até tarde?

- Não, eu entro dez horas.

P - Dez horas? Você já namora? Com doze anos?!

- Namorava!

P - Não?!

- Namorava!

P - Ah, já namorou, agora não tá mais namorando. – Silêncio – E você pretende ser mãe?! – Nega com a cabeça.

- Nem penso!

P - Ah, tá! – Mais silêncio - E você conversa sobre essas coisas com a sua avó? – afirma com a cabeça. - Tipo o quê?

- Como que eu vou te fala, eu falo pa ela.

P - É?! Sua avó é sua amiga? – Silêncio – Então vamos terminar nossa conversa com uma coisa mais relaxante! Você tem aqui todo esse material... eu queria que você fizesse um desenho... um desenho sobre esses sonhos que você tem... que você pintasse esses sonhos que você tem! Uma imagem sobre esses sonhos! O que você quiser! Tem lápis, lápis de cor, esse aqui é o aquarelado, giz de cera... fica à vontade!



3.8.2 SOBRE O SONHO DA ANDREIA

A sonhadora avisa inicialmente que o sonho é ruim. A mãe já falecida é o personagem principal desta narrativa. Sua avó insiste em confirmar seu falecimento e a sua mãe a negar sua própria morte, em sonho, dormindo dentro de sua casa, no sofá onde antes dormia. Inicialmente a sonhadora está em seu quarto, e de repente, já aparece na sala, sentada em um dos sofás e a sua mãe deitada em um outro sofá e sempre falando a mesma coisa, que não morreu e que, quem morreu foi a avó da sonhadora.

A menina-moça em seu sonho recorrente, só consegue dele se livrar ao despertar. Avisa logo no início de sua narrativa que sua mãe morreu e que todos os dias, dos últimos quatro anos, sonha com ela. A sonhadora trata a mãe pelo seu nome, não a chamando em momento algum de mãe, como é comum nos dias atuais onde as crianças são criadas e educadas pela avó e a esta chamam de mãe. A falecida afirma que foi viajar e “fica falando várias coisas...” Mesmo despertando e voltando a adormecer várias vezes na noite, a menina-moça, de 12 anos, com seios fartos e que me afirmou já ter tido namorado, mas que atualmente estava sozinha, volta à mesma cena e continua a infundável ladainha da mãe falecida, que afirma ainda estar viva e que só tinha ido viajar. Acusando a avó da sonhadora, ela sim, de estar morta. Numa concorrência que, talvez existisse anteriormente entre sua mãe e sua avó.

Num determinado momento a aluna começa a sentir frio e ficamos durante um bom tempo abraçadas em silêncio. Aliás, foi nesta experiência que o silêncio falou mais alto e por bastante tempo. Por inúmeras vezes ele foi a única coisa que cabia entre nós.

Na troca de acusações, mãe e avó confundem a menina durante o sonho e a vigília. E é só dormir para as mesmas questões, as mesmas cenas retornarem, sempre na mesma sequência. Sempre com o mesmo diálogo.

Não é somente nos sonhos que a repetição se torna uma marca. Em seu desenho a filha é uma cópia em miniatura da mãe morta, inclusive com a mesma roupa, com a mesma cor, o roxo, e o mesmo cabelo. Todos os personagens que aparecem na cena desenhada não conseguem encostar os pés no chão. Mesmo o menino sem blusa, flutua acima, mas muito próximo ao chão. Esse menino apresenta o tronco dissociado das pernas, como se houvesse um corte na altura da cintura. A televisão, símbolo da influência midiática dos tempos atuais, se destaca no centro do desenho colocada como que em um pedestal. É ela que tem o poder de reunir a família em casa. Todos sorriem. Uma lâmpada apagada, sem luz, sem cor, é fixada no alto da folha bem ao meio. Mais uma vez é a casa o lugar onde o sonho acontece.

3.9 SONHO DA THAÍS (10 anos)

3.9.1 EU SONHEI AJUDANDO UM HOMEM

Sonho estranho

- O meu sonho foi quando eu cresci e ia ser médica. E também que... o ... aí, e também quando eu ia ser, eu ia ser de médica de coração, ai!

P - No sonho você sonhou isso? Mas como é que foi o sonho? Me conta como é que foi o sonho.

- Porque quando eu acordei me falaram que tem que contar o sonho depois do café da manhã.

P - Ah, é?!

- Isso é verdade?

P - Não sei! Que legal! Quem te falou isso?

- Minha mãe!

P - Ah, antes do café da manhã, não?

- Não, primeiro toma o café da manhã e depois conta.

P - Ah, e você contou para sua mãe? Que legal, então conta para mim também!

- Tá bom, que eu falei que quando eu crescer eu ia ser médica do coração ia curar todo mundo que tem problema de coração.

P - Mas como foi que você ficou sabendo disso? Como é que foi que isso apareceu no sonho? Como é que aconteceu? Alguém te falou, estava escrito em algum lugar apareceu no vídeo da televisão? Como é que foi?

- Não, é porque eu estava sonhando.

P - Ah!

- E aí, eu sonhei.

P - Sonhou com o quê?

- Que eu cresci com que eu ia ser médica.

P - Você sonhou com você já grande?

- É.

P - Você se viu grande no sonho? Já adulta? É isso?!

- É.

P - Então, me explica!! Vamos lá, eu quero saber! Ih, mas que legal!

- Eu, eu cresci ia ser médica, eu me vi adulta, médica do coração e eu

também, e eu também, ia também, eu ia queria ser advogada, médica e também quando eu ia ser médica deu um problema no homem e não tinha como dar um jeito.

P - Tudo isso no sonho? E como você fez?

- Aí, eu peguei, eu peguei, ai, como se diz mesmo? Aquele negócio...ele foi pareceu que quase que morreu. Aí, eu peguei dei remédio pra ele e ele foi e melhorou.

P - Quem era esse homem? Você nunca o viu?

- Eu vi o homem, mas eu não sei o nome dele.

P - Não conhece ele! Era novo ou velho?

- Era novo.

P - Como ele era? Branco, negro, alto, baixo, magro ou gordo?

- Ele era um pouquinho gordo, um pouquinho gordo, moreno – Acha graça.

P - Aí, você era médica dele no sonho? Como você estava vestida?

- Tava vestida de uma blusa e uma bermuda e aquele negócio branco do médico.

P - Jaleco?

- É.

P - E você quer ser médica? - Afirma com a cabeça - Aí, você já se sonhou adulta, já cuidando de um paciente, uma pessoa que você nunca viu na vida. E ele tava morrendo.

- É.

P - Ele morreu? Como você sabe?

- Porque eu vi, no sonho,

P - Como você viu? Me conta! Como é que você sabe que ele não morreu, que você o salvou, como é que foi?

- Porque... porque... porque ele, eu tava dando remédio, essas coisas, aí tava assim o coração dele!

P - Ah, dava dando aquela massagem cardíaca?

- É, só isso!

P - Então foi um atendimento de emergência! Ele tava tendo um infarto e você salvou a vida dele? Ai, que lindo! Sonho lindo! Aí, você contou pra sua mãe? E o quê que ela te falou?

- Ela falou, foi igual você, que foi lindo!!

3.9.2 EU E MINHA FAMÍLIA VIAJANDO

Sonho estranho

- Porque, porque quando minha mãe, mamãe, minha mãe, meu pai, minha mãe teve eu, ela se separou do meu pai.

- Aí?! - É, é, eu também já teve um sonho que a minha mãe tava com meu pai e a gente foi viajar pra bem longe!...

P - Bem longe, pra Terra do Nunca?! – E ela acha muita graça - Ah! Tá de brincadeira! Pra Belém, pra São Paulo, pra onde?!

- Foi pra...pra

- Aí, ela nunca ficou com o meu pai, deixou meu pai pra lá, minha mãe ficou com outro e o meu pai ficou com outra.

P - Cada um arrumou seu novo par?

- É. É só isso!

P - Aí o que foi que você sonhou?

- Isso!

P - Isso o quê?!

- Isso, que minha mãe, meu pai, eu fomos viajar. – Acha muita graça.

P - Os três?!

- É.

P - Mas eles já tinham se separado?

- Sim.

P - Foram viajar para aonde?

- Para Belford Roxo.

P - Para quê? E o que vocês falaram no sonho? Vocês não falavam nada um com o outro?!

- Que... quando... aí minha mãe falava pra mim que a gente ia viajar, só eu e ela...Mas a gente cabamos, a gente cabamos que eu, meu pai e a minha mãe fomos viajar.

P - Como apareceu seu pai nessa história?

- Sei não.

P - E você convive com o seu pai? E você o vê sempre? E é legal?

- Na primeira vez quando eu vi ele, ele me deu um telefone!

P - Celular?! Está de brincadeira?!

- Eu tenho até hoje!

P - Ah, mas você não via ele sempre, aí um dia você viu?

- Ele me deixou. Aí um amigo dele mandou uma foto minha pra ele, pra ele ver. Aí, ele veio na minha casa e me buscou pra sair com ele.

P - E sua mãe deixou? – Confirma com a cabeça - Que legal! E você tinha quantos anos?

- Tinha... 8.

P - Então faz pouco tempo isso?! Quando foi?

- Já foi muito tempo, eu tinha oito anos.

P - Muito tempo?! Você tem agora dez, então foi em 2014?! Você viveu a vida toda sem saber quem era o seu pai?

- É.

P - Sem ver seu pai, sem conhecer? Sério?! Aí, de repente, ele apareceu e aí, vocês saíram? Só você e ele?!

- Só eu a... minha colega e a minha tia Helena.

P - É irmã da sua mãe? É isso?!

- É, ela estudava aqui. Era da professora Dione.

P - Aí, saiu vocês três com o seu pai? Foi a primeira vez que você conheceu seu pai, com oito anos? Mas, aí antes disso você já tinha sonhado ou foi depois disso?

- Depois disso.

P - Depois que você sonhou é que você, depois que você conheceu seu pai, é que você sonhou que vocês três, você, seu pai e sua mãe estavam viajando pra Belford Roxo?

- É.

P - Para quê, você não sabe? Nem assim, tem uma sensação, não sabe pra quê? Só estavam os três juntos. E você, daí pra cá... você continuou vendo seu pai? Ou ele... sumiu de novo? Como é que foi?

- Não, porque quando eu fui pra casa do meu pai, que eu tavo, eu dormi lá. Aí eu voltei pra cá de novo que eu nunca não gosto, eu não gosto de ficar na casa dele, porque lá tem cachorro.

P - Você não gosta de cachorro? Tem um cachorro só?

- Não, tem três!

P - Uau!

- Dois Pit Bull e um pequenininho.
- P - Ui! Eh...
- Eu gosto só de gato. Gatinho arranha, mas eu gosto.
- P - Aí você não gosta de ficar na casa do seu pai, como que faz? Aí você não vê seu pai?
- Não vejo mais!
- P- Só viu essa vez que ele foi te buscar pra ficar ...?
- Só vi só ele duas vezes.
- P - Essa que ele saiu...
- A A primeira que ele me, a primeira que eu conheci ele e a segunda, que a gente foi comprar roupa.
- P - Isso tem quanto tempo?
- Não sei, não.
- P - Ele te pegou em casa...
- Não, ele não me pegou em casa.
- P - Como é que foi, então?
- Eu tava na rua brincando. Aí, ele falou assim, aí quando eu já vi ele, eu fui correndo abraçar ele, aí ele mandou se arrumar pra eu sair com ele.
- P - E a sua mãe?
- Hum... minha mãe deixou.
- P - Tudo bem?! Eles se... se entendem, agora? Então vo..., aí... depois disso, tudo isso foi esse anos ou foi no ano passado?
- Foi ano passado.
- P - Esse ano você ainda não viu seu pai? Por que?
- Porque... ele, ele, ele não pode deixar, ele tá naquele negócio! – Fala bem baixinho, bem no exato momento em que somos interrompidas por uma professora que entra na sala para pegar uns livros e sai rapidamente.
- P - Ok! Agora, você pode me contar! Parece que estavas adivinhando que ia entrar alguém, hem?!
- Porque ele tá preso.
- P - Ah! Seu pai tá preso! Ele tá preso há quanto tempo?
- Não sei, eu não sabia disso. Aí, quem contou foi minha prima.
- P - Não foi sua mãe!
- Nem minha mãe sabia!

P - Ah, sua mãe também não sabia! E o que ele fez, você sabe? Por que ele tá preso? – nega tudo com a cabeça - E depois disso, então, você não falou com ele mais? E antes dele estar preso, você sabe o que ele fazia na vida?

- Ele era...era advogado.

P - Ele era advogado? E tá preso?

- Ele... trabalha num escritório, quer dizer.

P - Ele trabalha num escritório, mas não é advogado?

- É.

P - É o que?

- Ah, ele consegue anota aí as coisas.

P - Mas não é advogado, ele trabalhava num escritório, ele é auxiliar de escritório. É o nome que se dá pra quem trabalha num escritório.

- Eu esqueço.

P - Ele é o patrão? – Nega com a cabeça – Não, ele é empregado. Então, ele trabalha num escritório, mas não é formado em direito, não é advogado. Mas, você acha que gostaria de ser? Mas por que que ele tá preso, então?

- Não sei!

P - É a primeira vez que ele fica preso? – Afirma com a cabeça. - E a sua mãe tem outro namorado?

- Tem.

P - Vocês se relacionam? E o seu pai, você ia falar?

- O meu pai não gosta do... daquele que tá com a minha mãe.

P - Do namorado da sua mãe? E eles moram juntos?

- Só a minha mãe e o meu padrasto que mora juntos.

P - Aí o teu pai não...?

- Meu pai não liga, não. Só que não gosta dele.

P - Aí, por isso não vai na sua casa, quando podia ir, né?

- Ele só vai na casa da minha vó, que eu moro com a minha avó.

P - Mas você não mora com a sua mãe?! Oh, meu Deus do Céu! Você tá contando tudo por pedacinho! Vai contando tudo, vai!

- Vamo. Porque não moro com a minha mãe, porque fui criada com a minha avó.

P - Por que?

- Porque a minha avó fala que eu nasci na casa dela, só que eu não nasci na casa dela, eu nasci no hospital e eu fiquei 7 dias internada.

P - Por que?! Quando nasceu? Por que?

- Fiquei internada com a minha avó.

P - Ficou internada com a sua avó, como assim? Sua avó que estava doente ou era você?

- Era eu. Só que a minha mãe também tava internada. E os outros botaram pra ficar internada com a minha avó. Os médicos.

P - A sua avó que te acompanhava, no hospital. E a sua mãe também...

- Eu chamo a minha avó de mãe!

P - Mas você sabe que é avó! Mãe da sua mãe! Aí quando você nasceu a sua mãe também ficou internada, aí a sua avó, claro, que cuidava de você no hospital?

- Foi!

P - Estavam as duas internadas, mãe e filha. Aí a sua avó ficou cuidando já de você desde a maternidade! Aí levou você pra casa! Não devolveu pra mãe! E sua mãe?! Ficou sem a filha!

- Não, ela tem mais filho.

P - E você?

- Moro com a minha avó, só eu só. Eu, minha avó e minha tia, que é filha da minha avó também, irmã da minha mãe.

P - E sua mãe não reclamou de ficar sem você?!

- Ela tem minha irmã pequenininha de um ano, e tem minha irmã de dois anos e minha irmã de quatro anos, de cinco anos.

P - Um, dois e cinco...

- E três, quatro comigo! Mas só que eu não moro com a minha mãe!

P - Então uma tem um ano, a outra tem dois e ...

- A outra tem cinco.

P - E você que tem dez. Essas quatro filhas da sua mãe são todas do seu pai?

- Só eu que sou do meu pai.

P - E as outras três é desse são desse padrasto que mora com ela?

- Não. O de dois anos, não é do meu padrasto não, nem a de ...

P - Cinco.

- Não, a de cinco e a de um ano é. E a de dois e eu, não é.

P - Então, ela se separou do seu padrasto e depois voltou? É isso? Aí sua avó ficou com você?

- É.

P - Mas vocês moram tudo no mesmo lugar?

- Eu moro em cima, com a minha avó, minha mãe mora embaixo.

P - Ah, tá!

- O endereço é o mesmo?

- Não.

P - Não. O espaço é o mesmo? Só que uma mora na casa de cima e outra mora na casa de baixo. Você gostaria de morar com a sua mãe?

- Não...

P - Por que?!

- Porque lá, lá..., lá! Hum!

P - Só tem eu e você aqui, ninguém vai saber disso, nunca.

- É porque lá o meu, o meu padrasto..., eu não gosto de dormir lá, nem morar lá.

P - Por que?

- Porque não.

P - Ele te maltrata, ele é grosseiro?

- Não.

P - Então, sua mãe?

- Não, minha mãe não é nada comigo, é que eu fui criada com a minha avó, gosto mais da minha avó do que da minha mãe. Sou mais agarrada com a minha avó?

P - Ah, tá! Mas não aconteceu nada de errado enquanto você esteve na casa da sua mãe? Alguém te maltratou, te desrespeitou? Não?

- Não.

P - Mas você vai na casa da mãe?! Todo mundo se relaciona bem?

- Eu fico com as minhas irmãs.

P - Ah, legal! Numa boa! Mas, na hora de dormir, caminha da vovó?!

- Não.

P - Você tem seu quarto?!

- Sim.

P - Um quarto só pra você?! Então, você deve sonhar muito! Então, me conta esses sonhos!

- Eu não tenho mais sonhos. Não lembro mais de nenhum.

P - Não tem aquele sonho, que você sonha e diz: - Esse sonho de novo?! Eu já sei como é esse sonho! Eu já sonhei isso antes!?

- Eu não me lembro mais.

P - Mas tem, né?! Nenhum, nenhum?! Pelo menos a gente conseguiu dois sonhos!

- Três!

P - Três?! O que você sonha que vai ser médica...

- O outro de advogada e o outro...

P - Mas esse de advogada só comentou, mas não me contou! Vamos contando que eu quero ouvir!

- Conte sim!

P - Não! Você falou: “Tem um sonho também, que eu quero ser advogada”. Como é que é esse?

3.9.3 EU QUERO SER ADVOGADA

Sonho Estranho

- De advogada, é que quando os outros vai pra devolver a... – rindo – eu dei uma bronca nos outros!

P - Você sonhou com isso?! – Rindo muito ainda - Ah, como é que foi a bronca?! Chegou o casal lá... Ah! Me conta tudo! Conta os detalhes!

- Porque quando... eu fui advogada, eles chegaram os dois brigando. Eu falei assim, peguei o martelo, tum!, falei: Cala! Aí eles calaram! Aí eles denunciaram, aí eu dei uma bronca nos dois!

P - O que você falou no sonho, não lembra não?!

- Lembro só isso.

P - Então você tinha um martelo na mão?! – confirma, rindo muito – Então você era juíza! Não era advogada só!

- Mas eu também fazia isso assim!

P - É? Com o martelo na mão?! E qual desses sonhos você vai desenhar pra mim?!

- A que eu era médica.

P - Então mãos à obra



3.9.4 SOBRE OS SONHOS DA THAÍS

Thaís faz parte de um grupo familiar em que a tradição de contar os sonhos de alguma forma ainda permanece. E a sonhadora aprende com sua mãe que eles não devem ser contados antes do café da manhã. Seu sonho a leva para o futuro, onde se vê adulta. E sua árvore da vida representada em seu desenho, simboliza isso. Uma árvore ao lado de uma sala de cirurgia. Parece estar ali apenas para cumprir seu papel representativo. Há também a rasura dessa árvore. Na rasura, essa árvore é bem maior. Ao refazer sua árvore num tamanho bem menor, talvez esteja indicando que não demorará tanto tempo para conquistar esse sonho. Uma árvore com dezoito maçãs e com aspecto saudável. Três maçãs se destacam agrupadas do lado direito, colocadas uma acima da outra. A repetição de objetos nos desenhos refere-se a marcas de tempo ou a acontecimentos importantes no passado, presente ou futuro. A rasura também se apresenta na própria sonhadora, que prefere apontar para o alto. Seria talvez para o que escreveu logo acima? A profissão desejada, mas no masculino? Furth (2004, p. 126) nos fala para darmos atenção ao que foi feito e compará-lo com o que havia sido feito antes. “Rasuras indicam material conflituoso ou áreas em que a representação do símbolo na vida está ganhando nova significação”.

Duas flores estilizadas são colocadas uma de cada lado do desenho e pintadas de verde, cor que se relaciona com a cura, é a cor da medicina. A simbologia da flor, segundo o Dicionário dos Símbolos (CHEVALLER e GHEERBRANT, 2015, p. 437), refere-se ao “amor e a harmonia que caracterizam a natureza primordial; ” identifica-se com a “infância e, de certo modo ao estado edênico”.

A sonhadora se colocou encapsulada numa sala de cirurgia, porém bem distante do paciente que ajudou a salvar a vida em seu sonho. Furth (2004, p.118) nos diz que ao se representar com limites em seu entorno, é a necessidade de se manter distante dos outros que está representada. Ao se representar dentro de um espaço protetor, leva-nos a questionar do que ela tem medo ou o que acontece ao seu redor que precisa se proteger.

Para não deixar dúvidas quanto ao seu papel e a situação em que se encontra, se utiliza das palavras. E se refere no masculino ao registrar a atividade profissional que pretende seguir. Furth (2004, p.129) nos orienta que a utilização de palavras no desenho é reflete preocupação com a clareza da interpretação do que

foi feito. E, para não deixar dúvidas, a sonhadora se utiliza das palavras. Podemos pensar então, o que poderia estar sendo, ou o que foi mal interpretado na vida dessa menina que vive com sua avó materna, chamando-a de mãe e, que ao mesmo tempo, divide um sobrado, morando na parte superior com sua avó. Sua mãe, irmãos e padrasto moram na casa debaixo. Ao final esclarece, com palavras, que apenas sonhou.

A transparência da sala de cirurgia onde a porta está fechada é comum em desenhos infantis, segundo Furth (2004, p. 134), mas podem simbolizar uma questão “de orientação da realidade, em que pode existir uma situação de negação”.

O céu colocado no alto da página forma uma linha que a atravessa de um lado ao outro. Essa representação sugere uma opressão psicológica, como nos explica Furth:

Uma linha atravessando o alto da página, como o céu ou apenas uma linha desenhada, pode indicar “algo” psicologicamente opressor. Esse “algo” é, com frequência, um peso para o paciente e ele teme ter de carregar esse peso. O medo surge a partir da necessidade de se controlar esse peso ou do sentimento de que o controle possa não ser possível (FURTH, 2004, p. 131).

É o medo que invade a noite da criança de forma simbólica e bastante subliminar e em seus sonhos se revela. O medo que invade a vida, no cotidiano do mundo moderno onde os sonhos, segundo Martins (2010, p. 59) “são documentos sobre as mediações que nos roubam a autenticidade do viver”. Uma narrativa aparentemente tranquila, é pretexto para um desenho que revela uma psique nem tão tranquila assim. A criança sabe que é estranho, para os outros, ela chamar a própria avó de mãe, tendo sua mãe viva e parcialmente presente. Ela reconhece o preconceito da sociedade quando sussurra a situação atual de seu pai, e, mais ainda, ao se recusar a falar sobre sua relação com seu padrasto. Segundo Martins (2010, p. 59-60):

No meu modo de ver, os sonhos, em vez de serem repetições deformadas do que ocorre na vigília, são resíduos insubmissos da racionalidade e dos poderes dela derivados que, ao invadirem a vida cotidiana, reduzem a imaginação ao imaginário, a criação à submissão, a coragem ao medo. O que nos aterroriza nos sonhos é a denúncia que nós mesmos nos fazemos de nossos temores e terrores, matérias-primas de nosso conformismo. A coragem da nossa noite põe diante dos nossos olhos e da nossa consciência a coragem que nos falta durante o dia em face do que nos conforma e nos obriga. A loucura da noite e do sonho denuncia a insanidade do dia e da vigília: a insanidade de um agir conduzido e demarcado por um querer alheio, não interrogado nem questionado.

O sol aparece também nesse desenho. Representa a fonte de energia, a luz do conhecimento, nos mostrando a verdade sobre o mundo e nós mesmos (CHEVALLER; GHEERBRANT, 2015, p. 841) por meio dos sonhos. É evidente que nesses dois sonhos a aluna demonstra seu desejo íntimo de conviver com seus pais reunidos numa vida dedicada a cuidar dela, inclusive sem a concorrência dos irmãos e do padrasto. Um estereótipo de família ideal ainda é sustentado pela presença da avó materna, que possivelmente retrata a ternura, o cuidado e a afetuosidade exclusiva a essa criança abandonada ainda no hospital, ao nascer, por uma mãe quase presente e um pai que só a viu em duas oportunidades na vida.

Inicialmente, ao falar de seu sonho confuso e pouco nítido na memória, acaba por revelar sua situação de vida, onde é sua avó materna que, na realidade, cumpre com o papel de mãe, sendo responsável pela criança. É a avó quem a sonhadora chama de mãe. O pai, presidiário, necessitaria talvez dos serviços de um profissional das leis, um advogado. E é a através do sonho que a menina alcança, com o poder do domínio das leis, o controle e autoridade para pôr ordem na vida dos adultos que a cercam.

Nada do que me conta parece tirar o brilho dos seus olhos. Todos os problemas são problemas dos adultos. Parece que seu mundo, sua vida está protegida e não é afetada por eles ou que não quer permitir ser afetada. Uma criança que não nos deixa esquecer, com sua realidade e em sua narrativa onírica, que é agente de transformação, como toda criança, sujeito atuante na sociedade, e não somente reprodutora da cultura na qual está inserida (OLIVEIRA, 2015, p. 217).

3.10 SONHOS DO THIAGO (10 anos)

3.10.1 EU E MINHA FAMÍLIA

Sonho recorrente

- Eu sou Thiago, tenho 10 anos. É bom! Eu tava em um campo verde, aí a gente fez um piquenique, aí a gente... saiu foi na casa de uma amiga da, da... minha mãe, aí foi da Mariana, que é minha irmã. Aí eu vi, eu vi meu tio, todo mundo que é da minha família, da família do meu pai, que é da família da minha mãe, os amigos da Mariana, também lá. Aí, eles fizeram um aniversário para mim, porque era meu aniversário. Aí, foi o fim, cantaram parabéns.

P - Num campo verde?

- Ha, ha!

P - E que lugar era esse?

- Eu não me lembro, mas tinha um lago. Eu acho que eu já fui lá, mas não me lembro aonde, porque faz muito tempo. Aí, eles cantaram parabéns pra mim, e foi.

P - E você acorda em que momento?

- Eu acordo quando está na hora de eu tomar banho ou quando meu pai tá saindo.

P - Em que parte do sonho você acorda?

- Na hora boa, que cantou o negócio de aniversário, a música.

P - Os parabéns?

- Hum, hum!

P - Aí estão cantando parabéns e você acorda?

- Hum, hum! Aí falando que é a pessoa especial que eu gosto.

P - Como assim?

- Uma pessoa muito especial que eu goste da minha família.

P - Como é que falam?

- Tipo é: - Eh, ô Thiago fala alguém que você ama muito na sua família ou até duas, porque eu amo todos eles.

P - Que lindo. Aí você fala?

- Hum, hum!

P - Quem pergunta isso pra você?

- É o... é o meu tio.

P - No sonho o seu tio pergunta isso pra você?

- Hum, hum!

P - Aí, é nesse momento que você acorda?

- É, aí eu falo a pessoa especial.

P - Mas não diz quem?

- Eu digo!

P - Quem?

- Meu pai, minha mãe e a Mariana.

P - Aí, você acorda?

- Hum, hum!

P - Esse sonho é um sonho que você sonha sempre, ou o quê?

- Sempre.

P - Esse é o sonho recorrente que você sonha sempre?

- Hum, hum!



3.10.2 O HOMEM MAU

Sonho estranho

- É... um que me deu muito medo. É... que eu tava em num lugar e que ficou tudo escuro de repente, aí eu estava procurando minha casa. Aí, aí eu não encontrava que cada vez que eu andasse e eu ficava mais longe dela. Aí, um dia eu encontrei uma casa, aí, eu entrei e tinha um homem que ele era meio doidinho da cabeça – Fala achando engraçado. Aí, aí um dia eu acordei e fiquei uns meses, não uns dias eu acho, foi de... não sei. Aí, quando... quando... era ma, maio de... de vinte e seis, aí o homem queria me matar.

P - Isso tudo no sonho?!

- Hum, hum!

P - Mas quando você acordou, o que aconteceu, não entendi?

- Eu acordei assustado. Aí, e eu gritei. Aí, meu pai falou.

P - Falou o que?

- Eu falei pro meu pai, o sonho.

P - Mas você falou que ficou uns dias, o que?

- Uns meses eu acho que foi, porque foi do..., de... Eu não me lembro, eu acho que foi dias ou meses!

P - O que?!

- Eh, o dia que eu fiquei na casa porque eu não sabia aonde era a minha. Eu tava muito longe. Tinha árvore, onde..., aí, tinha um posto abandonado, mas na... floresta.

P - Você ficou preso nessa casa, dias ou meses, você não sabe dizer. É isso?

- Eu acho que foi meses. É.

P - Você ficou preso, como sequestrado mesmo?!

- Hum, hum! Toda vez que eu falava: eu já vou, aí, porque eu tenho que procurar minha família. Aí ele falou: - Fica! Fica! Fica! Ele falava.

P - E você?!

- Aí, aí eu tinha que ficar se não eu ficava com medo, porque,... porque eu já vi. – Um breve silêncio - Eu já vi uma coisa..., porque quando eu fui, eu fui beber água, aí, ele tava nu... negócio que ele tinha lá. Quando eu vi, eu segui ele, aí tinha um montão de caveira, de gente, aí eu tinha que ficar, senão...

P - Que negócio é esse? Não entendi, negócio que ele tinha lá?!

- Era uma caveira de gente, toda vez que alguém ia lá, eu não sei o que ele fazia, porque só tinha caveira.

P - Aí, você ficou com medo?

- Hum, hum!

P - Você pensou o quê?

- Aí, eu pensei que... que ele era u... um assassino de gente.

P - Isso tudo no sonho?

- Hum, hum! Aí, eu fiquei me perguntando o que aconteceu com a gente, com as pessoas.

P - Você teve coragem de perguntar pra ele?

- Não. Eu tenho muito medo dele, tia!

P - Mas você teve esse sonho mais de uma vez?

- Não, foi só uma. Eu não quis mais ter aquele sonho mais não! Que eu fui pra igreja um dia, aí eu fiquei, eu tô indo sempre, só nos domingos que tem a igreja. Aí, eu acordei, gritei e falei pro meu pai o sonho. Aí, meu pai falou pra minha mãe, aí ela falou pra o amigo da Mariana, que é o Caio, que falou pro pastor que eu tive esse sonho. O pastor falou pra eu ir pra igreja. Aí, eu nunca mais tive esse sonho.

P - Hum, que bom, né?

- Hum, hum.

P - Mas você não chegou a falar com essa pessoa que te deixou presa?

- Não.

P - Agora, eu não entendi, é que você disse que quando você ia caminhando a casa ia se afastando.

- Hum, hum.

P - E como é que você entra na casa?

- Eu não sei também, eu só sei que quanto mais eu... eu ia, - um breve silêncio - eu ficava me afastando, eu sentia que eu ficava me afastando da casa, da minha casa.

P - E essa casa é a casa que você mora?

- Ah, ah, com meu pai, minha mãe e com a Mariana.

P - Ela ia se afastando?

- Ah, ah. Aí, eu encontrei o posto.

P - O posto de gasolina?

- Ah, ah, aí, eu achei que era a minha casa, mas não era, tinha aquele homem lá.

P - Esse homem era do posto de gasolina?

- Hum, hum! Ele tinha roupa estranha.

P - Como assim?

- Uma caveira, aqui assim e um cordão também de caveira. Aí, eu falava assim: - Aonde você arruma tanta caveira? Aí, ele falava: - É porque eu encontro por aí. Ele falou.

P - O cordão era de caveira?

- Ah, ah.

P - Como assim de caveira?

- Era todo. Tinha uma caveira grande aqui, aí, ele amarrou com alguma coisa, acho tipo uma corda.

P - O cordão dele tinha um pingente gigante de caveira de verdade?

- Hum, hum!

P - Mas não com uma corrente de ouro ou de prata?

- Não, era com uma linha.

P - Com uma corda?

- Hum, hum! É!

P - Uma coisa grossa. E como é que era esse homem?

- Ele tinha o cabelo todo arrepiado, aí, ele tinha um machucado aqui, ali e no pé, e tinha uma cicatriz no olho.

P - No olho direito?

- Nesse daqui.

P - No direito. Era ao lado do olho ou dentro do olho?

- Assim.

P - Cortando o olho de cima abaixo, bem no meio.

- Hum, hum.

P - Na vertical?

- É.

P - E ele disse o nome dele pra você?

- Ele falou que era, não lembro, era Jack, alguma coisa assim. – Um breve silêncio - Eu acho que era Jack. Eu lembro que ele disse que começava com J e

Jack começa com J. Aí, ele falou que começa com J.

P - Ele falou isso?

- Ah, ah. Aí, eu falei se era Jack. Aí, ele falou que é. Aí, eu acordei. Aí, quando eu acordei do sonho, ele aí, ele tava com uma faca assim em mim. Aí, eu tive que fugir porque ele tinha um montão de arma, lá, no, no, eu acho que era no porão, não sei. Aí, eu tinha que descer porque eu tinha que matar ele.

P - Você tava achando que você tinha que matá-lo?

- Não. Eu só tinha armar alguma coisa para ele ficar preso até eu tentar fugir do posto.

P - Então, o seu cativo, a sua prisão era no posto?

- Hum, hum! É.

P - Que aventura hem! Aí, no momento que ele vai pra cima de você é que você acorda?

- Hum, hum! É.

P - Então, o sonho acabou sem se resolver o problema, né?.

- Eu só tenho medo de voltar de novo esse sonho.

P - Mas nunca mais voltou?

- Não.

P - Tem muito tempo que você sonhou isso?

- Não, tem pouco.

P - Tipo quanto?

- Eu acho que foi ni janeiro.

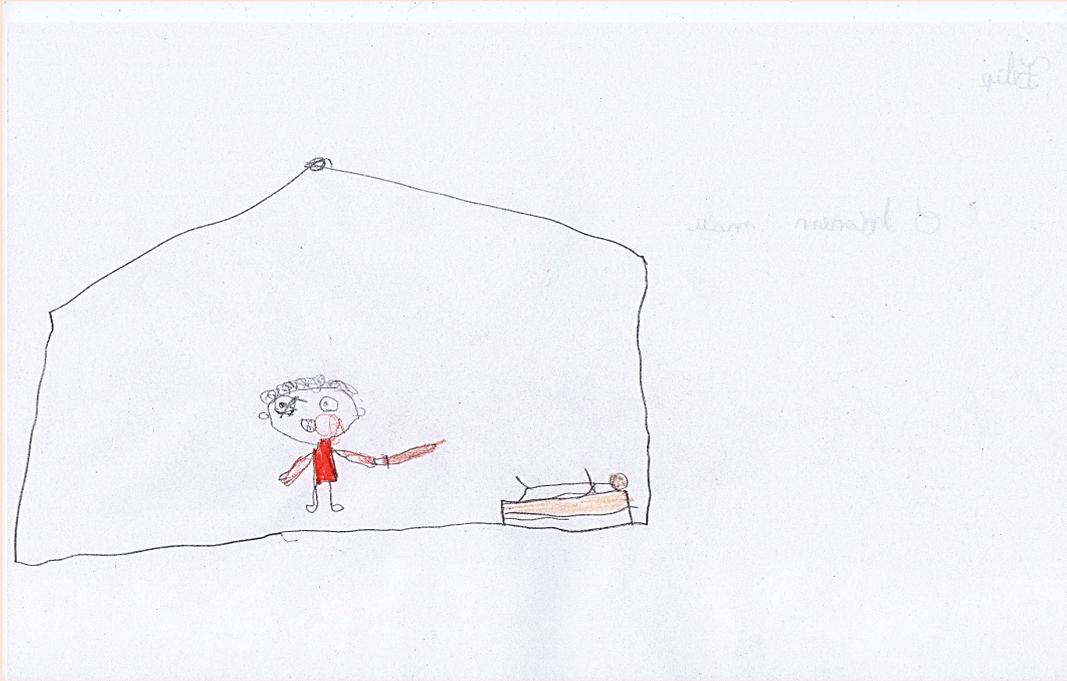
P - Alguns meses só.

- Hum, hum!

P - E o outro sonho que você falou pra mim.

- Com meu pai e eu!

P - Conta pra mim, então!



3.10.3 A FAMÍLIA FELIZ

Sonho recorrente

- Eu tava com o meu pai, aí a gente saiu, porque a gente tem o costume de sair quando é o aniversário de alguém. Aí, aí a gente ficou saindo, aí a gente saindo, aí, a agente chegou em casa. Aí, minha mãe, Mariana, tava todo mundo lá. Aí, fizemos o aniversário pro meu pai, porque ele, e falou assim: - O Ernani, quem é a pessoa mais especial da sua família? Ele falou que era eu! Aí, ele falou: - Vem pra cá, Thiago! Aí, eu falei: - Tá! Aí, eu vim e ele falou pra eu partir o bolo pra ele. Aí, eu partir. Aí, ele falou que ia dar pra mim, aí depois pra minha mãe e depois pra Mariana, foi, aí foi.

P - Como é que termina o sonho?

- Termina eu vendo ele dormir, porque ele é muito bonito dormindo. Aí, eu só durmo quando ele vem pra casa, porque ele trabalha de noite, aí eu oro todo dia quando ele vem pra casa.

P - Você, o quê?

- Eu oro!

P - Mas, pera aí, o sonho é a festa de aniversário?

- Hum, hum. Do meu pai.

P - Aí, você tá partindo o bolo, aí ele te dá o bolo e de repente ele tá dormindo?

- É. Eu acho.

P - Assim, sem mais nem menos?!

- Foi no sábado! Eu sei que foi no sábado, só não sei se foi, foi no sábado dia 21 de abril.

P - Por que você sabe que você sonhou?

- Hum, hum, porque eu não pode esquecer porque eu amo muito meu pai.

P - E você guardou a data do sonho?

- Hum, hum.

P - Mas não é a data do aniversário?

- Não. Às vezes, eu sonho com o do campo verde ou com essa daí.

P - E a última vez que você sonhou foi nessa data?

- Foi.

P - Aí, você guardou essa data que teve esse sonho?

- Pra sempre! Tá até aqui, hoje!

P - Mas essa data não é o aniversário do seu pai?

- Não.

P - Essa data é data que você sonhou?

- Hum, hum.

P - Mas você já teve esse sonho outras vezes?

- Tive.

P - Agora, não entendi porque você viu seu pai dormindo.

- Porque ele só trabalha de segunda a sexta de noite, aí no sábado e no domingo ele tá livre.

P - Ah!

- Aí, hoje, ele foi pro pagamento, porque a mulher vai pagar ele hoje, porque trabalhou pra mulher lá, que é dona.

P - Entendi. Mas você viu ele dormindo, nesse sonho?

- Ah, ah.

P - De repente vocês estão na festa, ele tá dando bolo pra você, você cortou o bolo pra ele e de repente ele tá dormindo?!

- É!

P - Assim, sem mais nem menos?!

- Não, eu não sei.

P - Nem eu! – E rimos juntos.

- É porque eu tava dormindo quando eu tive o sonho. Porque não dá.

P - Com certeza! Coisas de sonho, né?

- É.

P - De repente você tá vendo ele dormindo?

- É.

P - Aí, você acorda?

- Hum, hum. Porque, eu durmo na cama de cima e minha irmã dorme na cama de baixo e o meu pai e minha mãe dormem aqui, na outra cama, mas pra ali, e a televisão fica em cima.

P - Todo mundo no mesmo quarto?

- Hum, hum.

P - É uma beliche e uma cama de casal?

- É.

P - E cabe? O quarto é grande, então?

- Hum, hum. É.

P - Legal! Fica todo mundo junto, né?! Mas nem sempre ele dorme em casa?

- Ele dorme. Ele não sai de casa não. Ele dorme sempre em casa. É porque ele vem às, não sei... É porque eu só durmo quando ele vem pra casa.

P - Só depois que ele chega?

- Hum, hum. Aí, ele chega muito tarde.

P - Ah, ele chega tarde, mas ele vem pra casa todo dia?

- Vem.

P - Ah!

- Porque se demorar, eu sempre perguntei pra minha mãe que horas são, aí, ela fala. Porque eu sei quando ele vai vir porque eu assisto televisão, aí quando acaba e ele chega.

P - Acaba o que?

- O desenho que eu assisto, aí quando acaba o desenho, aí, ele chega.

P - Ah, pelo horário do desenho você, nem sabe que horas são?

- É.

P - Mas, acabou aquele desenho...

- Aí, eu já vou saber, porque se ele não chegar é porque ou ele tá, tá tarde e porque ele chega em horas diferentes também ou... aconteceu alguma coisa, porque...

P - Tipo?!?

- Não sei, é... é porque onde ele trabalha tem muito tiloteio, aí, mas ele sempre vem de ônibus com os amigos dele que trabalha também, que tem um amigo dele que eu conheço que mora aqui, que estuda aqui um... é... é um cabelinho, um que tem um cabelinho, assim, que nem mulher, tia, que é o Gabriel do quinto ano.

P - Amigo do seu pai?!

- Não, ele não é amigo, ele é irmão do amigo do meu pai.

P - Ah entendi, aí você fica preocupado com o seu pai. O que seu pai faz?

- Ele trabalha lavando ônibus.

P - Ah, ele lava ônibus! Aí, ele tem que esperar o ônibus chegar na garagem...

- Hum, hum. Mas ele chega cedo também, ele trabalha na União, o nome.

P - Na União, eu sei.

- Mas não pode criança pra lá, aí, mas eu já vi, eu já fui na minha tia e ela me mostrou. É bonito lá.

P - É. Ele trabalha há muito tempo lá?

- Faz uns meses.

P - Não tem tanto tempo também, não.

- Ele tabalha, ele tabalhava na feira, aí ele saiu porque ele chegava muito tarde.

P - Tarde?!

- Hum, hum.

P - Que feira?

- É uma que tem aqui embaixo, ele ajuda meu tio, aí quando eu tô acordado eu espero ele chegar também. Aí, Mariana, minha irmã, dorme porque às vezes ela tá doente e ela vai pro colégio. Ai, meu pai tem que me levar pro meu tio ou ficar em casa, porque meu tio também, ele tem a mulher dele, meu tio e um amigo dele que ajuda. Aí, o homem, que é amigo dele, não consegue levar a caixa, porque ele tá muito velhinho, aí ele não consegue levar a caixa, ele só consegue ajudar.

P - Entendi. Ai, você fica preocupado com o seu pai né?

- Hum, hum.

P - O que você entende?

- Eu entendo... que eu tenho... muito amor pelo meu pai, tenho que agradecer muito a ele.

P - Por que?

- Por... – Breve silêncio - Oh tia, posso te contar uma coisa, sem o gravador?

P - Pode!

- Porque é pessoal, tá bom?

P - Tá!

- Eh... Eu tenho duas mães e dois pais, porque uma mãe minha, ela ficou... ela me deu, porque ela tinha muito bebê. Aí, meu outro pai falou assim, pro meu pai atual, que é o Ernandes, e eu tenho o pai Joaquim e o pai Ernandes, que ele que me criou.

P - Os pais que você tem hoje são pais adotivos?

- É.

P - Os seus pais de verdade te deram pra eles.

- É. Ele falou, o meu Pai Ernandes ficou pegando amor por mim.

P - Seu pai Ernandes é o seu pai atual?
- Hum, hum. Meu pai atual, é o meu pai.
P - Por isso você diz que tem dois pais e duas mães?
- Hum, hum.

P - E você convive com seus pais...
- De verdade? Não. Eu só vou lá em alguns meses ou dias.
P - Lá, é onde?
- É... eu não sei. Ele trabalha numa loja que vende fruta, biscoito, ... um dia eu fui pra lá, aí ele falou que eu queria um biscoito, aí eu falei que sim.
P - Seu pai de verdade?
- É. Porque minha mãe de verdade, eu nunca vi ela. Só vi meu pai.
P - Ah, sua mãe de verdade você nunca viu? Nunca conheceu? Então, isso aconteceu quando você era muito bebê?
- Hum, hum.
P - Quantos anos?
- Eu tinha um... um mês ou um ano. Aí, aí meu pai, me criou, eu acho que eu tava com dois aninho.
P - Então, você é filho adotivo dessa família?
- É.
P - Mas a sua irmã que você chama de?
- Irmã.
P - Sim, mas o nome dela é?
- É a Mariana. Eu chamo de irmã também.
P - Você chama ela de irmã também. Mas ela é filha natural desse casal que são seus pais adotivos?
- É.
P - Ela é mais velha ou mais nova que você?
- Mais velha, ela tem dezesseis ou dezessete anos.
P - Ah, então você é o bebezinho da casa?
- Hum, hum.
P - Então, ela já era, ela era pequeninha quando você chegou né?
- É, ela era mais velha do que eu. Ela já tirou foto comigo, eu tenho muita foto de quando eu era pequeno com ela.
P - Que legal! Que garoto de sorte você! Muito bom! Por isso você ama tanto

esse pai, né?

- Hum, hum.

P - E a mãe?

- Minha mãe também eu amo.

P - Mas você fala mais do pai, né? Por que?

- Porque eu também amo muito minha mãe. É, porque eu ela trabalha, aí quando meu pai vai trabalhar ela chega.

P - Aí, eles ficam dividindo a casa?

- Ah, ah. Minha mãe trabalha de manhã e meu pai trabalha de noite. Aí, mas minha mãe, tem uma hora, porque ela trabalha para uma senhora de idade, que ela, ela já quebrou a perna e não consegue andar, aí ela tem que andar na cadeira.

P - A senhora ou a sua mãe?

- Não, a senhora de idade, aí a irmã dela não aguenta ela porque ela é pesada, aí minha mãe sempre tem que ir lá.

P - Ela é cuidadora?

- É, mas no sábado e domingo não. Ai, tem o filho dela que é Jonas.

P - Dessa senhora?

- Hum, hum. E, a irmã dela não tem muita paciência, ela tem problema de coração, de pressão e se ela se irritar muito ela pode até ter um infarto.

P - Hum, aí sua mãe ajuda a cuidar dessa senhora.

- Aí, toda vez que eu vou pra lá, aí a minha, ela tá lá sentada e a outra tá sentada na cadeirinha, que é a senhora mais velha, de idade. Tem a irmã da outra que não consegue andar, ela, ela fica sempre quieta.

P - Todo mundo precisa de ajuda, né?

- Hum, hum, eu também ajudo minha mãe quando eu vou pra lá. Hoje eu quase não vim, porque eu escorreguei.

P - E eu achei seu pai uma pessoa tão agradável, achei tão solícito, ele veio de imediato, atendeu ao primeiro chamado pra saber o que era, do que se tratava, pra assinar. Você é uma pessoa muito abençoada! Meus parabéns! Adorei te conhecer! Agora, vamos fazer a parte divertida de tudo isso?

- Qual?

P - Vamos fazer um desenho?! Você contou um monte de histórias! Vamos ilustrar essas histórias, né?! Vamos então fazer um desenho! Um não, você me contou um monte de histórias! Acho que você pode fazer até mais, né?! Vamos lá!



3.10.4 SOBRE OS SONHOS DO THIAGO

Apesar de nos relatar um sonho tranquilo e até mesmo festivo, é exatamente o que, aparentemente, parece ser o momento mais bonito do sonho que lhe causa estranhamento e o faz despertar. A exigência de declarar seu amor pelos seus familiares que causa estranheza e o chama para a realidade, pois seu desenho não deixa dúvidas sobre o mal-estar que envolve a relação com a sua irmã e mesmo a insegurança que parece presente na relação com a mãe e o pai. Um piquenique num campo que, pela descrição em sua narrativa, me faz lembrar a Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro.

Seu desenho não apresenta nenhuma ilustração na metade superior da folha, que foi utilizada na horizontal. Há uma árvore específica, o cajueiro, que o sonhador faz questão de esclarecer se utilizando da palavra para não deixar mal-entendido, apesar de que não consigo vislumbrar enquanto tal. Em sua copa usa a

cor azul, que pode, segundo Furth (2004, p.159) evidenciar distância, esmorecimento. Na cena, todos estão vestidos de vermelho que,

Psicologicamente, pode sinalizar uma questão de importância vital, um problema “abrasador”, emoções arrebatadoras ou perigo. Do ponto de vista físico, pode refletir uma doença aguda – por exemplo, uma febre ou infecção (FURTH, 2004, p.158).

Então, há a necessidade de palavras para esclarecer o seu desenho. O que provoca a pergunta sobre o que está mal esclarecido na vida dessa criança que aparentemente possui uma família feliz, quase perfeita. Que medo é esse que não a abandona e insiste, num sonho recorrente de se fazer lembrar?

Observei que seu corpo é bem reduzido, diferentemente dos outros membros da família. Talvez queira se mostrar o bebê da casa, para assim receber mais atenção e proteção de todos, preterindo a irmã da atenção dos pais.

Após olhar o desenho como um todo e registrar minha primeira impressão, sempre me atendo ao que primeiro me chama atenção na maioria dos desenhos, enquanto detalhe, que são os olhos dos personagens, se estiverem presentes. Neste desenho o pai parece demonstrar atenção especial ao sonhador, ao dirigir seu olhar à criança que sonha com sua festa de aniversário no campo; a mãe olha para longe, para fora da cena junto com o sonhador, de forma assustada como se fora da cena, fora dessa família, aparentemente feliz, alguém ou alguma coisa pudesse impedir essa felicidade, e sua irmã é colocada a parte, afastada do grupo familiar, a ponto de o pai ter o braço alongado para poder alcançá-la. O braço da menina, numa pequena e quase imperceptível rasura foi diminuído, como que para evitar o contato com o pai. Todo o rosto da menina, que olha para frente, para o observador, com um aspecto desconcertante, foi todo rabiscado de marrom de forma tão grosseira, como a esconder o fato de que ela não está sorrindo como os outros ou como a desejar retirar-lhe do evento. O que foi feito com o rosto da menina não deixa dúvida do conflito ou do medo de a qualquer momento perder seu lugar junto aos pais na concorrência que sofre junto a irmã. Todos, exceto o sonhador, estão pisando na grama. Possuem uma linha de base sólida. O sonhador apoia somente o pé esquerdo na linha de base, o que está ao lado do pai. Todos, exceto o sonhador, amedrontado e inseguro, receberam o mesmo traçado na elaboração dos pés, que demonstram estarem com boa base e firmes, cada qual em sua posição dentro da organização familiar.

Ao se representar, o sonhador cometeu inúmeras rasuras, onde deixou entrever que, a princípio, não estaria dando a mão aos pais. Sua cabeça, inicialmente, estaria totalmente voltada para baixo, observando os pés firmes do pai. Teria medo do pai ir embora, se separar de sua mãe? Mas, é certo que queria estar entre os dois sem saber muito bem como se posicionar entre eles. E, mesmo assim, o braço que segura a mão do pai é bem mais largo do que o que segura a mão da mãe, assim como, a mãe também apresenta uma diferença visível em seus braços. O braço cuja mão segura a do sonhador é bem menor. Da mesma forma o braço da filha que segura a mão do pai é bem menor do que o que está livre. Como se a qualquer momento tudo pudesse se perder e esse amor, essa corrente, que representa sua segurança social, financeira, emocional, que se apoia, principalmente, no pai, poderia se acabar.

E esse perigo, essa instabilidade é uma ameaça evidentemente feminina. Que talvez venha tanto na concorrência com a irmã pela atenção dos pais, quanto por um possível desprezo da mãe, que até então não tinha entendido porque.

Somente o sonhador tem ouvidos. Ninguém mais da família possui orelhas, ninguém, além dele, pode ouvir seu inconsciente e saber de seus temores. E são, mãe e filho, que possuem as cabeças maiores. Talvez exercendo, de formas diferentes, grande domínio no grupo e, sendo isso, a causa de conflitos entre mãe e filho.

Todo o seu desenho causa estranheza em relação a sua narrativa onírica que quer transmitir uma ideia de paz, tranquilidade e harmonia, mas que o faz despertar ao ter que declarar a quem ama. Há um desconforto, um pavor estampado nos rostos e na paisagem. E como que a impedir que alguém, algum dos personagens da sua família, se mova de forma a modificar essa situação estável, segura e, portanto, confortável, que o sonhador colocou uma espécie de trava nas pernas de todos eles: nas pernas do pai colocou duas, da mãe e da irmã, uma em cada uma delas, na altura dos joelhos. Nos punhos dos pais também colocou travas. O sonhador tem pavor de pensar em perder essa situação de pai e mãe ao seu lado, protegendo-o. A irmã é claramente dispensável. Uma família unida e feliz é tudo o que ele precisa para seguir adiante e é, principalmente, a figura do pai que lhe garante essa estabilidade.

No segundo sonho de Thiago, intitulado “O homem mau”, o sonhador narra um lugar onde tudo fica escuro de repente, onde o sonhador vai se afastando de sua casa e encontra uma casa estranha, que pensa ser a casa de sua família, onde está

um homem “meio doidinho da cabeça”. E, ao acordar em seu próprio sonho, sabe que passou um tempo, que imagina ter sido meses, e que, com data marcada, dia vinte de seis de maio, iria morrer.

A presença da árvore, simbolizando a vida, e a floresta em sua representação dicotômica da angústia e serenidade, da opressão e da simpatia e em sua ambiguidade intermediando o céu e a terra (CHEVALLER; GHEERBRANT 2015, p. 439). O medo da morte em sua narrativa onírica fica evidente, mas em seu desenho, é o próprio sonhador que me parece ser o perigo na vida de alguém. É o próprio sonhador que está representado em seu desenho ameaçando uma pessoa sorridente que se encontra deitada numa cama.

O medo que em seu sonho o faz desejar fugir, ao mesmo tempo, o obriga a ficar pela insistência do desconhecido. Por ter visto muitas caveiras no lugar, presumindo se tratar de um *serial killer*, não quis contrariar o estranho “meio doidinho da cabeça” e que veste “roupa estranha”. O mesmo medo que o faz ser assíduo em sua igreja, por orientação do pastor, para não voltar a viver esta experiência.

“Um homem meio doidinho” com “roupa estranha” que tinha uma caveira em tamanho natural pendurada no pescoço por um fio, um barbante grosso. Os cabelos arrepiados, três machucados, sendo um no pé e uma cicatriz no olho direito, cortando toda a região do olho, de cima abaixo, bem no meio do olho. Seu nome começa com a letra J, mas não se lembrava com certeza.

Ao acordar, em seu próprio sonho, o estranho ainda está lá com uma faca para atacá-lo ou apavorá-lo ainda mais. Antes de fugir o sonhador tem que matar o estranho, o que o aterroriza, ou ao menos conseguir prendê-lo no porão, no escuro, escondê-lo, para não parecer tão malvado, tão cruel quanto quem o ameaça.

E ao ser atacado mais uma vez, desperta para a realidade da vigília. Mas o medo o persegue, o medo de voltar a viver essa experiência que traduz o terror de perder sua casa e ter de viver com um homem estranho, porque desconhecido e que pode lhe fazer muito mal. O medo de ser exposto à violência. O medo de mudar de casa forçosamente e ter de viver num ambiente que lhe apavora, pois é estranho. Um perigo que sabe, o espreita e o persegue. Um perigo que tem nome. Mas prefere esquecer.

Mas em seu desenho para representar esta experiência vivida, é a si mesmo que representa com a mesma roupa, ou corpo, vermelho, do desenho anterior, empunhando uma faca de forma ameaçadora. É o próprio sonhador que se

apresenta com a cicatriz no olho direito e marcas vermelhas nos braços e no lado esquerdo de sua face. Continua, como no desenho anterior, a olhar para o lado esquerdo da cena, onde não se pode perceber o que está acontecendo. O que o assusta, em seu desenho, não está na cena ou mesmo na própria casa que o mantém encapsulado, representando uma proteção. Sendo a casa de seus familiares sua proteção, o perigo está fora dela. Sua expressão aterrorizada, sua boca quer convencer que pode ser violento, do que está com raiva e quem ele seria capaz de até matar para garantir sua condição de segurança?

Mas, se é o próprio sonhador que segura o punhal, também vermelho, com a mão esquerda, não reparei se era canhoto, quem estará deitado (a) na cama sorridente?

O vermelho em seus braços e em sua face esquerda me sugerem feridas, cicatrizes, enfim, marcas de sofrimento que ainda causam dor e medo. Observo que suas pernas são diferentes, sendo uma mais grossa, que parece dar maior apoio ao seu corpo e a outra, a esquerda, que é feita por uma única linha.

O sonhador está flutuando, sem apoiar-se em uma base. A cama está apoiada na casa. E seu espaço parece está amarrado lá no alto do telhado, garantindo a impossibilidade de sair. Seu desenho tendo ocupado especialmente todo o lado esquerdo do papel, demonstra, segundo Furth (2204, p.181), conteúdos inconscientes de uma pessoa que se deixa dominar pela emoção e que convive constantemente com o passado. A simbologia da caveira não aparece representada em seu desenho.

“A interpretação do desenho prolonga a do sonho” e “interpretar um desenho é antes de tudo saber ler e transcrevê-lo verbalmente” (WIDLÖCHER, 1971, p.15-16), exigindo principalmente a “simplicidade de espírito” que afastando-se de preconceitos e de um saber acadêmico, preocupa-se em refletir sobre a mensagem manifesta no desenho.

No terceiro sonho de Thiago, chamado “A família feliz”, a casa é, mais uma vez, o cenário onde tudo se passa. Seu pai, que agora sabemos ser adotivo, mantém com o sonhador uma relação de amor fraternal tão profunda que, para o sonhador quase poderia excluir, se pudesse, a mãe adotiva e sua filha. Talvez ao conhecer pessoalmente seu pai biológico, numa comparação inevitável com seu pai adotivo em todos os sentidos e oportunidades vividas ao seu lado, na atenção dedicada, nos cuidados, nas brincadeiras, na cumplicidade até mesmo na hegemonia masculina, talvez do machismo doméstico, inconscientemente, admitido

por todos e todas do dentro do lar, e que através de um homem, seu pai pode lhe estar sendo transmitida culturalmente, não tem dúvida de que seu pai adotivo é o escolhido para ser o mais amado.

A casa neste desenho toma todo o espaço da folha centralizando o acontecimento que dá tema ao sonho, o aniversário do pai adotivo, que declara que o menino é a pessoa mais importante da família.

A figura do pai é representada com um corpo mais forte e expressivo, sendo o mais alto de todos, recebe cor. Seu pai, mais uma vez, privilegiando sua companhia, dá a mão à criança que prefere não se esforçar para dar a mão a irmã, destacando o traçado dos seus braços, ao deixá-lo cair, aponta para o chão. A mãe é colocada no final da fila dando a mão à sua filha, parece estar pronta para se retirar da cena. Seus corpos, dos filhos e da mãe, são desenhados de forma esquematizada,

O bolo possui quatro camadas. Fica evidente que cada uma das camadas se refere a uma das pessoas participantes da cena. E, nesse momento, entendo que o sonhador se separa de seu pai adotivo que tanto ama, mas por um bom motivo: receberá o primeiro pedaço do bolo e seu pai ficará com a maior parte do bolo, pintada de verde. A seguinte, pertence à mãe, e a parte pintada de rosa é a que pertence à irmã. É com a cor vermelha que se faz presente ainda neste desenho, que vai colorir sua parte do bolo.

As ondulações da mesa transmitem mais uma vez a ideia de instabilidade que o amedronta. Apesar de finalizar sua narrativa com a imagem do pai dormindo, não a representa em seu desenho. Imagem essa que me fez pensar na representação da morte e seu medo de perder seu pai, a estrutura familiar que lhe dá estabilidade emocional seja por uma possível separação do casal ou pelo falecimento de seu amado pai.

O sonhador, em seus sonhos, se prende muito a datas e desta vez é o dia 21 de abril, que caindo num sábado está marcado em seu sonho. Referindo-se ao passado, seria no ano de 2012 que esta data seria um sábado. Referindo-se ao futuro, será em 2018 que o dia 21 de abril será um sábado. No ano de 2016, essa data foi numa quinta-feira. Dois sonhos recorrentes que se alternam com datas que se destacam. Ficou ao menos parcialmente esclarecido seus medos e temores no sonho. Provavelmente referem-se à perda do pai adotivo, a desestruturação da família que o acolheu desde tenra idade e que o sonhador parece reconhecer sua importância em sua vida.

4 O QUE NOS ENSINAM AS NARRATIVAS ONÍRICAS INFANTIS?

Por isso, nós que acabamos de dar um lugar tão belo à imaginação, pedimos modestamente que se saiba dar lugar à cigarra ao lado do frágil triunfo da formiga. Porque a verdadeira liberdade da vocação ontológica das pessoas repousa precisamente nesta espontaneidade espiritual e nesta expressão criadora que constitui o campo do imaginário (DURAND, 2012, p.430).

A escola é o espaço social privilegiado para se cultivar a imaginação como forma de se identificarem professores e alunos, enquanto seres vivos e de se humanizarem. Uma “Pedagogia do Imaginário” permitiria que as pessoas imaginassem e inventassem suas trajetórias de vida antes da morte, tal como argumenta Georges Jean (1983). Mas é a natureza a matéria-prima mais importante para a imaginação, como nos diz Bachelard, em suas obras dedicadas à imaginação criativa e poética. Araújo (2009, p. 56-57) nos diz que o próprio Bachelard já vislumbrava o dia em que os programas escolares integrariam uma seção dedicada ao “devaneio poético”, pois acreditava que a escola deveria ser um espaço em que “a criança deveria simultaneamente aprender a sonhar e sonhar a aprender”, mas que os mestres deveriam ter a sabedoria de permanecerem “a eterna criança que aprende”. A ideia era transformar a escola no espaço da infância, um lugar de sonho e aprendizado, um espaço em que a “razão imaginativa” e a “imaginação com sentido” fossem o objetivo de professores “alquimistas do devaneio e da razão aberta”.

Uma pedagogia do sonho e da razão vem reconfortar a possibilidade de se falar de uma educação bidimensional, isto é, uma educação que não somente se ocupa da formação do “homem diurno”, como também atribui uma importância acrescida aos devaneios do “homem noturno” (JEAN, 1983, p.106-110)⁴.

Uma “nova atitude pedagógica” que objetiva a superação da dualidade entre o real e o imaginário e a compreensão sobre o pensamento diurno, abstrato e racional, e o sonho noturno é exigida na polarização entre o animus e a anima, princípios masculino e feminino, respectivamente que “são as duas faces da nossa alma andrógina”. É, portanto, pela imaginação criadora, na tensão entre animus-anima, que “o destino do humano” se realiza (ARAÚJO, 2009, p.56).

⁴ JEAN, Georges. *Bachelard, l'enfance et la Pédagogie*. Paris: Sacarabée, 1983, p. 106-110.

A pedagogia proposta por Duran (2012, p. 432) provocaria simultaneamente a razão e a imaginação, a ciência acompanhada da poesia, "reencantando a escola". Eu diria encantando a escola, possibilitando a formação "do psiquismo imaginante" dos alunos, através de atividades onde se revalorizasse a metáfora, a alegoria, a utopia. Uma revalorização dos contos e mitos, que abandonasse as "teorias intelectualistas que reduzem a imaginação à percepção ou à lembrança da memória ou ainda a um modo de consciência e desvalorizam ontologicamente a imagem e psicologicamente a função da imaginação".

Como sistema mediador na relação do homem com o mundo, o imaginário está presente como parte essencial e implícita até mesmo dos discursos mais racionais. Encontra-se subtendido em todas as formas de atuação de todos os indivíduos, de todas as culturas, em todas as sociedades (ARAÚJO, 2009 p. 143).

A imaginação nunca se realiza de forma linear, sempre de forma espiral, alargando seu espaço e os símbolos são os mediadores na sua comunicação com o outro. É o equilíbrio do sujeito que se assegura no movimento dialético entre imaginação e racionalidade. A descoberta da criança, de si mesmo, se realiza pela relação com o outro, através do imaginário. É a partir da relação com o outro que a criança toma consciência entre o imaginário e o real, percebendo o possível. É pelo imaginário que a criança se descobre e se utiliza das "imagens do outro" como referencial para sua transformação (POSTIC, 1993, p.19).

A imaginação, segundo Araujo (2009, p. 23), em sua complexidade, é dividida em reprodutiva e produtiva ou criadora. As imagens dos sonhos são imagens ativas que são originadas da imaginação criadora, um tipo de imaginação "de natureza poética, estética, transcendental ou auto-organizadora", enquanto caminho privilegiado que provoca a produção de conhecimento e leituras do mundo, pois organiza as informações de forma criativa.

Baseada neste pressuposto é que me debrucei sobre os sonhos infantis, mergulhei nas narrativas oníricas e nos desenhos a elas relacionados, para conhecer o grupo de alunos e alunas que participaram deste estudo. Sujeitos que se encontram cotidianamente neste lugar, a escola, que serviu de ponto de encontro para falarem cada qual de si mesmos através do imaginário onírico. Essas imagens, por sua própria natureza e por serem capturadas pela alma, pelo coração, são "uma fonte de energia espiritual", se estabelecendo como uma possibilidade subjetiva de grande importância para a criação, possibilita "alcançar outras faculdades" (ARAÚJO, 2009, p. 24-26).

Araújo (2009, p. 26) nos lembra também que este tipo de imaginação criadora é construída pelos quatro elementos materiais: fogo, terra, água e ar que, em sua constância e harmonia provocam nossa imaginação, como já há muito nos mostrou Gaston Bachelard na obra sobre o tema.

Se não houvesse nas vozes da natureza semelhantes redobramentos das onomatopeias, se a água que cai não reproduzisse os tons do melro cantor, parece que não poderíamos ouvir *poeticamente* as vozes naturais. A arte tem necessidade de instruir-se sobre ecos. É imitando que se inventa. Acreditamos seguir o real e o traduzimos humanamente. Imitando o rio, o melro projeta também um pouco mais de pureza. O fato de Wolf Solent ser precisamente vítima de uma imitação e de o melro ouvido na folhagem acima do rio ser a voz límpida da bela Gerda só faz infundir mais sentido ao mimetismo dos sons naturais. Tudo é eco no Universo. (BACHELARD, 2013, p. 200).

Ao caminharmos para o entendimento de uma complexidade tão profunda, que é a imaginação, é necessário nos afastarmos do dualismo clássico entre percepção e entendimento ou conhecimento, como nos orienta Araujo (2009, p. 24). Pois, sendo uma atividade “semiautônoma”, “dispõe igualmente de uma espontaneidade”, onde atuam as “representações noéticas⁵ específicas”, que “dotada de uma potência plástica” é capaz de “moldar originalmente as formas, para alcançar outras faculdades” expondo outras realidades que não se restringem a conhecimentos racionais ou “meramente pragmáticos” (ARAUJO, 2009, p. 24-25).

O nível da nóesis ou inteligência, nos esclarece Lima (2007, p. 27), é o mais elevado nível na hierarquização ontológica e epistemológica, citando Erickson e Fossa (2006)⁶, nos explica que é quando as pessoas conseguem apreender ideias ou princípios transcendentais sem mediação da linguagem, é o nível da intuição.

A imaginação criadora é formada pelo imaginário, mas também pela imagística e pelo imaginal. Cada uma dessas categorias da imaginação possui sua intencionalidade específica: imaginar, metaforizar e imaginalizar, respectivamente. Sendo assim, a imaginação exerce pelo menos três funções específicas: “a de amplificar o real em ordem ao possível, suprir o real sentido ou pensado, e a de revelar um real escondido” (ARAUJO, 2009, p. 37-39).

Anterior à capacidade da imaginação de formar imagens, está sua capacidade de transformar imagens. Araujo (2009, p.40), para nos esclarecer sobre a noção de

⁵ Platão já denominava nóesis como sendo a mais elevada atividade mental possível, superior à díanoia. O momento em que o ser humano se distingue dos outros animais, ao realizar atividades mentais que dispensam até mesmo a articulação da linguagem (LIMA, 2007, p. 27-28).

⁶ ERICKSON, Glen W; FOSSA, John. Estudos sobre o número nupcial. Natal: SBHMat, 2001.

imaginário, “ que não pode ser pensada sem o recurso à imaginação” se utiliza das palavras de Bachelard, de sua obra ”L’Air et les songes: essai sur l’imagination du mouvement”:

Se não há mudança de imagens, união inesperada delas, não há imaginação, não há ação imaginante. Se uma imagem presente leva a pensar numa imagem ausente, se uma imagem ocasional não determina uma profusão [prodigalité no texto] de imagens aberrantes, uma explosão de imagens, não há imaginação. Existe percepção, lembrança de uma percepção, memória familiar, uso de cores e de formas. O vocábulo fundamental que corresponde à imaginação não é o da imagem, é o do imaginário. Graças ao imaginário, a imaginação é essencialmente aberta, evasiva. Ela é no psiquismo humano a própria experiência de abertura, a própria experiência da novidade. Mais do que qualquer outra força, ela especifica o psiquismo humano (BACHELARD, 1976, p.7-8).

Assim a imaginação é a capacidade humana de reproduzir as imagens retidas na memória ou sua capacidade de criar novas imagens que podem se materializar “nas palavras, nos textos, nos gestos, nos objetos, nas obras, etc”, inclusive nos sonhos e desenhos infantis. Segundo Georges Jean⁷, citado por Araújo (2009, p.40), o imaginário pode ser entendido como a palavra que representa “os domínios, os territórios da imaginação: distinguir-se-á, por exemplo, o imaginário poético, o imaginário plástico, o imaginário corporal [...]”. O imaginário é o espaço ou o modo onde a imaginação se faz ação, através do qual a imaginação se configura, toma forma, ou se realiza.

Esclarecendo a importância do imaginário na educação, Teixeira (2006) nos indica as possibilidades de uma educação escolar que valorize a função imaginante do aluno, utilizando as palavras de Jacquet Montreuil (1998)⁸ o “imaginário aprendente”. Apoiando-se inclusive no livro “O fim da educação” de Neil Postman (2002), destaca que os três elementos mais eficazes utilizados pela linguagem humana para construir uma cosmovisão são as definições, as perguntas e as metáforas (TEIXEIRA, 2006, p.217). E é exatamente como uma metáfora que entende a pedagogia do imaginário, pois é ela que dá sentido às nossas vidas, que as orienta. Propõe então que o imaginário esteja presente em todas as disciplinas e áreas do conhecimento, pois que “a lógica e o imaginário formam o tecido do espírito, o que significa integrar razão e imaginação” (TEIXEIRA, 2006, p.224). Sendo assim, ocorreria uma educação da alma, da/e para a sensibilidade.

⁷ JEAN, Georges. **Pour une pédagogie de l’imaginaire**. Paris: Casterman, 1991, p. 24.

⁸ JACQUET-MONTREUIL, M. **La Ffonction socializante de l’imaginaire**. Thèse (Doctorat em Sociologie) – Université de Savoie, França, 1998.

Pensar os sonhos infantis é pensar sobre a própria constituição do sujeito, não somente na perspectiva da psicanálise, mas o sujeito em sua vocação ontológica de se humanizar, como nos diz Freire (2013, p.85), através da comunicação e das relações, mediatizadas pela realidade, que dão sentido à vida humana. Podemos pensar o sujeito sonhador, que participa do grupo da sala de aula, o “Outro desconhecido” de si mesmo (GAMBINI, 1994, p. 336), que na maior parte do tempo deve permanecer calado, numa fase de seu desenvolvimento em que o falar é uma expressão de seu processo de conscientização, um instrumento do pensamento que, segundo Vigotski (2008, p.24), segue um caminho de desenvolvimento “do social para o individual”.

Freud, em outra obra *O interesse científico da psicanálise* (1996), afirma que não entendemos as crianças por causa da nossa amnésia infantil. Não nos lembramos da nossa própria infância, esquecemos a criança que um dia fomos. Os sonhos apresentados no Capítulo 3 permitem-nos adentrar o imaginário infantil. É possível encontrar temáticas comuns, “tons vitais” essenciais à experiência da vigília e dos sonhos destas crianças. Vemos, por exemplo, que as narrativas *O melhor sonho do mundo*, *A cobra me mordeu*, *O caixão*, *Minha avó*, *A morte dos meus pais*, *Um sonho que não muda* e *O homem mau* tratam sobre o tema morte.

Em *O melhor sonho do mundo*, em que a sonhadora se encontra com Deus, ela sobe aos céus para conseguir seu feito. A sonhadora brinca no céu com os anjos. O que é subir aos céus, senão morrer? E morrendo, experimenta a oportunidade de continuar a ser criança, de poder ter espaço e tempo para brincar e ser feliz, em paz junto aos seus familiares e também com os anjos. Em seu desenho é a noite que representa a morte em contraponto com seu sonho *Um sonho lindo*, em que narra o aviso do nascimento de sua irmã, um sonho premonitório, onde as construções sociais indicam inclusive o sexo do bebê que vai nascer, pois tudo no sonho é rosa. Neste sonho, seu desenho representa o dia iluminado como a vida que é dada à luz. É no desenho da sonhadora que vemos claramente revelado o contraponto entre morte e vida, noite e dia.

No sonho *A cobra me mordeu*, a mesma sonhadora dos sonhos anteriores vivencia a própria morte com maior evidência, pois considera que com o veneno da cobra seu fim é inevitável e sua mãe participa dessa experiência junto com a sonhadora, tendo o mesmo fim. E, com o sonho *O caixão*, mais uma vez, a mesma sonhadora experimenta agora a morte alheia, mas bem próxima a ela fisicamente e

com o mesmo sentimento de realidade anteriormente experimentado em suas narrativas anteriores.

No sonho *Minha avó*, um outro sonhador, ao deitar e dormir, consegue estar rotineiramente com sua já falecida avó a seu lado, apesar de ter consciência da impossibilidade do fato e de não lembrar como ocorre o sonho.

No sonho *A morte dos meus pais*, a menina experiencia a morte dos pais num acidente de trânsito onde um ônibus colide contra o carro que seu pai dirige e onde está, inclusive, a sonhadora. Vive o dia seguinte, em seu sonho, para receber a notícia, por telefone, da morte dos pais. Só a sonhadora, em seu sonho, sobrevive à morte.

Em *Um sonho que não muda*, a menina sonha todos as noites, ininterruptamente, com a mãe que já morreu há 4 anos, afirmando que está viva e que havia ido somente viajar. A falecida afirma em suas aparições diárias, inclusive, que quem morreu foi a sua mãe, a avó da sonhadora, que cuida dos netos órfãos. A aparição se dá sempre no mesmo lugar, no sofá da sala de estar, onde dormia a falecida. É um sonho mais do que recorrente, diria que é um sonho insistente, pois só acordada a menina se livra da experiência. Se acorda e volta a dormir, volta a sonhar com a mesma experiência. E isso ocorre há 4 anos, ininterruptamente.

Outros dois temas que permeiam várias das narrativas oníricas é o medo e o estranhamento. Seja de pessoas desconhecidas ou de aspectos estranhos, seja de lugares desconhecidos ou escuros onde se encontra o sonhador ou a sonhadora, lugares onde não conseguem chegar, não deveriam estar ou mesmo de onde não conseguem sair. Ou ainda, como no sonho *Um sonho aventureiro*, um sonho recorrente, no qual nota-se um sentimento de instabilidade, a inconstância de não conseguir estar em um lugar definido, mesmo que todos os lugares sejam, pelo sonhador, bem conhecidos. Ao entrar no portão da escola, por exemplo, de repente, o sonhador já está, imediatamente, em casa. Ao sair no portão de casa, imediatamente, está dentro de um shopping no centro da cidade onde mora. Seu sonho retrata a experiência de estar em vários lugares, sem estar em nenhum lugar em definitivo. Este mesmo menino, que durante a vigília tem autonomia e liberdade para transitar livremente pelas ruas da cidade, se descobre como sonâmbulo que, mesmo ao dormir, estranhamente, quer ir para a rua.

A experiência em que a sonhadora e sua prima que, apesar da restrição alimentar, por motivos de saúde, passeiam em seu sonho por uma floresta de doces, no sonho *A amizade*, causa-lhe estranhamento a impossibilidade, imposta pela

própria vida, em função da saúde debilitada, de experimentar todos os doces colocados à disposição em um lugar encantado. Ou quando esta mesma sonhadora é mandada embora de casa por sua mãe para passear, em seu sonho *A casa e a mulher*, e se encontra em um lugar estranho, desconhecido, em contato com pessoas que acredita serem seus familiares, mas ainda assim, continuam sendo estranhos, pois que não consegue ver seus rostos e já não tem certeza de quem sejam.

O medo é um tema que se faz insistentemente presente, como no sonho *Sequestro de crianças com pesadelo*, onde estranhos vestidos de forma esdrúxula, em lugares estranhos, com atitudes estranhas e violentas causam pavor ao sonhador. Da mesma forma acontece no sonho *O homem mau*. Neste sonho também um homem desconhecido, um estranho, com atitudes estranhas, ameaça a vida do sonhador, causando-lhe pavor, num lugar desconhecido de onde é preciso fugir. Lugar este que, a princípio, era o caminho para sua casa, mas que vai se distanciando dela quanto mais caminha em sua direção até, de repente, se encontrar numa floresta, mas que, estranhamente, também tem um posto de gasolina, que será seu cativeiro, onde sua experiência irá se desenrolar. Um lugar desconhecido, estranho e perigoso.

Ao mesmo tempo que diferentes temas agregam diversos sonhos, um único sonho pode abranger mais de um tema. O sonho *O homem mau*, por exemplo, que revela medo e estranhamento, traz também o tema da morte, pois ao encontrar várias caveiras escondidas na casa onde permanece preso, em seu cativeiro, entende que muitas pessoas ali já foram assassinadas e que ele, o sonhador, é a provável próxima vítima e é preciso fugir dali.

Temas que aparentemente não estão presentes na narrativa onírica se fazem presentes nos desenhos sobre esta mesma narrativa. Por exemplo, nos sonhos *Eu e minha família* e *A família feliz*, o estranhamento que é evidente e pode ser percebido nos desenhos dos olhos e dos corpos dos personagens, não se apresentam na narrativa dos mesmos. No sonho *O homem mau*, o que causa estranheza é perceber que é o próprio sonhador que está sendo representado como o estranho que o ameaça, pelas características com as quais representa a si próprio, muito parecidas com os outros desenhos feitos pelo sonhador ao se representar.

O tema trabalho que também aparece em mais de um sonho demonstra a preocupação com o mercado de trabalho, a ocupação econômica, o sucesso profissional que o sonhador pretende conquistar como forma de garantir sua

participação no mercado consumidor, como é o caso do sonho *Eu era jogador de futebol* e até mesmo, como forma de participar ativa e positivamente da vida em sociedade que os sonhos *Eu sonhei ajudando um homem* e *Eu quero ser advogada* representam. Até mesmo a participação como figurante no mercado de trabalho, como trabalhador avulso, mal remunerado e explorado.

O tema sorte, mas também vinculado à possibilidade de consumo, se faz presente num único sonho, *Eu sonhei com dinheiro*. Achar grandes quantias aproxima o sonho da vigília, ao multiplicar os valores encontrados.

O consumismo é um tema que perpassa diversos sonhos. Alguns já citados, como *Eu era jogador de futebol*, *Eu sonhei com dinheiro*, mas principalmente presente no sonho, *O sonho muito lindo*, em que o menino escolhe um tablet ao invés de um videogame com o qual poderia realizar seu desejo de jogar com o pai, em casa. Em seu sonho compartilha com o pai o prazer do jogo que, na vigília, o individualismo o faz optar por um aparelho que já possuía e poderia simplesmente consertar, ao invés de comprar outro novo.

O direito à infância é um tema que perpassa várias narrativas. Um lugar para brincar, para ser simplesmente criança junto a outras crianças é inexistente no local onde moram esses meninos e meninas. Espaço físico e temporal, por sua vez, não disponibilizados também pela escola. Desde a primeira narrativa, as crianças, implicitamente, em seus sonhos, reclamam um espaço de paz em que suas brincadeiras, seus brinquedos e sua segurança e de seus familiares sejam garantidos.

No sonho *Um sonho aventureiro* essa necessidade fica evidente. Um menino que conhece e transita pela cidade, a pé, por diversos bairros nos arredores da sua casa, durante sua vida diurna, não consegue um espaço para estar, para fixar-se durante seu sonho, um lugar para fixar-se e chamar de seu. Tive a oportunidade de conhecer a casa dessa criança, pois fui pessoalmente solicitar a autorização da mãe para que o filho pudesse participar da pesquisa. Como já conhecia a família, pois uma das irmãs mais velhas já havia sido minha aluna em anos anteriores, sabia onde moravam, por sinal, bem próximo a minha casa, no final da rua onde moro. E isso não provoca a identificação do aluno, pois que outras crianças da escola partilham da mesma situação de morarem próximo a mim e mesmo em minha rua. Descrever o que vi como sendo a casa dessa criança chega a ser doloroso. Eram muitas pessoas entrando e saindo constantemente de um espaço mínimo. A mãe tinha acabado de conseguir uma casa no programa Minha Casa Minha Vida, do

governo federal e a família estava de mudança para um bairro distante, em outro distrito da cidade, justamente no momento da minha visita. Portanto, aquela seria a minha última chance de conseguir a autorização desta mãe para poder garantir a participação daquela criança. Inclusive, segundo a mãe, que teve um pouco de dificuldade de entender e acreditar que a professora da escola estava em sua humilde casa interessada nos sonhos de seu filho, a criança já havia sido transferida de escola e já estava morando na casa nova. Cheguei, inclusive, a perguntar-lhe se conhecia algum dos sonhos sonhados pelo seu filho, se ele lhe contava algo quando sonhava, para a mãe do menino entender do que se tratava, pois, o aluno tinha insistido em participar. Mas a mãe não se lembrava de nada, apesar de reconhecer que o assunto era interessante, talvez por ser distante de tantos problemas com os quais tenha que conviver, tendo tantos filhos, numa situação tão precária.

Conversamos muito rapidamente, pois estavam em processo de mudança e não tinham muito tempo a perder. Como o espaço na casa era mínimo e, no estreito corredor que distribuía para outras minúsculas casas, o movimento de “entra e sai”, era muito grande, conversamos ali mesmo na calçada, na rua, onde os vizinhos entravam e saíam a todo tempo e até mesmo um outro aluno e sua mãe, que moravam em frente, vieram me cumprimentar, com a criança fazendo festa com a minha presença.

As crianças nessa cidade muitas vezes parecem invisíveis ou inoportunas, não havendo um espaço para elas. A cidade, e principalmente o lugar onde moram, o Parque Vila Nova, e seus arredores, se torna um não lugar para essas crianças. Crianças que sofrem de solidão e abandono. Crianças cujos pais estão mortos, encarcerados em presídios ou são fugitivos da lei e escravos dos bandos de traficantes que subjagam a população desse lugar, selecionando e iniciando também muitas dessas crianças para a prática do crime e da prostituição. A maioria das pessoas desse lugar nunca teve um emprego com carteira de trabalho assinada e vivem de “bicos”.

É a tais deslocamentos do olhar, a tais jogos de imagens, a tais desbastes da consciência que podem conduzir, a meu ver, mas dessa vez de maneira sistemática, generalizada e prosaica, as manifestações mais características do que propus chamar de “supermodernidade”. Esta impõe, na verdade, às consciências individuais, novíssimas experiências e vivências de solidão, diretamente ligadas ao surgimento e à proliferação de não lugares (AUGÉ, 2012, p. 86).

Uma cidade onde as pessoas estão em constante movimento de compra e venda de produtos, em grande parte informais, de idas e vindas de seus trabalhos, supermercados, estações ferroviárias, rodoviárias, templos, terreiros e igrejas, consumindo produtos e serviços. Um lugar onde os carros assumem, por vezes, lugar de maior importância do que as pessoas ou a própria natureza, e podem estacionar ou fazer barulho a qualquer hora, inclusive com propagandas, como nos carros de som que transitam livremente pela cidade. Uma cidade que é identificada como cidade dormitório, onde as crianças ficam esperando o dia inteiro, senão a semana inteira, suas mães, ou jovens avós, retornarem para casa. Quando não têm que participar da atividade econômica da família, compostas muitas das vezes de um adulto, a mãe, e muitas crianças.

Crianças que não tendo um adulto à sua disposição para delas cuidar e educar, servir-lhes mesmo de exemplo e autoridade, não têm hora para acordar, porque não têm hora para dormir, portanto, não conseguem chegar à escola a tempo, mesmo estudando no período da tarde. Crianças que cedo devem deixar de ser crianças para cuidarem de outras crianças.

Crianças que, na maioria das vezes, não reconhecem nenhuma autoridade, a não ser dos diferentes “homens” que transformam suas vidas em verdadeiros infernos: os homens da lei e os fora da lei. Crianças que, em grande número, aprendem a ler tarde, que não estão alfabetizadas ou escrevem muito mal, num período em que a expectativa seria de um maior domínio da língua escrita, e que parecem estar condenadas a permanecerem à margem da sociedade, num jogo de poder que necessita dos “sem poder”, para os quais o mundo é experimentado como uma armadilha, ao invés de “um parque de diversões”. Crianças “encarceradas num território do qual não há saída”, pois lhes são negados os instrumentos que lhes permitiriam defender suas liberdades de escolha numa sociedade consumidora, na qual, como tal, já não são mais consideradas (BAUMAN, 1998, p.41).

Estas crianças são frequentemente reprovadas pela escola e provavelmente, engordarão as fileiras da população de marginalizados e despossuídos, pois desprovidas de qualquer possibilidade de participarem da economia de mercado, serão vítimas do processo em curso da globalização, que por ser excludente, é injusto (MARTINS, 1996, p. 12).

Cabe às escolas, as únicas instituições públicas que trabalham sob o pressuposto de que a infância precisa existir e que “os adultos têm coisas a ensinar às crianças” refletirem sobre as tendências sociais, pois elas também vêm perdendo

sua autoridade e tendo sua estrutura alterada para atender a essas tendências, sendo “quase impotentes para se oporem a elas” (POSTMAN, 2012, p.165). Segundo Postman (2012, p.166) é na escola que está a resistência contra o desaparecimento da infância.

Educar dá trabalho e tem seu preço. Educar, em oposição à tendência social, desejando e insistindo numa “disciplina do adiamento da satisfação ou da modéstia da sua sexualidade, ou da moderação nas maneiras, na linguagem e no estilo”, proporcionar a alfabetização dos filhos, custa caro e demanda tempo. Para os pais que controlam e monitoram a exposição das crianças à mídia é, sem dúvida, a mais difícil rebeldia que exige tempo e atenção que a maioria dos pais não têm e não estão dispostos a doar aos seus filhos. Desafiar as normas de conduta impostas pela cultura possibilita garantir a infância aos filhos e a criar “uma elite intelectual”. Os pais que resistem ao espírito da época atual compartilham da manutenção de uma “tradição humanitária”. A nossa sociedade necessita das crianças, mas a nossa cultura está desconsiderando que as crianças necessitam da infância (POSTMAN, 2012, p.167).

E, entre os sujeitos que participam dessas experiências oníricas narradas estão, principalmente, os seus protagonistas, as próprias crianças sonhadoras, que participam ativamente da grande maioria dos seus próprios sonhos. Não são meros expectadores, pois são sujeitos que em seu imaginário onírico denunciam e revelam medos, abandonos e negligência a que são submetidos pela sociedade em suas histórias de vida.

Algumas crianças se envolveram de tal forma com suas narrativas, ou melhor, suas experiências oníricas exerciam sobre elas tal envolvimento, que suas emoções e reações físicas durante suas narrativas não passaram despercebidas. Foram momentos onde muitas crianças reviveram as emoções, medos e temores de quando, em sonho, já as haviam experimentado. Em nossos encontros muitas crianças falavam pela primeira vez sobre suas experiências oníricas com uma outra pessoa. Algumas nem mesmo para as suas mães nunca haviam contado. Eram verdadeiros segredos que nunca tinham sido expostos a ninguém. Por medo talvez de que, falando sobre o assunto, o evento se repetisse, acontecesse de fato na vigília ou mesmo que, através dele, verdades desagradáveis viessem à público. Ou, simplesmente, porque ninguém nunca os tenha lhes dado ouvido e atenção por ser o sonho uma experiência tão desprezada em nossos tempos. O fato é que falta tempo, nos dias de hoje, para ouvir sonhos, principalmente os das crianças.

O silêncio foi a estratégia necessária em vários momentos em que parecia que ele revigorava o (a) narrador (a) para poder continuar em sua empreitada. Foram necessários muitos breves momentos de silêncio e disponibilidade de tempo para retomar a narrativa. Momentos de silêncio são necessários para, talvez, fortalecer o (a) sonhador (a) e poder continuar ou mesmo iniciar sua narrativa, como no sonho *O sequestro de crianças com pesadelo*. Ou mesmo, às vezes tentar entender o que não tem sentido aparentemente, como no sonho *O homem mau*. Muitos momentos de silêncio foram necessários. O medo e a tristeza necessitam do silêncio. Por vezes, um abraço ainda era necessário para completar o silêncio e, então, podermos continuar. Como no momento da narração de *Um sonho que não muda*, quando, de repente, a sonhadora começa a sentir frio, muito frio ou o sonhador que narra *O sequestro de crianças com pesadelo* que, num determinado momento, transpira a ponto do suor pingar pelo seu queixo, ou ainda, o sonhador de *O homem mau* que transpira tanto a ponto de suas mãos ficarem totalmente molhadas. Nem sempre foram momentos fáceis para essas crianças exporem suas experiências. Nem sempre foram momentos fáceis para mim, ouvir essas narrativas.

Depois do (a) próprio (a) sonhador (a), que se envolve em vinte e quatro episódios diretamente, seja como protagonista ou não, a maior participação nas experiências oníricas foi da figura da mãe. Em dezesseis sonhos ela aparece, seja como figura principal ou relevante como no sonho *Um sonho que não muda* ou ainda *A cobra me mordeu*, ou mesmo o sonho *Eu e minha mãe*, ou somente como participante do núcleo familiar do contexto onírico, como no sonho *Eu era jogador de futebol* ou *A casa e a mulher*, que inicialmente a mulher é identificada como sendo a mãe da sonhadora, mas no transcorrer da narrativa esta fica em dúvida sobre a identidade da mulher que não mostra seu rosto.

Os outros membros da família participam constantemente das narrativas. A figura do pai aparece com exclusividade no sonho *O sonho muito lindo* e vai se repetir em mais oito sonhos. Os outros membros da família, como avós, irmãos, primos e primas irão participar em quatorze sonhos.

Pessoas já falecidas ou mesmo que irão nascer, aparecem em, por exemplo *Minha avó*, *O caixão* e *Um sonho muito lindo*, respectivamente.

De um modo geral, a família, com seus diversos integrantes e a casa são participantes constantes das narrativas. É o cotidiano, que transfigurado, serve de cenário para as narrativas oníricas.

Os desenhos também apresentam sujeitos específicos quando, por exemplo em *Um sonho lindo*, a criança, que irá chegar, está representada dentro da barriga da mãe, num desenho onde a transparência, enquanto recurso gráfico, permite isso. Além da representação de uma outra pessoa neste mesmo desenho, uma figura masculina, que se diferencia das demais figuras femininas pelo cabelo. Estaria a menina representando Deus, na figura masculina?

Na observação do conjunto de desenhos, alguns elementos chamam atenção por se repetirem com insistência. Destaco a própria figura do sonhador, retratado em quatorze desenhos. Em seguida, as nuvens, que figuram em seis desenhos, seguida da imagem da casa familiar que aparece em cinco desenhos, do sol, que participa de quatro ilustrações e a rua, as árvores e a TV que participam de três desenhos cada um.

Destaco ainda a utilização restrita das cores na maioria dos desenhos realizados por essas crianças. Apesar de terem à sua disposição diversos e diferentes materiais para colorir, as crianças, após demonstrarem satisfação e um certo encantamento com o material à sua disposição, utilizaram principalmente o lápis de escrever e o seu tom de cinza em seus desenhos. Dos dezessete desenhos realizados, somente sete deles foram considerados como coloridos, utilizando várias cores de forma significativa. Ao verificar a cor que predominava em cada desenho encontrei o cinza, do grafite do lápis de escrever, predominando em doze do total de desenhos. A seguir, o vermelho foi a cor mais utilizada, mas, na maioria das vezes, em pequeninos detalhes, por vezes quase imperceptíveis. Esse grupo de crianças não demonstrou viver num mundo cor de rosa e muito menos num mundo colorido. Foi um sentimento de frustração, um desencantamento com a vida no mundo real, que seus desenhos me provocaram enquanto retratavam suas imagens oníricas.

Em relação aos lugares participantes das narrativas oníricas, a casa se destaca ao servir de espaço onírico para dezesseis sonhos. Sejam as suas próprias casas, as casas de parentes ou mesmo a casa de estranhos que prevalecem em contraponto com a rua. Esta participa em seis sonhos sonhados. Repetindo-se em nosso experimento o mesmo que se deu no trabalho que nos antecedeu e nos motivou, *Aventuras oníricas* (2015), onde a casa também aparece nos sonhos como um lugar que engloba a maior parte das narrativas e do qual corroboro a expressão “casa onírica”. Percebi no conjunto das narrativas que a casa representa o espaço social por natureza, a matriz onde as relações se iniciam e se solidificam através da dependência, da confiança, mas também da violência, do abandono e da espera.

A casa é participante em onze sonhos considerados estranhos pelos próprios sonhadores, em três sonhos considerados como recorrentes e em dois sonhos considerados como recentes. A rua aparece em somente dois sonhos considerados como estranhos, em três sonhos recorrentes e apenas em um sonho considerado como recente.

A casa e a rua enquanto espaços são elementos representativos da vida social brasileira. A casa com a ideia da proteção, de um lugar onde a natureza das relações sociais nela existentes nos faz nos sentir mais humanos, mais amados e seguros enquanto que a rua é onde tudo pode acontecer, onde nada é tranquilo e estável (MARTINS, 2010, p. 66). A rua, enquanto local de movimento, de ida e vinda para o trabalho, lugar de enfrentamentos e competição num anonimato das individualizações, onde encontram-se os desconhecidos, os estranhos, que se contrapõe à casa. A casa é o lugar do reconhecimento, onde as pessoas se encontram e se identificam em suas singularidades, em relações duradouras (DAMATTA, 1986, p. 24-28).

Outros diversos espaços do cotidiano da cidade, como o shopping, o supermercado, o hospital e a escola participam do conjunto das narrativas, mas não com tal representatividade como a casa e a rua se apresentam.

Lugares encantados ou mesmo aterrorizantes pela sua total estranheza e desconhecimento. Lugares desconhecidos e não localizados. A ideia do não lugar, que se apresenta no trabalho anteriormente citado, também aqui se confirma. O não lugar, como esclarece Augé (2012, p.73), como sendo “um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico”. Os não lugares produzidos pela supermodernidade, situação que se caracteriza pelo excesso, seja do tempo, do espaço ou da individualização, são espaços do consumo, da similaridade e da solidão (AUGÉ, 2012, p. 29-42).

As imagens de florestas, campos cheios de árvores e flores, pássaros e lago, participam explicitamente de quatro sonhos, onde três são considerados como recorrentes e um como estranho. Lugar de desejo, que participa naturalmente do imaginário dessas crianças. É nesse espaço onde tudo pode acontecer e, concomitantemente o desconhecido, o perigo, a tranquilidade e a felicidade podem coexistir. Céus cheios de nuvens e estrelas, o sorridente e brilhante sol sempre no canto da folha, fazem parte dos cenários em grande parte dos desenhos apresentados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há aves que levam a vida a dizer: «Ah, se eu quisesse!...» - e nunca levantam voo, só andam. Provavelmente, o melhor ainda será nascer sem asas e fazê-las nascer e alargar à nossa própria custa. Sonhar que voamos é sinal de crescimento. (SARAMAGO, José, 1995).

O estudo sobre os sonhos desperta a curiosidade, propõe questões e modos de compreensões diversas ao homem desde de sempre. Apesar do afastamento da academia pelo tema na sociedade contemporânea, muito se tem contribuído para avançarmos em análises e na constatação de que sonhar faz parte da vida, não é ato falho. Ao dormir e sonhar desconstruímos e reconstruímos nossos fragmentos de resíduos do cotidiano em nossos imaginários oníricos.

Considerando os sonhos do grupo de crianças ouvidas, o estranhamento em suas experiências oníricas é notório e reconhecido por elas próprias. Segundo Martins (2010, p. 76), na maioria das vezes, esse estranhamento é a manifestação inconsciente da impotência diante da vida cotidiana, como esta se apresenta em nosso tempo, e da subtração da identidade do próprio sonhador na vigília. No desencontro com o outro imaginado que é ele próprio, não se reconhece “no espelho da vida, que é o sonho”.

Na supermodernidade, onde tudo é corrido e individualmente vivido, o mal-estar do imaginário onírico desse grupo de crianças é denunciador dos desencontros e da alienação da vida na contemporaneidade, onde o homem parece ter se coisificado frente à vida e já não se reconhece. O consumo material se sobrepõe às relações e as diferentes individualidades coexistem, indiferentes umas às outras, num espaço onde o jogo social é sem sentido, alienado, desprovido de visibilidade e dignidade para a maioria. Um tempo em que o conceito de transcendência, conforme nos esclarece Mondin (1980, p. 263), enquanto experiência sensível, numa relação espacial de superação de algo, se transfere para o sujeito e passa-se ao termo autotranscendência enquanto fenômeno, ou seja, a superação de si mesmo.

No exercício dessa superação de si mesmo o homem enfrenta a morte enquanto limite de sua subjetividade, enquanto realidade dada. A morte, ou o risco eminente da sua ocorrência, foi enfrentada nos sonhos por algumas das crianças

entrevistadas. Nem sempre a própria morte do (a) sonhador (a) se concretizou, mas a de outros e a comunicação com seus entes queridos que já se foram. Mondin (1980, p. 316-317) baseado em diversos estudos, nos diz que é o amor que provoca a esperança na possibilidade da sobrevivência além da morte, que “desvela o mistério da morte”, “que suplanta também a situação-limite da morte” e nos põe em comunicação com aqueles que já se foram desta vida. E, citando Jaspers (1958), Mondin (1980, p. 318) conclui que na imortalidade da alma está o propósito da autotranscendência do homem, que “a imortalidade não é parte do nosso saber, mas riqueza do nosso amor”⁹.

Amor que em nossa sociedade não se multiplica na coletividade, somente na intimidade dos laços estreitos dos espaços familiares. Uma sociedade que não se reconhece e onde o coletivo é fragmentado por questões de classes sociais desde que os europeus aqui chegaram. Uma sociedade onde as crianças, nossos curumins, como nos esclarece Mary Del Priore (2015, p. 104-105) desde do século XVI, desde nosso tempo de colônia, eram obrigadas a uma formação cristã adequada às “tradições culturais e costumes sociais e educativos” europeus.

Há mais de quinhentos anos nossas crianças, principalmente das classes populares, desde nossos pequenos índios, têm sua formação social interceptada por toda forma de violência tácita ou explícita que muitas vezes dissolve ou mesmo destrói suas famílias. Evidenciando ainda nos dias atuais “triste realidade num Brasil, onde a formação moral e intelectual, bem como os códigos de sociabilidade, raramente aproxima as crianças de conceitos como civilidade e cidadania” (DEL PRIORE, 2015, p.105).

O professor Roberto Gambini (1996, p.3-4) retoma a ideia de que na história brasileira foi o índio que teve destruída sua cultura através da imediata catequização e escravização. Tomando como objeto de análise nosso país e nossa psique, nos diz que a “alma ancestral brasileira” “se desenvolve a partir da negação da ancestralidade, historicamente em 1500”, a partir da intervenção dos jesuítas. Tendo realizado sua constatação a partir da análise das correspondências escritas pelos jesuítas no decorrer do século XVI, as quais considera como “os primeiros documentos brasileiros, a semente de nossa literatura e de nossa consciência coletiva cristã”.

Gambini (1996, p.5) destaca ainda que é pela educação que devemos modificar a história distorcida de nossa origem. Ensinar que o “Brasil não foi

⁹ JASPERS, K. *L'immortalité de l'âme*, Neuchâtel, 1958, p.51.

descoberto, mas ocupado”, que nossos mitos e as culturas indígenas, enfim o conhecimento da alma ancestral precisa se disseminar pelo Brasil. Conhecimento que provocará o imaginário das crianças com suas imagens de cobras, onças e arco-íris, onde “os espíritos da floresta, as maravilhas, os terrores e as metamorfoses que jazem desativados no fundo do inconsciente de todos nós” e outros conceitos e valores se desenvolverão naturalmente entre as novas gerações. Conseqüentemente, questionamentos sobre questões ambientais, sociais e sobre “que modelo de país é esse que nos subjuga” será resultado do estado em que se encontrará o imaginário da nova geração, que se alimentará de imagens, e não “de um doutrinamento ideológico e político”.

Em outras palavras, está no trabalho pedagógico desenvolvido pela escola, a possibilidade de um movimento no qual o imaginário do habitante dessa terra possa ser resgatado. Seguindo as provocações do professor Gambini, entendemos que a escola, que não aparece no conjunto dos sonhos analisados como sendo um lugar significativo no imaginário onírico desse grupo de crianças, mas, tão somente, como o lugar onde esses sonhos foram coletados, revividos, interpretados e representados em imagens, deva ser o espaço social, por excelência, de possibilidades de rebeldia. O espaço de formação onde o imaginário, as imagens da “alma ancestral brasileira”, a imaginação possa se libertar das amarras do cotidiano, das impossibilidades que frustram a construção de um país humanizado, onde as crianças sejam respeitadas e lhes seja respeitado seu tempo de ser criança. Independentemente de sua classe social, sua etnia ou crença religiosa, poderem estar neste mundo em segurança, tendo a sociedade e não somente, e muitas vezes desqualificadamente, a família como sua protetora.

O dia em que qualquer pessoa olhar uma criança na rua e percebê-la como um ser de sua total responsabilidade, independentemente de ser seu parente ou não, de sua etnia, de sua classe social, quando o(a) professor(a) perceber e reconhecer, antes de tudo e qualquer conteúdo programático, como sujeito, aquele com quem se relaciona todos os dias, procurando conhecer suas necessidades e interesses, quando atrever-se a revolucionar seu fazer pedagógico com uma postura de mediador do conhecimento do outro em sala de aula, então estaremos formando pessoas para mudar este país. Fazer deste lugar um espaço de solidariedade e discussão, de democracia e cidadania, de sujeitos de direitos.

Alguns poderão argumentar que seria impossível pessoas que não foram formadas nestas perspectivas administrarem suas práticas num caminho diverso do

qual foram treinadas. Professores, devemos nos atrever, revolucionar nosso fazer pedagógico, tentar e agir. Devemos questionar sempre nossas práticas pedagógicas, as dificuldades pelas quais passamos em nosso cotidiano escolar e buscar condições e conhecimentos para preparar as gerações que realizarão as mudanças necessárias. Estes, por sua vez, estarão aptos a provocarem as gerações seguintes para que se fortaleçam e sigam na busca de novas, positivas e maiores mudanças. Somente assim, conseguiremos verdadeiramente formar nosso povo, como Nilda Teves (1992, p. 84) nos esclarece, como sendo um conjunto de pessoas que se reconhecem.

Os sonhos infantis foram abordados em diferentes estudos psicológicos e psicanalíticos, com diversos objetivos. Também sociólogos, antropólogos, filósofos, entre outros, utilizaram os sonhos em seus estudos. Está mais do que na hora de nós professores, pedagogos, também criarmos formas de os utilizarmos para conhecermos melhor nossos alunos e suas necessidades, seus medos e seus interesses. Muitas dificuldades terão que ser superadas para que a análise das narrativas oníricas e dos seus respectivos desenhos se transformem em instrumento pedagógico.

Não estou sugerindo que os professores se transformem em psicólogos ou atuem como psicanalistas de seus alunos. Mas que busquemos este conhecimento como ferramenta, como forma de poder melhor conhecermos nossos alunos para melhor encaminharmos nossas discussões e experiências pedagógicas. O homem só se realiza por meio do conhecimento e da aceitação do seu inconsciente – conhecimento que se adquire por intermédio dos sonhos (JUNG, 2016, p.9).

Cada sonho é uma mensagem direta, pessoal e significativa enviada ao sonhador. Uma comunicação que se utiliza de símbolos comuns a toda a humanidade, mas sempre de maneira individual. E que só alcança interpretação por meio de um “código” inteiramente peculiar. Não podemos desperdiçar o conhecimento do conceito de inconsciente como sendo, como nos ensinou Jung (2016, p.10), “pelo menos a metade do ser total” e que suas manifestações “são da maior importância para quem sonha”, pois “oferece-lhe, quase sempre, conselhos e orientações que não poderiam ser obtidos de qualquer outra fonte”.

Cabe lançar mão do imaginário como caminho de conhecimento do outro, de nós mesmos e de nossos alunos. Saber o que sonham nossos alunos nos ajudará a conhecê-los melhor e a tê-los mais próximos de nós, com maior confiança e intimidade e, assim, com maiores possibilidades de intervenções positivas em suas

aprendizagens e propostas de atividades que sejam de seu interesse, mesmo que inconscientemente.

Trata-se, como sugeriu Gasparello (2006), de utilizar a psicologia analítica como uma das ferramentas na orientação da formação de professores onde a preocupação com a dimensão subjetiva do docente e dos alunos também esteja incluída.

Uma das dificuldades a serem superadas para uma proposta tão intimista, talvez a primeira, seja o número de alunos em sala de aula. Precisamos modificar o modo de projetarmos o espaço da sala de aula para que ele venha a ser um espaço de troca de experiências e conhecimento do outro, um lugar onde se consiga ouvir uns aos outros. Um lugar de diálogo. Não podemos mais nos relacionar com uma multidão todos os dias. Numa proposta pedagógica de alunos enfileirados, onde somente um (a) fala e os (as) outros (as) escutam e obedecem, copiam e repetem. Um lugar onde todos estão fazendo a mesma atividade durante todo o tempo, como se todos ali não fossem especiais em suas diferenças, interesses e necessidades.

O que ainda hoje percebemos, geralmente, é que nas raras atividades de desenhos nas salas de aula, principalmente conforme vão avançando nos anos iniciais, as imagens ali disponibilizadas não são criadas e interpretadas, mas reproduzidas e distribuídas para serem, no máximo, coloridas ou quando mesmo utilizadas em preto e branco, pois falta material e compreensão da necessidade da mudança da prática e vontade política e pedagógica para isso. É preconizada a cópia, a reprodução e não o imaginário, a criação, o conhecimento. O silêncio e não o pensamento posto em palavras, em linguagens.

Precisamos de uma escola do diálogo e do movimento, da criação e da identificação, da percepção e do conhecimento do outro, do carinho nas relações e do interesse e atenção ao outro, muito ao contrário da escola do silêncio ou da mordação que nos querem impor. Estou falando de amor, sem o qual nunca será possível uma prática tão especial. É Paulo Freire que inspira este pensamento:

Não importa com que faixa etária trabalhe o educador ou a educadora. O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando, mas, porque gente, capaz de negar os valores, de distorcer-se, de recusar, de transgredir. Não sendo superior nem inferior a outra prática profissional, a minha, que é a prática docente, exige de mim um alto nível de responsabilidade ética de que a minha própria capacitação científica faz parte. É que lido com gente. Lido, por isso mesmo, independentemente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as esperanças tímidas, às vezes, mas às vezes, fortes, dos educandos. Se não posso, de um lado, estimular

os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa a problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna. Desde que não prejudique o tempo normal da docência, não posso fechar-me a seu sofrimento ou a sua inquietação porque não sou terapeuta ou assistente social. Mas sou gente. (FREIRE, 1996, p.144).

O fazer pedagógico é uma prática de pessoa para pessoa, de inter-relações. Como nos ensina Freire (1996, p.145), a prática pedagógica, no espaço escolar, deve ser compartilhada. As pessoas em suas inconcretudes, curiosidades, conhecimentos e ignorâncias são sujeitos “que, não podendo passar sem ética” ao mesmo tempo são capazes de transgredi-la.

Enfim, nesta dissertação procuramos visibilizar as narrativas oníricas de dez crianças de Duque de Caxias, oferecendo uma via de acesso aos imaginários infantis, cujo potencial pedagógico pode ser explorado tanto nas salas de aula da educação básica, como na formação de professores. Esperamos que este estudo venha a inspirar ações no campo da educação e, quiçá, na gestão e política pública, contribuindo para a garantia dos direitos de crianças e adolescentes na baixada fluminense.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Alzira Batalha. Prefácio. In: ALBERTO. Armanda Álvaro (Org.). **A Escola Regional de Meriti**: documentário: 1921-1964; [Autores] Alberto J. Sampaio...[et al.]. Brasília: Inep, CEPEMHEd, 2016. Disponível em: <<http://www.publicacoes.inep.gov.br/portal/download/1805>>. Acessado em: 08 ago. 2016.
- ANDRADE, Carlos Drummond. Uma escola viva. In: ALBERTO. Armanda Álvaro (Org.). **A Escola Regional de Meriti**: documentário: 1921-1964; [Autores] Alberto J. Sampaio...[et al.]. Brasília: Inep, CEPEMHEd, 2016, p. 135-138. Disponível em: <<http://www.publicacoes.inep.gov.br/portal/download/1805>>. Acessado em: 08 ago. 2016.
- ARAÚJO, Moysés Xavier de. Apresentação. In: ALBERTO. Armanda Álvaro (Org.). **A Escola Regional de Meriti**: documentário: 1921-1964; [Autores] Alberto J. Sampaio...[et al.]. Brasília: Inep, CEPEMHEd, 2016, p. 23-26. Disponível em: <<http://www.publicacoes.inep.gov.br/portal/download/1805>>. Acessado em: 08 ago. 2016.
- ARAUJO, Fernando Cesar de. O imaginário Onírico: perspectivas antropológicas. **V Reunião de Antropologia do Mercosul – V RAM GT IX – Antropologia, trabalho de campo e subjetividade: desafios contemporâneos**. Florianópolis, 30 novembro a 03 de dezembro de 2003. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/arti/colab/vram2003/a13-fcaraujo.pdf>>. Acessado em: 26 jun. 2015.
- ARAÚJO, Alberto Felipe; ARAÚJO, Joaquim Machado. **Imaginário Educacional**: figuras e formas. Niterói: Intertexto, 2009.
- _____. Do imaginário e da sua pedagogia. In: ARAÚJO, Alberto Felipe; ARAÚJO, Joaquim Machado. **Imaginário Educacional**: figuras e formas. Niterói: Intertexto, 2009, p. 41-65.
- _____. Da imaginação. In: ARAÚJO, Alberto Felipe; ARAÚJO, Joaquim Machado. **Imaginário Educacional**: figuras e formas. Niterói: Intertexto, 2009, p. 23-40.
- ARAÚJO, Joaquim Machado. Imaginário, Educação e cultura. In: ARAÚJO, Alberto Felipe; ARAÚJO, Joaquim Machado. **Imaginário Educacional**: figuras e formas. Niterói: Intertexto, 2009, p. 141-158.
- ARIÈS, Phillipe. **História social da criança e da família**; tradução de Dora Flaksman. – 2.ed. – [Reimpr.] – Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- BACHELARD, Gaston. **Filosofia do novo espírito científico**: a filosofia do não. Lisboa: Presença, 1972.
- _____. **O direito de sonhar**. Tradução de: José Américo Motta, Pessanha, Jacqueline Raas, Maria Isabel Raposo, Maria Lúcia de Carvalho Monteiro. São Paulo: DIFEL, 1985.
- _____. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antonio de Pádua Danesi, 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. 9ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BASTIDE, Roger. Sociologia do sonho. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. In: CAILLOIS, Roger; GRUNEBAUM, G. E. van (Orgs.). **O sonho e as sociedades humanas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978., p.137-148.

_____. **Sociologia e psicanálise**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.

BAHBHA, Homi k. **O local da cultura**. Tradução de: Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reias, Gláucia Renati Gonçalves. Elo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edit., 1998.

BRELICH, Angelo. O papel dos sonhos no universo religioso dos gregos. Tradução de Celeste Maria Jardim de Moraes. In: CAILLOIS, Roger; GRUNEBAUM, G. E. van (Orgs.). **O sonho e as sociedades humanas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978., p. 215-222.

CAILLOIS, Roger. Prestígios e problemas do sonho (a imagem onírica). Tradução de Júlio Castañon Guimarães. In: _____; GRUNEBAUM, G. E. van (Orgs.). **O sonho e as sociedades humanas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978., p.27-49.

CHAMBOULEYRON, Rafael. Jesuítas e as crianças no Brasil quinhentista. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). **Histórias das crianças no Brasil**. 7 ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015. p. 55-83.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Tradução Vera da Costa e Silva...[et al.]. – 28ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

COHN, Clarice. Concepções de infância e infâncias: um estado da arte da antropologia a criança no Brasil. **Civitas**, Revista de Ciências Sociais, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 211-234, 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/15478/10826>. Acessado em 18 ago. 2016.

CORSARO, William. *The Sociology of Childhood*. Thousand Oaks, Calif.: Pine Forge Press, 1997.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DEL PRIORE, Mary. O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império. In: _____ (Org.). **Histórias das crianças no Brasil**. 7 ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015. p. 84-106.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Sociologia da infância: pesquisa com crianças. **Educ. Soc. Campinas**, v. 26, n.91, p.351-360, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acessado em 18 ago. 2016.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arqueologia geral; tradução de Hélder Coutinho. 4ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

DUVIGNAUD, Jean; DUVIGNAUD, Françoise; CORBEAU, Jean-Pierre. **El Banco de Los Suenos**: Ensayo antropológico del soñador contemporáneo. Tradução de Jorge Ferreira Santana. México, Fondo de Cultura Económica, 1981.

FERREIRA, Nilda Tevês; EIZIRIK, Marisa Faermann. Educação e imaginário social: revendo a escola. **Em aberto**, ano 14, n.61, p. 5-14. jan/mar. 1994. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1939/1908>> Acessado em: 07 jan. 2017.

FOUCAULT, Michael. **A doença mental e a psicologia**. São Paulo, Tempo brasileiro, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 54ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 38ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREUD, S. O interesse científico da psicanálise. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XIII, 1996, p. 169-192. Rio de Janeiro: Imago.

FURTH, Gregg M. **O mundo secreto dos desenhos**: uma abordagem junguiana da cura pela arte. Tradução de Gustavo Gerheim. São Paulo: Paulus, 2004.

GAMBINI, Roberto. **Por uma Educação com alma**. Palestra apresentada no encontro inaugural dos Fóruns da Aliança pela Infância - em 15 de março de 2008, no Auditório do MASP, SP. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ND9Kto-hev4>>. [Arquivo de vídeo on line, *YouTube*]. Acessado em: 01 jul. 2016.

GAMBINI, Roberto. Uma breve reflexão sobre o outro. **Psicologia**, USP, São Paulo, v.5 n. 1/2, p. 335-339, 1994.

_____. **A alma ancestral do Brasil**. Escola de Diálogo. São Paulo, 1996. Disponível em: <http://escoladedialogo.com.br/escoladedialogo/index.php/alma-ancestral/> Acessado em 17 out. 2016.

_____. Com a cabeça nas nuvens. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 149-159, ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072010000200010&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 18 ago.2016.

GASPARELLO, Vânia Medeiros. Subjetividade e formação de professores: algumas reflexões a partir da psicologia analítica. **Revista E-Curriculum**, São PaUuo, v.2, n. 3, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/ecurriculum>>. Acessado em: 18 abr. 2016.

HILMAN, Débora. **Dream work and field word**: Linking cultural anthropology and the current dream work movement. In: Uilman, M. (org.). *The variety of dream experience*. England: Crucible, 1989, p.117-141.

JAMES, Alison; JENKS, Chris; PROUT, Alan. **Theorizing childhood**. Cambridge: Polity Press, 1998.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. (Org.). **O homem e seus símbolos**. 3ª ed. Especial. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

KADARÉ, Ismail. **O Palácio dos Sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LATOURETTE, B. **We have never been modern**. Hemel Hempstead: Harvester/Wheatsheaf, 1993.

LEMOS, Ana Paula Soares e outros. **Aventuras oníricas**: experiências pedagógicas em narrativas, textos e imagens. Salvador: Pontocom; Duque de Caxias: UNIGRANRIO, 2015. Disponível em: <<http://www.editorapontocom.com.br/l/36/Aventuras-on%C3%ADricas>>. Acessado em: 27 dez. 2015.

LIMA, Jorge dos Santos. **A perfeição da justiça em Platão** uma análise comparativa entre a alegoria da linha dividida e os personagens d'A República. 2007. 111 folhas. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Natal, RN, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/16443/1/JorgeSL.pdf>>. Acessado em: 19 jun. 2016.

MAFFESOLI, Michel. O Imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº15, ago. 2001, p. 74-81. <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123/2395>>. Acessado em 23 out. 2014.

MARCÍLIO, Maria Luíza. A criança abandonada na história de Portugal e Brasil. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). **Histórias das crianças no Brasil**. 7 ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015. p. 55-83.

MARTINS, José de Souza. (Org.). **(Des)figurações**. A vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. O senso comum e a vida cotidiana. **Tempo Social**. São Paulo, v.10, n. 1, p. 01-08, maio de 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701998000100001&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 17 out. 2014.

_____. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 2ª edição. Rev. e ampl., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

MEIER, Carl Alfred. O sonho na Grécia antiga e seu emprego nas curas no templo (a incubação). Tradução de Glória Vaz. In: CAILLOIS, Roger; GRUNEBaum, G. E. van (Orgs.). **O sonho e as sociedades humanas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p.223-238.

MEIHY, José Carlos Sebe B. Para sonhar uma outra história. In: BORGES, Fernando Tadeu de Miranda; PERARO, Maria Adenir (Orgs.) e outros. **Sonhos e pesadelos na história**. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato: EdUFMT, 2006, p. 331-346.

_____; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral:** para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

_____; HOLANDA, Fabíola. História oral: como fazer, como pensar. 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

MÈREDIEU, Florence de. **O desenho infantil.** Tradução de Álvaro Lorencini, Sandra M. Nitrini. 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível.** Tradução de José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

MONDIN, Battista. **O Homem, quem é ele?** Elementos de antropologia filosófica. Tradução de R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. São Paulo: Paulus, 1980.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário:** Ensaio de antropologia. Tradução de; Antônio-Pedro Vasconcelos. Lisboa: Moraes Editores, 1970.

OLIVEIRA, Amurabi. A meninice no pensamento de Gilberto Freyre. **Política & Trabalho**, Rev. de Ciências Sociais, n. 43, julho/dezembro de 2015, p.203-218.

PACI, Enzo. Para uma análise fenomenológica do sono e do sonho. Tradução de Celeste Maria Jardim de Moraes. In: CAILLOIS, Roger; GRUNEBaum, G. E. van (Orgs.). **O sonho e as sociedades humanas.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978., p. 119-125.

POSTIC, Marcel. **O imaginário na relação pedagógica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

POSTIMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Tradução de Suazana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 2012.

_____. **O fim da educação:** redefinindo o valor da escola. Tradução de José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

PROUT, Alan. Reconsiderando a nova sociologia da infância. Tradução de: Fátima Murad. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 141, p.729-750, set/dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n141/v40n141a04.pdf>> Acessado em 18 ago. 2016.

PROVEDEL, Daniela; PRISZKULNIK, Léia. Freud e os sonhos de crianças. **Estilos clin.**, SãoPaulo, v.13, n.25, dez. 2008. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282008000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 30 out. 2015.

RAMOS, Fábio Pestana. A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). **Histórias das crianças no Brasil.** 7 ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015. p. 19-54.

RIBEIRO, Darcy. Fala aos moços. Carta: falas, reflexões, memórias. Brasília, Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, n.12, p. 7-10, 1994a. In: GOMES, Cândido Alberto. **Darcy Ribeiro.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 210.

Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4696.pdf>>. Acessado em: 09 jan. 2017.

SARAMAGO, José de Souza. **Cadernos de Lanzarote II**. Editora Companhia das Letras, 1999.

SARMENTO, Manoel Joaquim. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. **Centro de Estudos da Criança**, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2003. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/11165-As-culturas-da-infancia-nas-encruzilhadas-da-2a-modernidade.html>>. Acessado em: 18 jun. 2016.

_____. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v.12, n. 21, p. 51-69, 2003.

_____. Gerações e alteridade: Interrogações a partir da sociologia da infância. **Educ. Soc.** [online]. 2005, vol.26, n.91, pp.361- ISSN 0101-7330. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302005000200003>. Acessado em: 18 jun. 2016.

SCARANO, Julita. Criança esquecida das Minas Gerais. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). **Histórias das crianças no Brasil**. 7 ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015. p. 107-136.

TEIXEIRA, Aria Cecília Sanchez. Pedagogia do imaginário e função imaginante: redefinindo o sentido da educação. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v.9, n.2, p. 215-227, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1461/11106>>. Acessado em 25 ago. 2016.

TEVES, Nilda (org.). **Imaginário Social e Educação**. Rio de Janeiro: Gryphus, Faculdade de Educação da UFRJ, 1992.

VALÉRY, Paul. Estudos e fragmentos sobre o sonho. In: **Variedades**. Tradução de João Alexandre Barbosa. São Paulo: Iluminuras, 1999.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WIDLÖCHER, Daniel. **Interpretação dos desenhos infantis**. Tradução de Zeferino Rocha. Petrópolis, RJ: Edit. VOZES, 1971.

APÊNDICE A – ROTEIRO / ORIENTAÇÃO PARA AS ENTREVISTAS

1. Leitura dialogada da história infantil “Onde moram os sonhos? ”
2. Sonho Recente: você se lembra de algum sonho recente, o último sonho que você sonhou, que pudesse nos contar? Dê um título para este sonho que você acabou de nos contar.
3. Sonho Estranho: você se lembra de algum sonho estranho, que você sonhou, que pudesse nos contar? Dê um título para este sonho que você acabou de nos contar.
4. Sonho Recorrente: você se lembra de algum sonho recorrente que pudesse nos contar? Um sonho que sempre se repete, que você sempre sonha, que você já conhece e, quando está sonhando, você até se lembra que já viveu aquele momento outras vezes, que já sonhou aquilo antes. Dê um título para este sonho que acabou de nos contar.
5. Finalização: Para finalizar sua participação, a criança será convidada a presentear a “Feiticeira da Terra dos Sonhos”, a personagem da história que motivou o início da atividade, colaborando para repovoar a Terra dos Sonhos, realizando um desenho sobre seus sonhos narrados. Esta atividade, de natureza facultativa, contará com seu valor lúdico para finalizar o trabalho com os sujeitos da pesquisa. Estes desenhos também serão utilizados nas análises realizadas em nosso estudo.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE E ESCLARECIDO

(De acordo com as normas da Resolução CNS nº 196, do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da saúde, de 10/10/96)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“NARRATIVAS ONÍRICAS INFANTIS: REVELANDO IMAGINÁRIOS NA SALA DE AULA”**.

Você foi selecionado(a) por fazer parte do grupo de alunos do 4º ano desta escola municipal de Duque de Caxias participante deste estudo. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição na qual você estuda.

Este projeto tem por objetivo principal documentar as subjetividades que participam das relações em sala de aula, através das narrativas oníricas do grupo de crianças participantes. Sua participação nesta pesquisa consistirá em relatar seus sonhos. Esclarecemos ainda que os riscos relacionados com a sua participação são inexistentes, e os benefícios ao participar desta pesquisa estão na oportunidade de contribuir para um estudo acadêmico com suas próprias experiências e, ao mesmo tempo, participar de uma atividade lúdica.

Todas as informações sobre sua participação nesta pesquisa são confidenciais e sigilosas. Este estudo tratará do conjunto das narrativas. Os dados não serão tratados de forma a possibilitar sua identificação mantendo a identidade dos participantes em sigilo.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o(a) senhor(a), podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento com a pesquisadora profa. Jussara Teixeira Quarteu no endereço profissional, Rua Prefeito José Carlos Lacerda, 1422 – 25 de Agosto – Duque de Caxias ou no telefone (21) 2653-5735.

Jussara Teixeira Quarteu

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNIGRANRIO, localizada na Rua Prof. José de Souza Herdy, 1.160 – CEP 25071-202 telefone (21) 2672-7733 – ENDEREÇO

ELETRÔNICO: cep@unigranrio.com.br

Rio de Janeiro, __ de _____ de 20____.

Sujeito da pesquisa – Aluno/Aluna do 4º ano

Pai/Mãe ou Responsável Legal

APÊNDICE C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____, CPF _____

RG _____, responsável legal pelo (a) aluno(a) _____

_____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), **AUTORIZO**, através do presente termo, a pesquisadora **Jussara Teixeira Quarteu** do projeto de pesquisa intitulado **“NARRATIVAS ONÍRICAS INFANTIS: REVELANDO IMAGINÁRIOS NA SALA DE AULA”** a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da pesquisadora da pesquisa, acima especificada, obedecendo ao que está previsto nas leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei Nº 8.069/1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei Nº 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004).

Rio de Janeiro, ___ de _____ de 20 ____.

Jussara Teixeira Quarteu

Sujeito da pesquisa– Aluno/Aluna do 4º ano

Pai/Mãe ou Responsável legal

APÊNDICE D - CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO SEDIADORA DA PESQUISA

O pesquisador deverá anexar ao projeto, carta de autorização da instituição sediadora da pesquisa. **A Carta de Anuência deve ser elaborada em papel timbrado da instituição emitente**, contendo função ocupada, assinatura e carimbo oficial do responsável pela instituição. Nesta carta deve constar a concordância do responsável pela instituição em aceitar o pesquisador ou o grupo de pesquisadores para desenvolverem o trabalho dentro da instituição tendo, assim, os direitos assegurados. *Vide* modelo abaixo.

CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO SEDIADORA DA PESQUISA

(MODELO)

Declaramos, para os devidos fins, que concordamos em disponibilizar o(s) setor(es) _____ desta Instituição, para o desenvolvimento das atividades referentes ao Projeto de Pesquisa, **“NARRATIVAS ONÍRICAS INFANTIS: REVELANDO IMAGINÁRIOS NA SALA DE AULA”**, da pesquisadora **JUSSARA TEIXEIRA QUARTEU** sob a responsabilidade da **PROFESSORA DR^a CLEONICE PUGGIAN** do curso de **PÓS-GRADUAÇÃO EM HUMANIDADES, CULTURAS E ARTES, MESTRADO ACADÊMICO, STRICTO-SENSU**, da

Universidade do Grande Rio, pelo período de execução previsto no referido Projeto.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20____.

Nome, por extenso, do responsável pelo setor

Cargo e/ou função que exerce na instituição

Assinatura e Carimbo

CPF

E-mail

APÊNDICE E – CÓPIA DO LIVRO “ONDE MORAM OS SONHOS”



© Jussara Quarteu e Cleonice Puggian
Direitos de publicação reservados pela Editora UNIGRANRIO.

Capa: Allan Campos e Cleonice Puggian
Edição: Cleonice Puggian

FICHA CATALOGRÁFICA

Onde moram os sonhos?

Jussara Quarteu
Cleonice Puggian

Ilustrações

Allan Campos
Ziron Desenhos

Trim! Trim! Trim!!



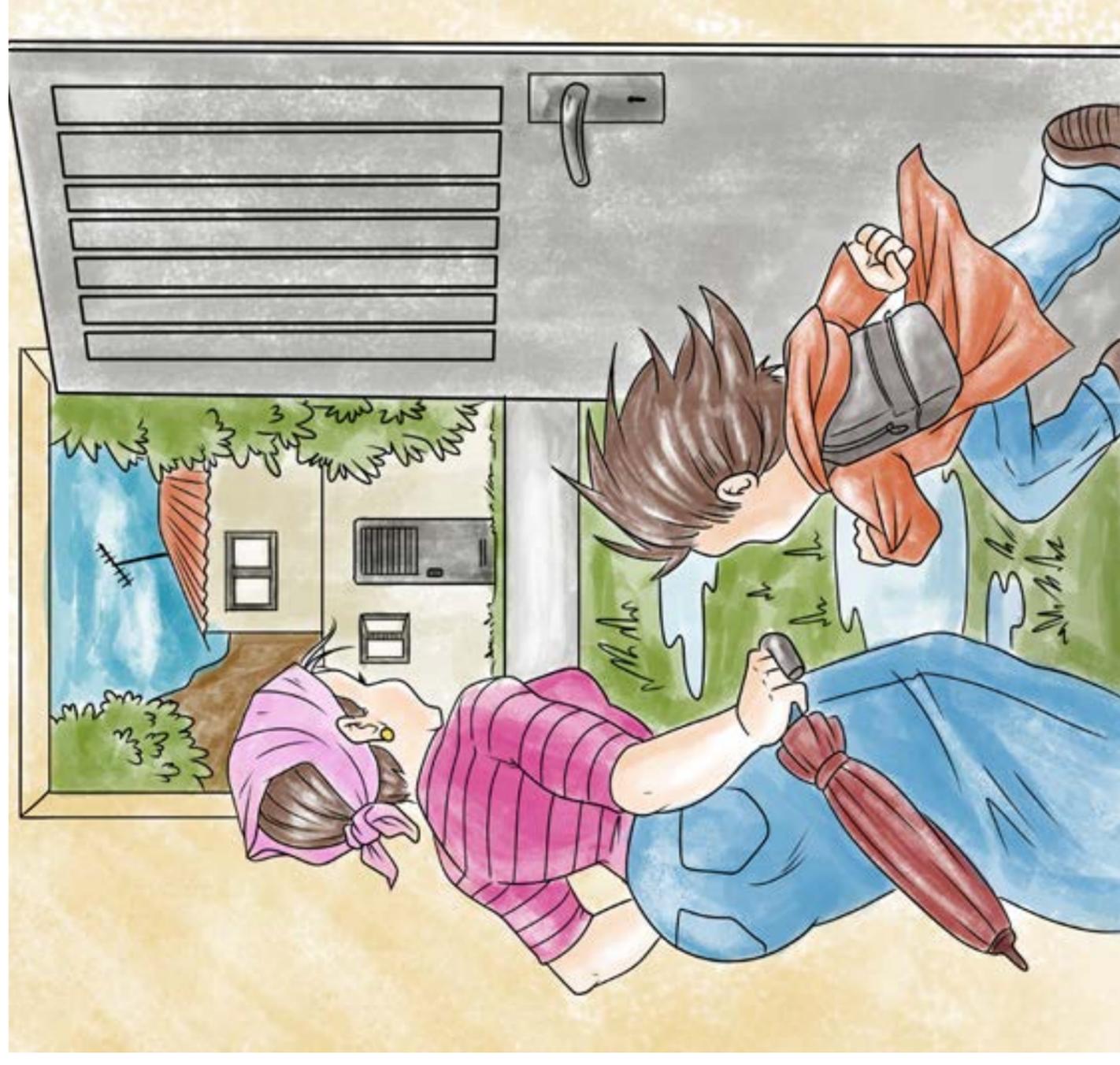
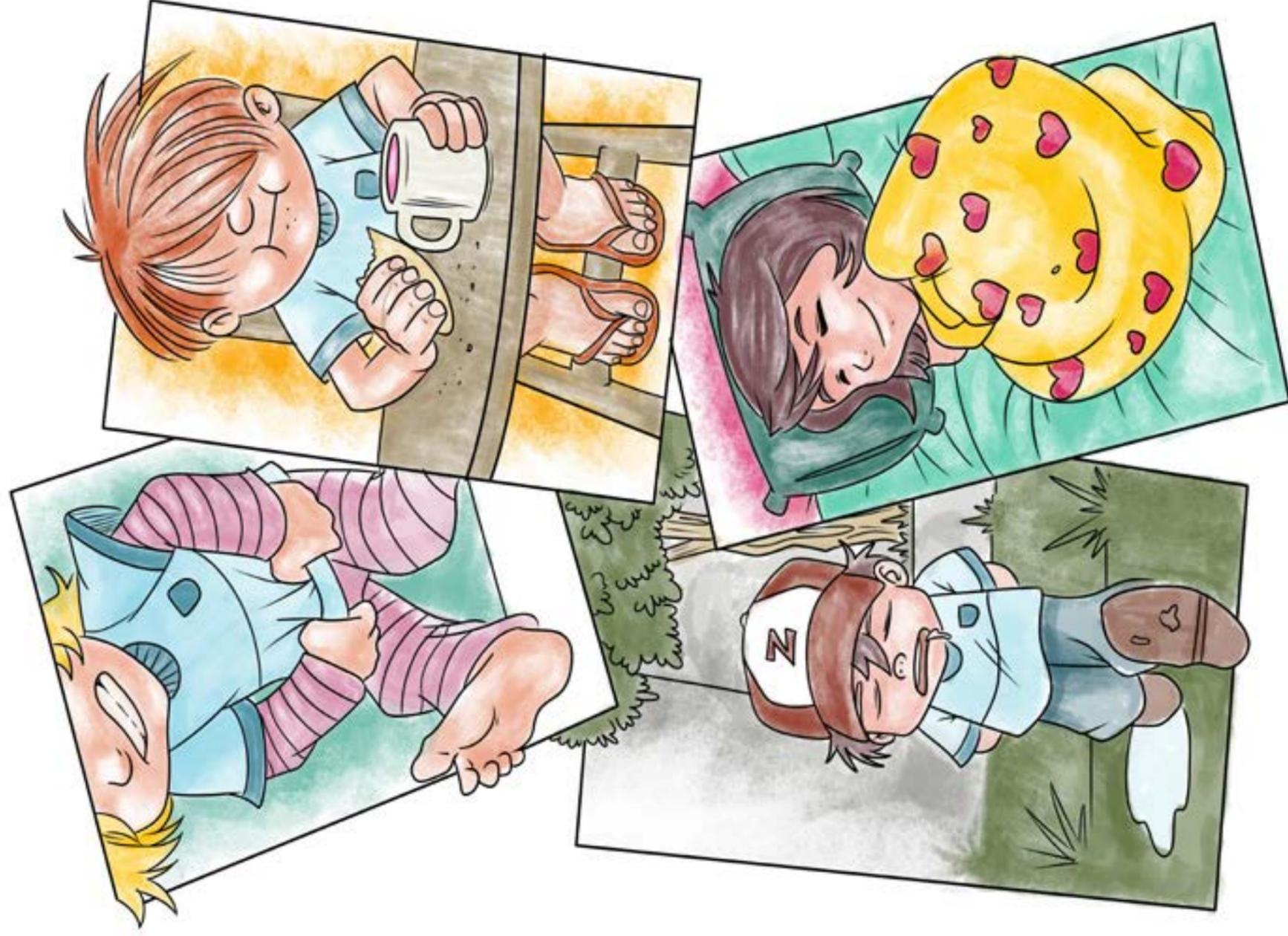
Hora de acordar! Espreguiçar! Levantar!
Correr para o banheiro! Tomar banho!
Escovar os dentes! Colocar o uniforme!
Tomar o café da manhã!



E o tempo parece que disparou a correr!

E, ainda por cima, está chovendo...

- Rápido Zeca, o transporte já chegou!
Vamos aproveitar que a chuva parou!



- Quando sair vá direto pra casa! Não dê conversa pra ninguém na rua! Grita a mãe montada na moto táxi.



Na escola, a professora Margarida, sempre com um sorriso no rosto, cumprimenta a todos os alunos que vão entrando na sala de aula. Quando todos se sentam em seus lugares, ela começa:

- Bom dia! Como passaram a noite? Dormiram bem?

- Dormi muito, professora! - Respondeu Carlos Henrique, muito simpático.

- Fui dormir às 10 horas, professora. Comentou João, já com todo o seu material arrumado em cima da mesa.

- Mas também dormi à tarde, depois do almoço. É tão bom dormir!



A professora lembra e comenta:

- Eu estava tão cansada que nem consegui terminar de assistir ao jogo de futebol com meu marido. Dormi sentada no sofá! Nem sei ainda qual foi o resultado do jogo!

Foi quando o Otávio, que estava debruçado em cima da mesa, meio cochilando, com a mochila ainda pendurada nos ombros, gritou:

- Eu vi! Vi até o final, professora! O meu time ganhou, professora! Foi 2 a 1!



- Eu saí com a minha mãe, professora. Faltou timidamente, Maria Dolores. Uma menina com os cabelos cheios de tranças e enfeites.

- Nós chegamos em casa muito tarde! Eu nem sei que horas eram. Vim no ônibus dormindo e minha mãe me acordou só na hora de descer do ônibus. Disse Dolores, com um lindo sorriso.

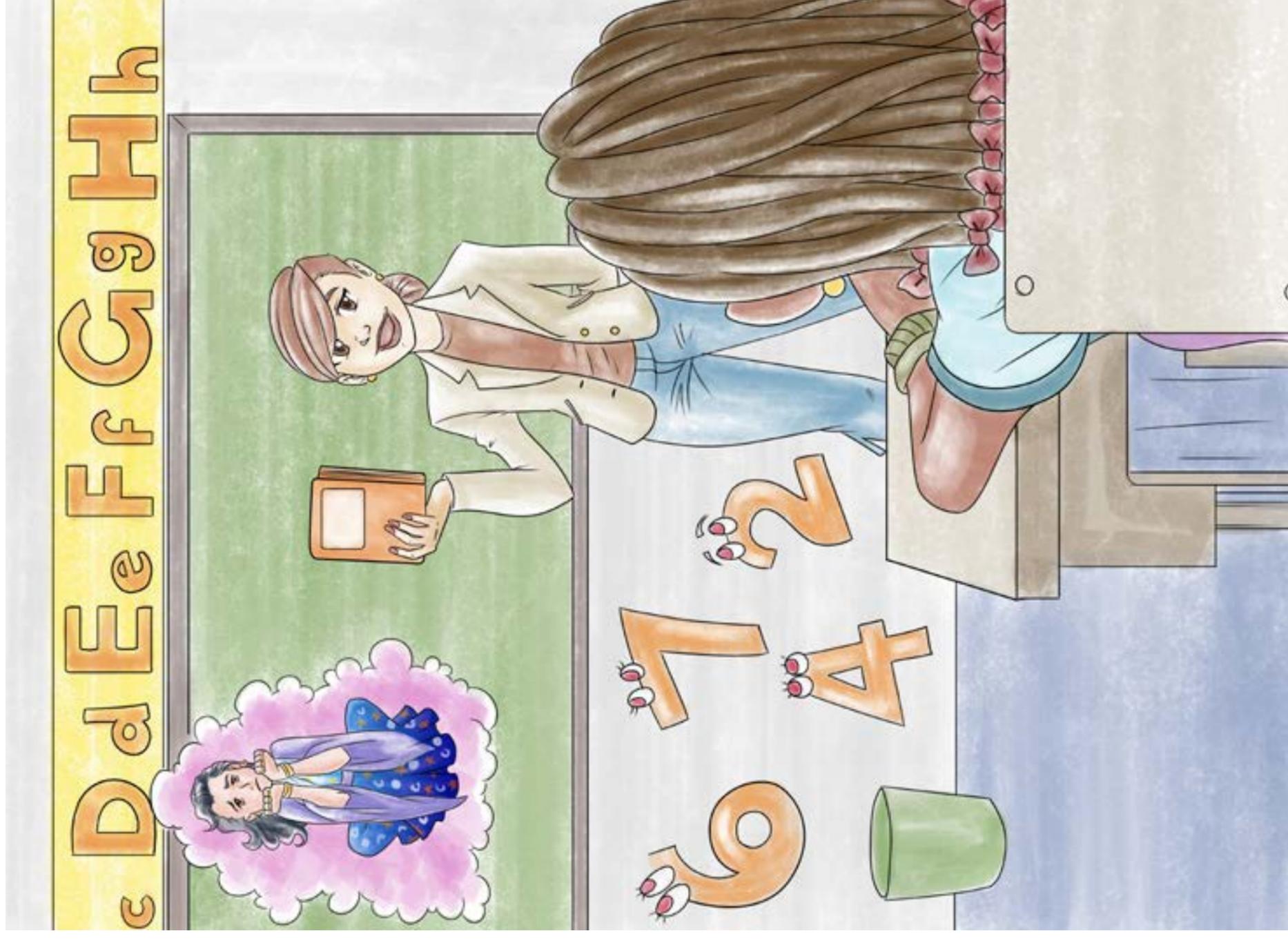
- E onde você foi com sua mãe, Dolores, para chegar tão tarde? Numa festa?! – Perguntou a professora.

- Fui na festa da minha igreja, professora. Minha mãe ajuda na igreja. Respondeu Dolores.



No canto da sala, invisível, triste e desanimada, estava a Feiticeira da Terra dos Sonhos Sonhados. Seu trabalho era cuidar para que as pessoas não deixassem de sonhar e contar os sonhos noturnos. Caso falhasse, ela e toda a Terra dos Sonhos Sonhados poderiam desaparecer!

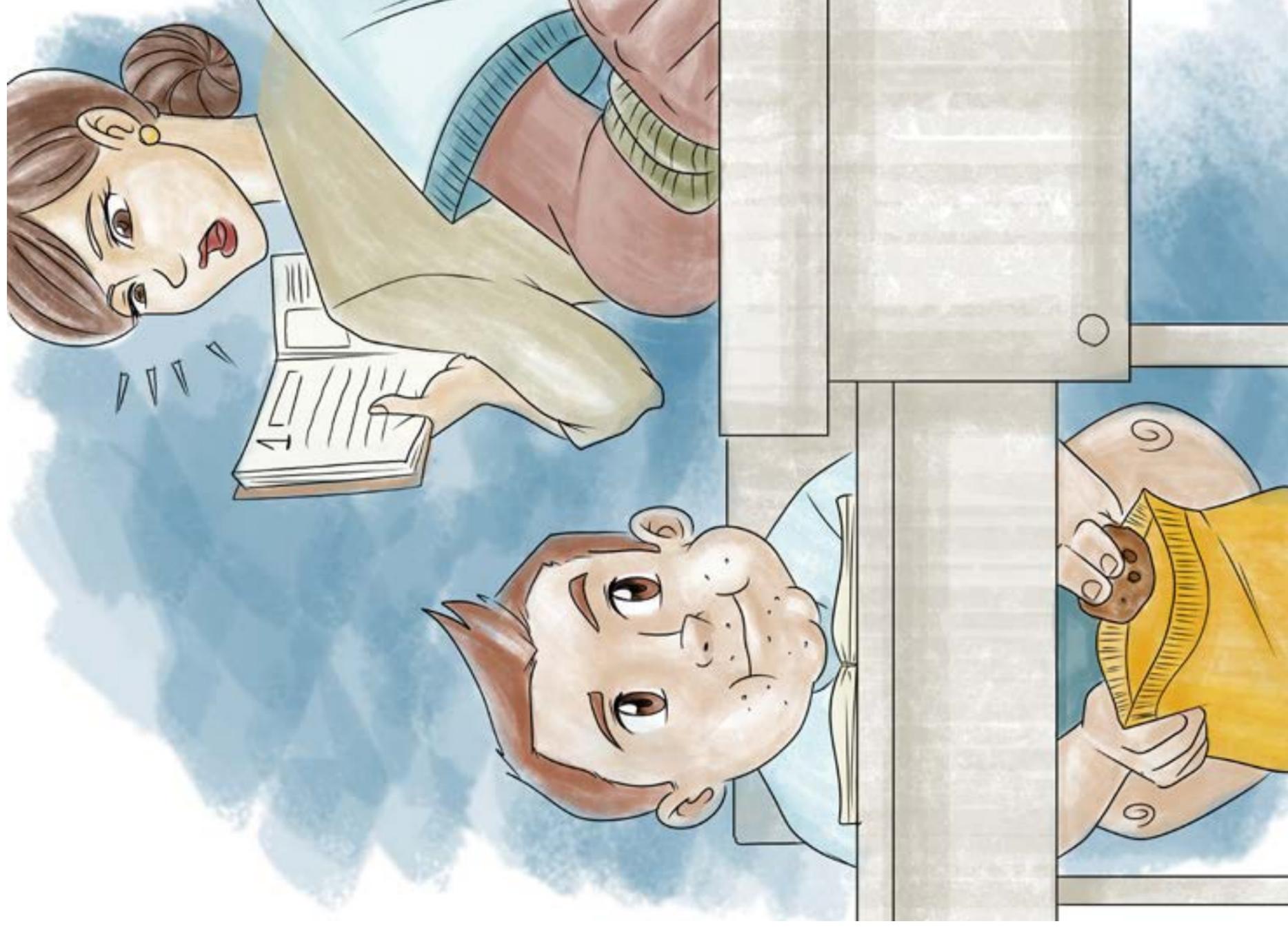
Exclamou entristecida: _ Por que nenhum aluno se lembrou dos sonhos!?



A professora reparou que Luiz Gustavo, muito guloso, já estava comendo todo o biscoito que havia trazido para a hora da merenda, escondido debaixo da mesa.

Pediu que o menino guardasse o pacote de biscoitos, porque ainda não estava na hora do lanche.

O menino, meio sem graça, guardou o biscoito e debruçou-se por cima do caderno, fingindo começar a escrever.



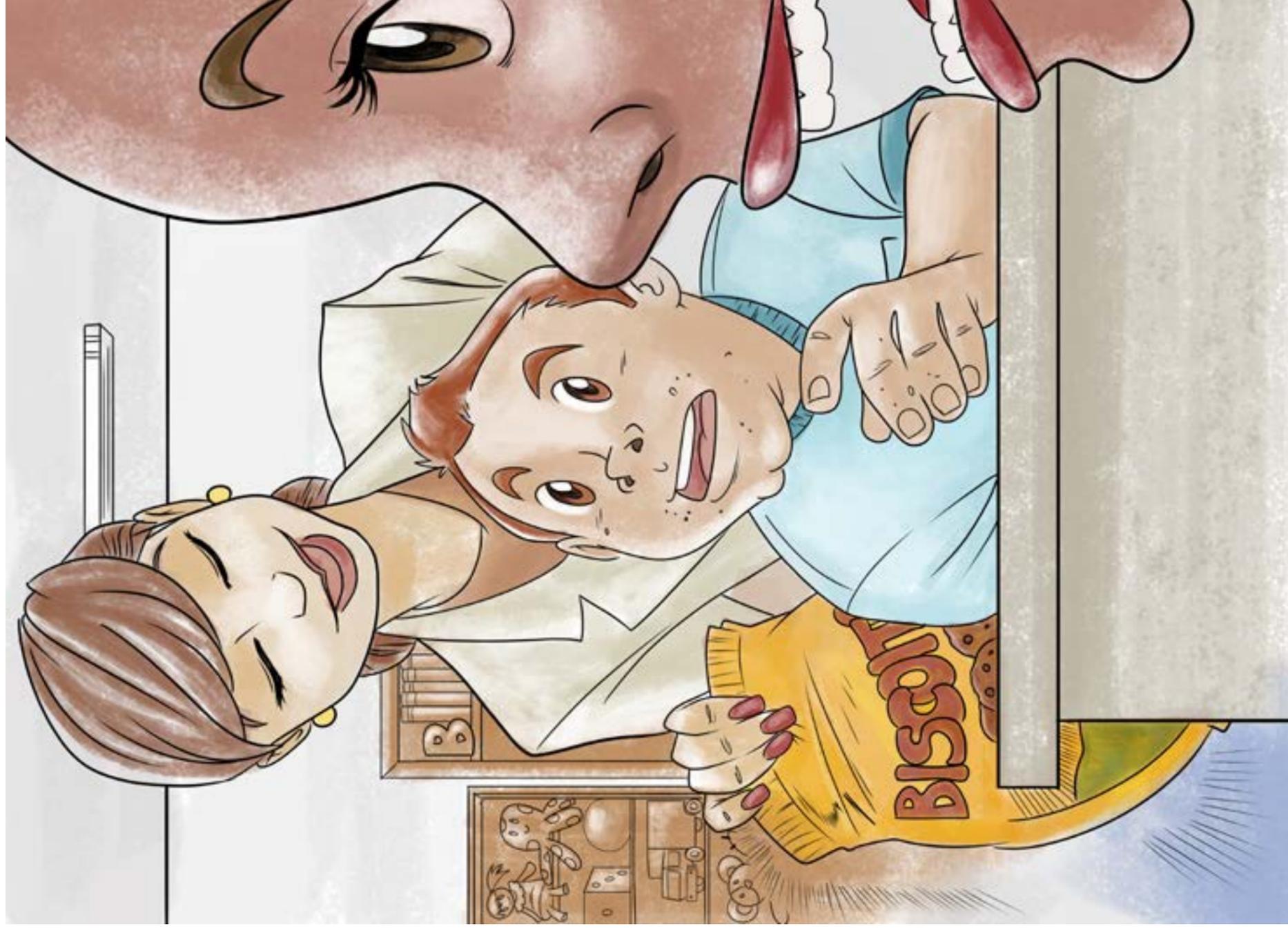
A professora aproveitou para questioná-lo:

- Luiz Gustavo, por que você está com tanto sono? Você está se sentindo bem? A que horas você foi dormir ontem?!

- Não sei, professora. Acho que eram duas ou três horas da manhã, professora. Respondeu o menino, meio sem jeito, envergonhado.

- E o que você ficou fazendo acordado até tão tarde? Quis saber a professora.

- Fiquei jogando videogame com o meu padrasto.



Enquanto isso, a Feiticeira da Terra dos Sonhos Sonhados, em um canto da sala de aula, escutava as explicações das crianças e esperava que alguém, uma criança pelo menos, lembrasse dos sonhos sonhados.

De repente, abriu um sorriso quando a professora perguntou:

- E você, Guilherme? Teve bons sonhos? —
- Afinal, ela não esqueceu dos sonhos! —
Animou-se a Feiticeira.



- Eu sonhei hoje, professora! Aliás, eu sonho sempre! – Respondeu o menino.

- Que bom que você sonhou, Guilherme! Tem tanto tempo que eu não sonho. Ou pelo menos, há muito tempo eu não me lembro dos sonhos... – Comentou a professora Margarida, pensando em como sua vida, tão agitada, já não lhe permitia lembrar de seus sonhos.

- Quando eu era criança tinha muitos sonhos. Eu era como você. Estava sempre sonhando... - Disse a professora Margarida.



A Feiticeira da Terra dos Sonhos Sonhos-
dos, torcia para que ela continuasse com o
assunto...

- Qual foi o meu último sonho? Deixe-me
pensar...

- E o sonho que eu vivia sempre a sonhar...?
O sonho que nunca vai me abandonar...? E
tem aquele sonho esquisito que às vezes dá
medo só de lembrar...?!



Nesse momento, a Feiticeira da Terra dos Sonhos lembrou do tempo em que a professora Margarida era mais jovem. Um tempo em que ela não vivia correndo tanto, trabalhando tanto e tão cansada. Era muito divertido quando Margarida, suas irmãs e amiguinhos contavam seus sonhos uns para os outros. E, para a felicidade da Feiticeira, a professora continuou a falar com as crianças:

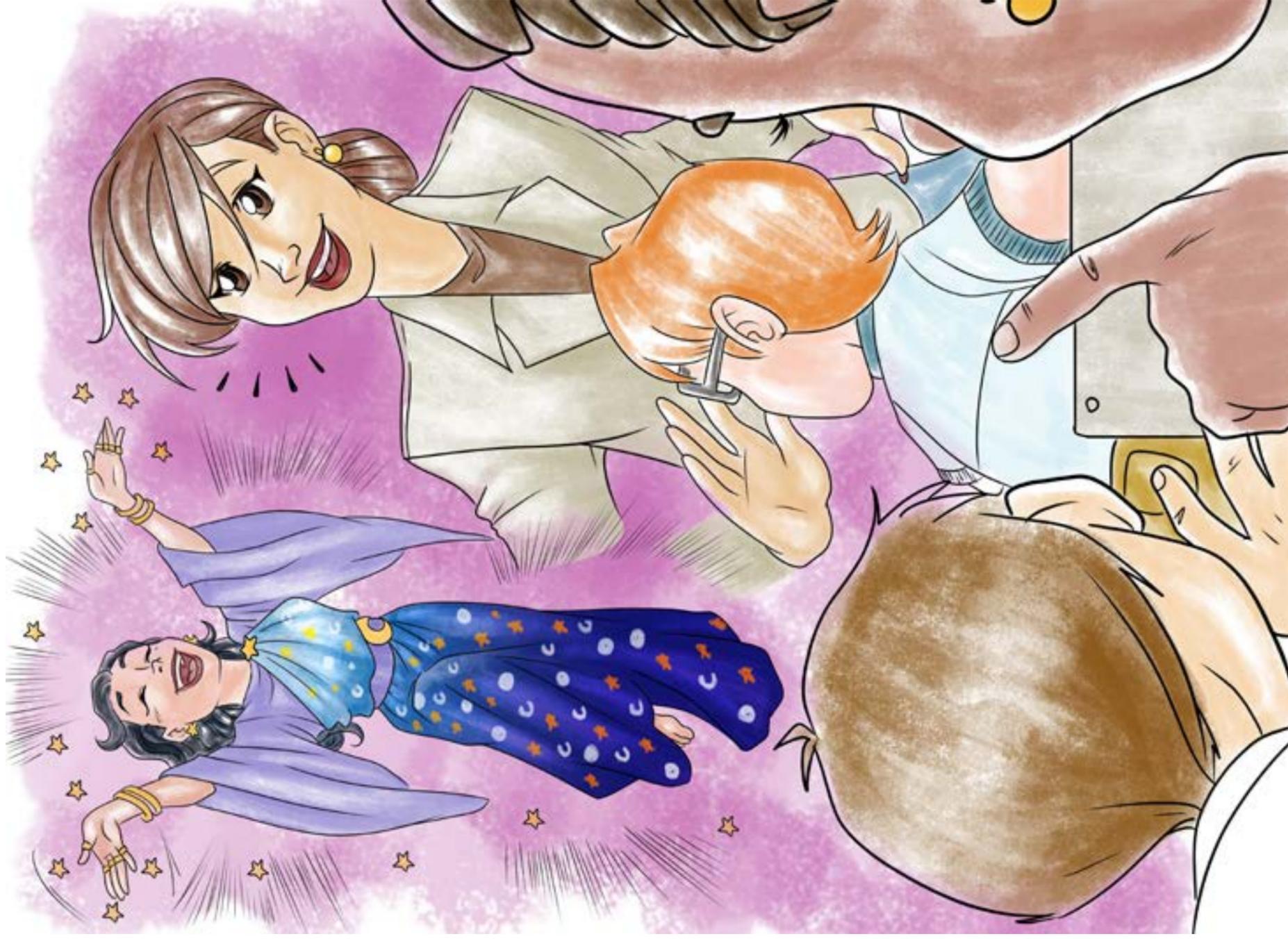
- Houve um tempo que eu sonhava muito. Eu sonhava todos os dias. Quando eu sonhava, vivia muitas histórias legais. Sonhava coisas que pareciam impossíveis!





A Feiticeira da Terra dos Sonhos Sonhos estava realizada! Radiante!

Finalmente sua querida Margarida lembrou dos sonhos sonhados!



A Feiticeira da Terra dos Sonhos Sonhados agora estava feliz! Já não estava mais abandonada. Os sonhos já não mais estavam esquecidos.

As pessoas acabam se prendendo às engrenagens de uma vida de acordar, ir, voltar, correr, trabalhar, estudar, comprar, pagar, receber, comer, rir, chorar, deitar e na hora de dormir...

E o que acontece na hora de dormir? No momento do sono? Os sonhos podem alegrar esses momentos e até mesmo nos mostrar a vida. Não lembrar dos nossos sonhos é deixar de viver um pedaço da vida...



A Feiticeira da terra dos Sonhos decidiu, então, visitar o mundo real e conversar com as crianças. Ela queria chacoalhar a memória delas em busca desses sonhos esquecidos, ou guardados na memória... E encher novamente seu baú com a lembrança dos sonhos... com as quais ela povoará a Terra dos Sonhos Sonhados!



E você, lembrou de algum sonho que queira contar?

Seu último sonho! Você se lembra?

Aquele sonho que nunca te abandona, que você está sempre a sonhar?!

E aquele sonho esquisito, muito estranho?! Você quer contar?!

